



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Ciências da Educação
Especialização em Educação para a Saúde

Dissertação

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na
Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção

Elsa de Jesus da Fonseca Viana

Orientador:

Professor Doutor Daniel Sampaio

Co-Orientadora:

Professora Doutora Maria Margarida Santana Fialho Sim-Sim

Janeiro 2013

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Ciências da Educação
Especialização em Educação para a Saúde

Dissertação

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na
Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção

Elsa de Jesus da Fonseca Viana

Orientador:

Professor Catedrático Dr. Daniel Sampaio

Co-Orientadora:

Professora Coordenadora Maria Margarida Santana Fialho Sim-Sim

Janeiro 2013

Agradecimentos

Aos meus pais que sempre me incentivaram a perseguir e conquistar o que me faz feliz e me torna numa pessoa melhor.

Ao meu irmão que sempre sorriu para mim quando percebia que estava preocupada. Pela ajuda sempre que precisei.

Aos meus sobrinhos, que apesar de reclamarem que tinha menos tempo para brincar com eles, percebiam que a tia estava a fazer os trabalhos de casa para a Universidade.

A toda a minha família que sempre me apoiou e me deu uma palavra de incentivo e carinho para continuar.

Aos meus amigos e às minhas amigas, Adriana, António, Carla, Cristiana, Eunice, Filipe, Inês, Isabel, João, Lau, Lena, Sílvia, Sónia, Taninha e Tânia, sempre presentes com sorrisos ou para ajudar na minha apoquentação.

Aos meus amigos da brigada do mojito, que apesar de estar muitas vezes indisponível para os convívios, demonstraram curiosidade e apoio nesta minha aventura.

A todos/as colegas, amigas e amigos, que me apoiaram e demonstraram interesse pelo meu trabalho e ajudaram a implementar esta iniciativa no nosso local de trabalho.

A todos os alunos que participaram e preencheram os questionários, demonstrando as suas atitudes e opiniões.

À Professora Margarida Sim-Sim, que pela sua paciência não desistiu de mim, nem do meu trabalho, observando nas minhas manifestações e apresentações, capacidades que eu própria não vislumbrava.

Ao Prof. Doutor Daniel Sampaio, que demonstrou interesse pelas minhas ideias, quando apenas eram, ainda, castelos no ar.

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção

Resumo

A adolescência é um processo de crescimento e desenvolvimento bio-psico-social para o indivíduo. Ao determinar a educação sexual na escola (ESE) pela legislação atual portuguesa, estão reunidas as condições para a organização e implementação de programas específicos, de acordo com o nível de desenvolvimento. A atual proposta de intervenção assume os adolescentes como sujeitos com vivências e experiências, que devem ser tidas em consideração na estruturação das estratégias a implementar. Foram recolhidas informações sobre as atitudes dos adolescentes face à educação sexual na escola, com as influências do programa educativo aplicado e do estado de enamoramento/paixão. Após a implementação do programa, recolheram-se novas informações, que confirmaram as atitudes positivas dos adolescentes nos dados iniciais, configurando-se desta forma um estudo no formato antes-depois, sem grupo controlo, sendo que as atitudes manifestadas incentivam a continuidade da ESE.

Palavras-chaves: Adolescência, Atitudes, Educação Sexual, Sexualidade

Abstract

Adolescence is a growing process and bio-psycho-social development for the individual. By determining sexual education in school (ESE), at the actual Portuguese legislation, are gathered the conditions for the organization and implementation of specific programs, according to the developing stage. The intervention proposal sees adolescents as subjects with livings and experiences, which must be taken in consideration in the structure of the strategies to be implemented. Were collected information related to their attitudes regarding sexual education in school, with the influence of the organized program and the being in love/passion status. After the program implementation, new information was collected, which confirmed the initial data, thus setting up a study, before-after format, without the control group. The attitudes expressed that ESE should be encouraged to continue.

Keywords: Adolescence, Attitudes, Sex Education, Sexuality

Índice

| | |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| CAPÍTULO 1. ENQUADRAMENTO DA INVESTIGAÇÃO | 9 |
| 1. Introdução | 9 |
| 2. Pertinência do estudo | 14 |
| 3. Limitações | 17 |
| CAPÍTULO 2. CONTEXTO TEÓRICO DA INVESTIGAÇÃO | 19 |
| Secção I - Conceptualização da Educação Sexual..... | 20 |
| 1.1 A Educação e Sexualidade | 20 |
| 1.2 Educação Sexual | 23 |
| 1.3 Agentes de Educação Sexual | 24 |
| Secção II – Princípios Orientadores da Educação Sexual em Portugal..... | 31 |
| 2.1 Educação Sexual na Escola | 31 |
| 2.2 Regulamentação da Educação Sexual em Meio Escolar: | 32 |
| 2.3 Atitudes dos Adolescentes Face à Educação Sexual..... | 36 |
| Secção III – Desenvolvimento Afetivo-Sexual dos Adolescentes..... | 39 |
| 3.1 Desenvolvimento Adolescente | 39 |
| 3.2 Construção da Identidade Sexual | 40 |
| 3.3 Aquisição de Competências Relacionais na Interação entre Pares .. | 42 |
| 3.4 Enamoramento e Paixão | 44 |
| CAPÍTULO 3. - Desenvolvimento da Pesquisa | 47 |
| Secção I - Desenho da investigação | 47 |
| 1.1 Hipóteses do Estudo | 47 |

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1.2 Tipo de Estudo..... | 47 |
| 1.3 Caracterização sociodemográfica | 48 |
| 1.4 Instrumento de Recolha de Dados..... | 49 |
| 1.4 Procedimentos | 49 |
| 1.5.1 Variáveis Explicadas de Resultado ou Critério | 50 |
| 1.5.2 Variáveis de Intervenção de Exposição ou Explicativa..... | 53 |
| Secção II – Resultados | 56 |
| 2.1 Atitudes Face à Educação Sexual no Âmbito das Variáveis Sociodemográficas | 56 |
| 2.2 Atitudes Face à Educação Sexual e Relação com a Paixão | 62 |
| 2.3 Efeito do Programa de Educação Sexual Sobre as Atitudes Face à Educação Sexual..... | 63 |
| 2.4 Relação entre a Paixão e as temáticas preferidas da Sexualidade Humana..... | 65 |
| 2.5 Avaliação do programa na perspectiva dos estudantes | 67 |
| Secção III - Conclusões | 69 |
| 3.1 Discussão dos Resultados | 69 |
| 3.2 Considerações Finais..... | 76 |
| 3.3. Sugestão para a Educação para a Saúde – Programa de Educação Sexual em meio escolar..... | 80 |
| Referências Bibliográficas | 83 |

Índice de Figuras

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1. Cronograma de legislação sobre educação sexual e planeamento familiar..... | 35 |
|--------------------------------------------------------------------------------------|----|

Índice de Gráficos

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1. Atitudes Globais Face ES de Acordo com o Agregado Familiar. | 57 |
| Gráfico 2. Atitude Confiante na ES de Acordo com o Agregado Familiar. | 57 |
| Gráfico 3. Atitude Disponível para a ES de Acordo com o Agregado Familiar.... | 58 |
| Gráfico 4. Atitudes Globais Face ES de Acordo com Curriculum. | 59 |
| Gráfico 5. Atitude Confiante na ES de Acordo com o Curriculum..... | 59 |
| Gráfico 6. Atitude Disponível para a ES de Acordo com o Curriculum. | 60 |
| Gráfico 7. Atitudes Globais de acordo com a Idade. | 61 |
| Gráfico 8. Atitudes Confiança de acordo com a Idade | 61 |
| Gráfico 9. Atitudes Disponibilidade de acordo com a Idade. | 62 |
| Gráfico 10. Médias das Atitudes Globais Face à Educação Sexual Antes da Aplicação do Programa (1ºTempo). | 64 |
| Gráfico 11. Médias das Atitudes Globais Face à Educação Sexual Após Aplicação do Programa (2ºTempo). | 64 |
| Gráfico 12. Níveis de Paixão de acordo com as temáticas categorizadas através da Portaria nº nº196-A 2010. | 66 |

Índice de Tabelas

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1. Análise Fatorial de Componentes Principais | 51 |
| Tabela 2. Médias das Atitudes Face à Educação Sexual de Acordo com o Sexo | 56 |

Tabela 3. Tempo 1º da aplicação do questionário sobre as atitudes dos adolescentes face ESE 62

Tabela 4. Tempo 2º na aplicação do questionário sobre as atitudes dos adolescentes face à ESE 63

Índice de Quadros

Quadro 1. Número de alunos por oferta formativa. 48

Quadro 2. Distribuição dos Tópicos Categorizados conforme Portaria nº196-a/2010. 65

Quadro 3. Distribuição das frequências mais representativas das Temáticas preferidas da Sexualidade Humana. 66

CAPÍTULO 1. ENQUADRAMENTO DA INVESTIGAÇÃO

1. Introdução

A Educação é um direito dos portugueses, estando confiado ao Estado a promoção da sua democratização através da acessibilidade à escola, numa perspetiva de formação em igualdade de oportunidades. Em Portugal, evoluindo de um projeto de sociedade iniciado em 1910 com a Primeira República, a Educação tem sido influenciada pelo suceder de mudanças político-sociais, por correntes pedagógicas e metodologias diversas e na medida do desenvolvimento de competências que proporciona, constitui um bem fortemente implicado na construção da pessoa. A Saúde, nomeadamente a Saúde Escolar tem raízes anteriores (i.e. 1901), inicialmente numa perspetiva sanitarista, à qual se foi acrescentando a observação do desenvolvimento dos estudantes, vacinação e controlo de infeções. Mais recentemente, uma visão de informação e formação, centrada no estudante, deu corpo à Educação para a Saúde (Rocha, Marques, Figueiredo, Almeida, Batista & Almeida, 2011). De fato, o direito e proteção da Saúde, orientados nomeadamente para a infância e juventude, constituem letra expressa na lei fundamental portuguesa.

Na Educação em Portugal, alguns aspetos têm sofrido maior impulso, como é o caso da Educação Sexual na Escola (ESE), na ideia de bem-estar, vida saudável, individual e coletivamente responsabilizada, antecipando conjunturas para mais e melhor cidadania. A ESE tem sido fruto de diversas considerações e diplomas legais, entendendo-se que, como componente da Educação, deve ser ministrada através de programas e no contexto do desenvolvimento da Pessoa objeto da ação formativa. Não tendo vingado a primeira tentativa da sua organização em 1971 (Rocha et al, 2010), a implementação legal ocorreu em 1984 e é atualmente uma vertente regulamentada no ensino português.

No conjunto dos países europeus, a implementação da ESE possui um historial de mais de meio século, mostrando o pioneirismo dos países do Norte (i.e. Suécia 1955) e uma introdução mais tardia a Sul (i.e. Espanha e Portugal), iniciada nos últimos 20 anos. Diferentes concepções das orientações sobre a educação sexual, no sentido curricular, atravessam este longo período. Inicialmente abordada com conotação de ameaça e risco, numa vertente proibitiva, é atualmente vista de maneira holística, na convicção de que os jovens devem ser apoiados e enriquecidos de forma a capacitar-se para uma sexualidade responsável, segura e satisfatória (WHO, 2010).

A ESE tem como meta auxiliar a Pessoa em desenvolvimento, quer seja a criança, o adolescente ou o jovem, a tomar decisões progressivamente mais responsáveis nos seus relacionamentos interpessoais. Tomar a ESE como tema informativo a ministrar, absorta de conteúdos alusivos a sexo, é redutor e não promove o desenvolvimento (Sanders & Swinden, 1995). As pessoas em formação necessitam de orientação para refletir, compreender, selecionar e assimilar a informação a que estão sujeitos no meio que os rodeia, em particular, na faixa etária da adolescência, numa aceção conceptual que a define como o período entre os 10 e os 19 anos (WHO, 1999). Dada a progressiva autonomia e natural desvinculação parental (Reichert & Wagner, 2007), as características do desenvolvimento individual biopsicológico e social, nomeadamente no primado da pertença aos pares e subcultura dominante (Sprinthall & Collins, 1994), enfatiza-se a ESE como fator promotor de vivências equilibradas da sexualidade, na medida não só da sua compreensão como da modelação de comportamentos e atitudes. O professor, na sua ação de pedagogo, estabelece a ponte entre o conhecimento a adquirir e o aluno. Ao introduzir o estudante no processo de aprendizagem e ao ajudar o desenvolvimento do seu pensamento, promove posturas positivas e é mediador de atitudes.

As atitudes constituem concepções ou disposições para avaliar favorável ou desfavoravelmente os objetos, as pessoas, os acontecimentos ou propriedades de todos estes. Formam-se progressivamente ao longo da vida, resultando de experiências e comportamentos aprendidos (López & Fuertes, 1999; Reis & Vilar, 2004). A conceptualização das atitudes é uma vasta área da Psicologia Social, sendo o modelo triplo de constituintes o mais conhecido (i.e.

cognitivo, afetivo e comportamental). As atitudes não são observáveis diretamente, estão latentes, explicando a relação entre a situação psicológica interna e a reação do sujeito, inferindo-se a partir dos seus comportamentos. Na sua essência, o termo atitude, sugere tendência para ação, impregnada das experiências pessoais resultantes do meio, condicionada em simultâneo pelos fatores individuais da personalidade. Ou seja, a forma como se reage em relação a pessoas, objetos ou situações, é definida por predisposições psicológicas do indivíduo, desenvolvidas pelas suas vivências e manifestadas pelos seus comportamentos tanto verbais, como não-verbais. Na sua essência, produzem um julgamento avaliativo duradouro (Gil 2006; Lima, 2010). As atitudes estão presentes nas mais diversas situações, podendo tomar-se no contexto da ESE, no âmbito do processo ensino-aprendizagem em s adolescentes.

A aprendizagem define-se “*com a aquisição e construção de conhecimentos*” (Barros de Oliveira, 2010), que ocorre de forma passiva ou ativa do aluno. O estudante é inicialmente um recetor passivo de informação, que evolui para um construtor de conhecimento pela memorização e aplicação da teoria em contextos práticos. Assim a aprendizagem é a aquisição, construção e memorização de conhecimentos. Nesta perspetiva, a aprendizagem deve resultar da motivação/curiosidade dos alunos (Brunner s/d, citado por Sprinthall & Sprinthall, 1993, Barros de Oliveira, 2010) com a exploração das diferentes perspetivas e para a aquisição de competências. Facilita assim o processo de integração social, retribuindo reciprocamente para a sobrevivência da espécie. Este argumento orienta também a educação sexual, baseando-se na aquisição de competências para a vivência da sexualidade de forma saudável, bem como, influencia as atitudes dos adolescentes, prevenindo os riscos.

O futuro da ESE será adequar os comportamentos e atitudes dos adolescentes, compreendendo as diversidades intrínsecas: as físicas e emocionais; e as extrínsecas: as de origem sociocultural (Collins & Sprinthall, 1988). Se os adolescentes manifestam atitudes positivas perante a inclusão da ESE no currículo escolar (Matos & Sampaio, 2010), deve dirigir-se esse interesse e motivação para atingir com sucesso os objetivos. Na perceção das atitudes perante a ESE, não se podem excluir as atitudes referentes à sexualidade. A forma como é vivida e sentida a sexualidade individualmente, influencia as atitudes face à ESE (Puerto, 2009).

Uma das oportunidades para exploração da identidade e intimidade sexual, tanto na forma individual como na interação com os pares, surge com a integração da ESE na escola, no 2º/3º ciclo do ensino básico. Os programas de ESE, necessariamente adequados à faixa etária, acompanham o crescimento e progressiva maturação afetivo-sexual dos adolescentes, os seus interesses e contextualização no ambiente que os rodeia e oferece oportunidades. Nesta envolvente, o grupo de pares altera-se, tornando-se em grupos mistos, onde emergem as possibilidades de relacionamentos afetivos (Matos & Sampaio, 2009). Estas relações estabelecem-se na proximidade das interações, surgindo sentimentos, associados a impulsos físicos. Isto é, numa combinação de domínios bio-psico-sociais, o adolescente está disponível para encetar aprendizagens e experiências da sexualidade, que terão repercussões imediatas e a longo prazo na sua vida.

Um bulir de sensações, de sentimentos, a que não são estranhas a curiosidade por experiências afetivo-sexuais, começa a fazer parte das vivências nesta fase de transição. Um misto de fatores sociais, psíquicos e hormonais determina a emergência dos comportamentos sexualizados (Bancroft, 1989). Surpreendidos pelo desejo, os adolescentes reconhecem-se interessados em aproximações físicas, experimentam incertezas afetivas, num processo de enamoramento, podendo entrar em pensamentos obsessivos, sentindo atração inexplicável por alguém em particular. Ou seja, experimentam o fenómeno do Enamoramento conduzindo porventura à Paixão, que na intensidade que lhe é inerente, deixa memórias na vida afetiva. O Enamoramento consistirá numa fase prévia a que se sucede a Paixão, emocionalmente tempestuosa, podendo oferecer momentos de grande satisfação ou desânimo, reconhecendo-se que na adolescência é particularmente empolgante (Hatfield, 1986; Alberoni, 1997). Contudo, os sentimentos, a afetividade, a atitude de cada um dentro da relação, oferecem uma infinidade de possibilidades para o desenvolvimento afetivo-sexual, ou seja a vivência de diferentes formas, de acordo com o potencial próprio e a interferência do envolvente. Nesse envolvente também está o professor como agente da ESE, que poderá influenciar, através de modelos mais ou menos informais, os processos de ensino-aprendizagem da sexualidade.

No equilíbrio entre as novas vivências do adolescente e também o interesse por conhecer os fenómenos emocionais e físicos que vive *versus* a informação sobre a sexualidade oferecida pelo professor de maneira estruturada, a consequente moldagem de atitudes e a possível influência sobre os comportamentos de intimidade, poderá estar a diferença e/ou os resultados dos projetos de vida futuros. Partindo-se de um presumível e latente interesse do adolescente pela sexualidade, acrescentando-lhe a informação adequada ao seu nível cognitivo e oferecendo-lhe orientação sobre possíveis escolhas, poder-se-á porventura criar condições para vivências saudáveis da sexualidade. Deste modo, será oportuno caracterizar as atitudes dos adolescentes face à ESE e estabelecer programas de atuação que, respondendo aos seus interesses e vivências, possam trazer mais-valias ao seu desenvolvimento.

Face a estas considerações, colocam-se as seguintes questões de investigação:

1. Quais as atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual Formal em meio escolar?
2. Qual o efeito do programa de Educação Sexual nas atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual Formal?
3. Existe associação entre as atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual Formal e o seu nível atual de Paixão?

Constituem objetivos do estudo atual, considerando um grupo de estudantes adolescentes de uma Escola E/B23 da Região do Algarve:

1. Descrever as atitudes face à ESE;
2. Descrever o impacto do programa de Educação Sexual nas Atitudes face à ESE;
3. Identificar associações entre as Atitudes Face à Educação Sexual e o nível atual de Paixão;
4. Identificar associações entre temáticas da Educação Sexual e o nível atual de Paixão.

2. Pertinência do estudo

A pertinência de um estudo justifica-se por razões de interesse de desenvolvimento do conhecimento, pela aplicação de resultados em tecidos atuais e futuros, mas também pelos interesses e motivações das pessoas, que no contexto do seu exercício profissional, identificam problemas e procuram soluções. Sendo docente, há 6 anos que tenho observado, não só o crescimento dos alunos no decorrer deste tempo, mas também o seu desenvolvimento afetivo-sexual, colocando-me na ótica do contato social diário, sendo-me perceptível a orientação que imprimem à sua vida. Por exemplo, tive conhecimento e acompanhei na escola onde exerço, alguns casos de gravidez adolescente. De facto, no envolvente onde a atual instituição escolar está inserida, a maternidade adolescente é um fenómeno presente. Considerando os casos de maternidade na faixa etária 15-19 anos, registaram-se em 2010 e 2011 no Algarve representações significativas de mães adolescentes (i.e. 20,4% e 17,3%), dados superiores às médias nacionais nestes mesmos anos (i.e. 14,7 % e 13,3%, respetivamente) conforme refere Santos (2011). Nos diferentes fatores que podem justificar este fenómeno, os agentes e os modelos influenciam como a informação em sexualidade é facultada, conseqüentemente as atitudes e comportamentos manifestados.

Constata-se por vezes, numa primeira abordagem de aproximação a conteúdos sobre sexualidade que as manifestações dos adolescentes são contraditórias: para uns, interesse; para outros, desvalorização da Educação Sexual. Numa idade em que os jogos de enamoramento se estão a descobrir e/ou a viver intensamente, o interesse dos adolescentes perante as vias formais de aprendizagem da sexualidade, conotadas com os currículos escolares, pode diminuir. Apesar de haver legislação que prevê e orienta a implementação da Educação Sexual com conteúdos, objetivos e competências a alcançar, deve o educador demonstrar que estas competências estão em muito interligadas com a experiência e vivências diárias do próprio adolescente. São muito significativas para o seu desenvolvimento emocional, psicológico e até social, e devem relacioná-las com os fenómenos que estão a sentir e até a perceber nas vivências do seu grupo de pares. Nesta implementação encontram-se alguns

alunos que perturbam as atividades e aulas de educação sexual, por vários motivos: desde o desinteresse pela temática; receio ou vergonha de serem ridicularizados por alguma intervenção, de serem vistos como demasiado inexperientes/entendidos na matéria.

É na fase da adolescência, entre os 10 e os 12 anos (WHO, 1999), quando ocorrem as alterações corporais pubertárias que acompanhando o desenvolvimento sexual, despertam os desejos sexuais. O amor é uma ideia romântica, que se revela com intensidade na procura da união, na busca da presença do ser amado e num estado de enamoramento e de paixão. Os aspetos físicos estão muito presentes no amor romântico e a intensidade da união, caracteriza-se pelos impulsos e pela satisfação sexual um do outro. Na maturação da relação com o outro, os adolescentes de 13 a 16 anos, descreveram o amor de forma tradicional, “sentimento forte e único, que nos faz sentir especiais” (Matos & Sampaio, 2010). Já aos 15-16 anos, os adolescentes definem a relação como um agregado de várias emoções e sensações, evidenciando dois tipos de amor: o eterno e o temporário. No amor eterno demonstram através das palavras: carinho, respeito, confiança e envolvimento sexual. Para os rapazes esta componente está mais presente do que para as raparigas. No amor temporário, tratam-se com menor cumplicidade, pelo nome, revelando indiferença sobre respeito e sentimentos. É um tipo de amor físico, orientado para satisfazer os seus desejos básicos, numa relação sexual. O sistema de valores pessoais e culturais, próprios das diferentes idades e grupos, enfatizam a forma como veem, sentem e vivem as relações pessoais e como manifestam as diferentes formas de amor (Brown, 1999; Matos & Sampaio, 2010).

A Educação para a Saúde na escola, especificamente a área de Educação Sexual, foi aglutinada na educação em geral, pelas políticas educacionais, nomeadamente pela Lei 120/99, Decreto-lei n.º 259/2000, Lei n.º60/2009 e Portaria 196-A/ 2010 do Ministério da Educação, em parcerias com outros ministérios ou entidades nos Despachos Conjuntos n.º 271/98 e n.º/34/2000, tais como Ministério da Saúde, Instituto da Juventude Português e Associação para o Planeamento da Família. Especificou que cada estabelecimento de ensino deve elaborar um Projeto Educativo integrante da realidade da sua comunidade educativa, selecionando os métodos e estratégias

que mais se adequam, para criar possibilidades de aprendizagens, proporcionando a modificação de comportamentos e atitudes, onde existam ou prevaleçam riscos para a saúde.

No estudo atual, respondendo às exigências curriculares, foi implementado um programa de Educação Sexual, em todas as turmas do 3.º ciclo da escola, abrangendo o ensino regular, percurso curricular alternativo e cursos de educação e formação. É este o programa em análise na presente investigação, que orientou as suas estratégias para a aquisição das competências específicas, no âmbito dos diferentes anos curriculares e fases de desenvolvimento físico e emocional. Para tal, foi realizado um levantamento de assuntos e temáticas junto dos alunos, através de caixas de questões/ dúvidas/ ideias, barómetro de atitudes. Foi possível organizar um programa que se baseou no modelo moderno de educação do tipo *bottom – up* (Hagquist & Starrin 1997). Define-se por ser um modelo onde prevalece a participação ativa dos alunos, valorizando-se as aprendizagens a partir da experiência comportamental e psicossocial. Dentro deste modelo, estão em evidência dimensões como a afetividade; visa sobretudo desenvolver capacidades a nível emocional, para valorização das relações interpessoais. Outra influência neste programa, é a vertente social, que aponta para a aquisição de competências sociais específicas, para situações do dia-a-dia, determina o desenvolvimento de capacidades de resiliência, de competências de vida e crenças normativas (Hagquist & Starrin 1997).

Para a recolha de dados sobre a opinião e atitudes dos alunos sobre a ESE, foi aplicado um questionário, em dois momentos distintos: antes e após a implementação do programa de educação sexual. Houve a preocupação de perceber, se os adolescentes apenas associam a temática “Educação Sexual” à abordagem dos métodos contraceptivos e prevenção de Infeções Sexualmente Transmissíveis, ou se estes consideram importante a abordagem de temas relacionados com o bem-estar, nos domínios dos afetos e das relações interpessoais. Valorizando a componente sensível da sexualidade, foi pertinente analisar a influência das atitudes afetivas e comportamentais do estado atual de paixão, verificáveis nos resultados.

3. Limitações

Os resultados devem ser interpretados com parcimónia, uma vez que não consiste num estudo experimental puro e a amostra é de conveniência. O instrumento de avaliação do constructo em análise não é original. Crê-se contudo, que a metodologia utilizada para validação da escala, pode ter contribuído para uma visão das atitudes face à Educação Sexual, enquadrada no contexto local. O estudo ocorreu na escola onde leciono e desenvolvo ESE, fato pelo qual, algum nível de desejabilidade social é admissível. Contudo, crê-se que aspetos tais como: o número de sujeitos da amostra; as diferentes idades; níveis de escolaridade; diferentes turmas e a aplicação dos questionários por diferentes professores na segunda fase (Sousa, 2009), de algum modo, contribuem para a representatividade dos resultados.

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção

CAPÍTULO 2. CONTEXTO TEÓRICO DA INVESTIGAÇÃO

A seção atual enquadra a revisão de literatura sob três perspectivas, nomeadamente a conceptualização da Educação Sexual, a Educação Sexual na atualidade portuguesa e o desenvolvimento afetivo-sexual adolescente contextualizado na educação sexual. A secção I, reportando-se à conceptualização sobre a educação e a sexualidade (1.1), terminologia de autores sobre educação sexual (1.2), funções da educação sexual (1.3), agentes de educação sexual (1.3.1) tipos de educação sexual (1.3.2) e os modelos da Educação Sexual (1.3.3).

Para compreender a implementação da educação sexual em meio escolar, foi necessário analisar os Princípios Orientadores da Educação Sexual em Portugal (secção II). No desenvolvimento desta secção, apresenta-se a educação sexual na escola (2.1) justificada pela pesquisa sobre as leis regulamentares para a aplicação da educação sexual em meio escolar. A implementação da educação sexual em meio escolar, está orientada para compreender as Atitudes dos Adolescentes face à educação sexual (2.3).

Para finalizar o enquadramento teórico (secção III), abordam-se as diferentes fases do Desenvolvimento Adolescente (3.1), nomeadamente o desenvolvimento afetivo-sexual na adolescência (3.2), que está associado à construção da identidade sexual (3.3) e pela aquisição de competências relacionais na interação entre pares (3.4), que irão influenciar as competências afetivo-sexuais adquiridas (3.5). Na sequência da aquisição destas competências, colocou-se em evidência uma abordagem à Paixão (3.5.1), uma vez que não raras vezes, ocorre a primeira vivência na adolescência.

Secção I - Conceptualização da Educação Sexual

1.1 A Educação e Sexualidade

Educação, termo latino, cuja raiz etimológica deriva do verbo *ducere*, significa: conduzir, guiar (Fillioud, et al., 1984). No composto do verbo, *educare*, significa criar, educar. O termo educação está associado à palavra pedagogia, de origem grega, que significa, a condução da criança (o escravo da Grécia antiga, conduzia a criança à escola). Desde o início dos tempos que a educação está associada à ideia de crescimento e desenvolvimento de competências nas crianças. A educação é um produto de uma ação intencional sobre os educandos, que se reflete numa reação destes associada a diversas aprendizagens.

De acordo com a sociedade, os valores e padrões da mesma, assim será o processo educativo a que os seus membros estão sujeitos. Os diferentes intervenientes na educação: família, escola, grupo de pares, comunidade (equipa desportiva, grupo religioso, associações), têm conteúdos distintos, vários métodos e tempos de intervenção. Se em fase inicial, a família tem um papel essencial, com o passar dos anos, a influência desta complementa-se com a intervenção da escola. Os restantes intervenientes surgem na vida dos s com o crescimento, mudanças e alterações, devido às aprendizagens e vivências (Barros de Oliveira, 2010). De fato, a Educação “deve ser um processo orientado para conseguir uma mudança social que melhore as condições de vida das pessoas” (Paulo Freire, 1983).

Atualmente a educação escolar em Portugal é quase universal, acessível à maior parte das crianças, desde o pré-escolar até ao nível secundário. Conforme os objetivos do Ensino Básico, a educação escolar é um meio promotor de experiências e de transmissão de conhecimentos, que serão transformados em competências e capacidades, influenciando as decisões e ações do , para melhorar o seu estilo de vida. A escola tem um papel relevante

na formação e informação do indivíduo e em Portugal, é reconhecida como um elemento integrador e responsável pela socialização (Gomes, Costa, Sobrinho, Santos, Bacelar, 2002). A escolaridade obrigatória traz, no seu percurso, a ideia de desenvolvimento pessoal, que se oferece de maneira universal, conduzindo a espaços escolares repletos de jovens, com maior ou menor sucesso escolar, sendo que a permissão de abandonar o contexto escolar atinge-se na eminência da maioridade [Lei 85/2009 de 27 de Agosto]. Estabelece-se desta forma o período de aprendizagem em contexto educativo formal, aproximado à noção de adolescência, até aos 18 anos. A promoção de comportamentos e atitudes individuais ou coletivas, passam pela educação que cada indivíduo recebe. É um processo de interiorização de regras e conhecimentos que se transformam em competências e capacidades, que o indivíduo aplica no seu dia-a-dia. A educação é um meio de interiorização dos padrões e normas sociais vigentes a que os educandos estão sujeitos e a Escola é um dos locais de referência para educar os adolescentes. No sentido de formar e informar pela transmissão de conhecimentos, a Escola é simultaneamente um meio proporcionador de experiências entre pares, nomeadamente no que respeita à sexualidade, dada a sua omnipresença nas interações humanas.

A educação e a sexualidade influem na construção da identidade sexual. A forma como somos educados no seio familiar e a nossa integração social, ocorrem em padrões socialmente determinados, a que não são estranhos os estereótipos de género. Aprendemos a reagir, a comportar e a socializar pela educação que nos é inculcada nos seios familiar, escola e comunidade. A educação sexual também assim é influenciada pelos valores vigentes. As nossas atitudes e comportamentos, relacionados com as manifestações de amizade, carinho, paixão, desejo, são meios de comunicação com os outros que refletem a nossa educação (López & Oroz, 1999) Na realidade, de forma mais ou menos evidente, em curriculum exposto ou oculto, a Sexualidade está sempre presente.

Sexualidade é definida pela OMS como: "...uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental". É então

possível compreender a sexualidade e as suas formas de expressão e vivências, nas diferentes fases de desenvolvimento do indivíduo.

A sexualidade, apesar de ter espectros comuns ao desenvolvimento humano, torna-se em algo individual e identitário na diversidade do comportamento humano (Vaz, 1996 cita Jimenez, 1990), sendo possível descrevê-la sob vários prismas, por exemplo nas várias faixas etárias, numa perspetiva de gênero no paralelo masculino/feminino. Registam os autores que a forma como se interpreta e desenvolve a sexualidade nos rapazes e nas raparigas é diferente. A fantasia com o outro(a) é comum e o caráter positivo da experiência é considerado por ambos os sexos, mas enquanto as raparigas valorizam o estar apaixonada com conotação sentimental, os rapazes apreciam também dados factuais (Rademakers, Laan, & Straver, 2003). Os rapazes, comparativamente às raparigas, são mais preocupados com sexo e as manifestações sexuais (Kinsey, 1948,1953 e Masters e Johnson, s/d, citado por Sprinthall & Sprinthall, 1993). Reynolds, Herbenick, & Bancroft (2003), documentam uma associação positiva entre a idade da emergência da atração sexual, o surgimento de fantasias e a idade de estados excitatórios sexuais. Contudo, na atração sexual, encontram diferenças significativas entre rapazes e raparigas, pois enquanto nos rapazes a representação da atração sexual é mais elevada na fase pré-púbere, nas raparigas é mais alta na fase pós-púbere. Interesses partilhados, mas também diferentes, podem orientar os adolescentes para apreensão ou preferência de assuntos ou conteúdos no que respeita à sexualidade e ao respetivo processo de ensino-aprendizagem.

As dimensões biológica, afetivo-relacional, psicossocial e cultural, são conteúdos incluídos nos objetivos dos diferentes modelos de educação sexual. A dimensão biológica relaciona o corpo humano e as respostas de carácter sexual, aos estímulos a que é sujeito, ou seja, todo o desenvolvimento físico, que ocorre, com o crescimento, onde a sexualidade evolui para uma ação consciente e controlada em relação ao sexo (Suplicy, 1988). A dimensão afetivo-relacional da sexualidade está muito relacionada com uma visão emocional na construção da nossa personalidade, como nós vemos, a nossa autoestima, a identidade individual ou as relações interpessoais com os outros. Implica a vivência de acordo com valores culturais e éticos nas relações. Esta dimensão é de todo

pertinente para a construção da identidade sexual do , como parte fundamental da educação holística (Vaz, 1996). A dimensão psicossocial e cultural, que se relaciona com o modelo de desenvolvimento pessoal, aponta para a percepção de emoções, dos pensamentos individuais. O meio sociocultural e a personalidade influenciam a socialização e conseqüentemente a construção de identidade de género e sexual. Todo um conjunto de valores e atitudes apreendidas pelo indivíduo são de influência do meio social, que aponta a norma para os diferentes géneros (López & Fuertes, 2005) e vão influenciar os modelos de educação sexual (Vaz et al, 1996).

1.2 Educação Sexual

O significado do termo Educação Sexual está relacionado com a aprendizagem de aspetos cognitivos, emocionais, sociais e físicos da sexualidade. É um processo que acompanha o indivíduo ao longo da vida, desde a infância até à 3ª idade. As capacidades que serão adquiridas pelos adolescentes, têm como objetivo primordial a promoção e desenvolvimento de comportamentos e atitudes saudáveis perante a sua sexualidade, permitindo-lhes a vivência plena dos seus sentimentos, com valores e responsabilidade nos seus relacionamentos afetivo-sexuais (WHO, 2010).

Durante muito tempo a educação sexual gerou conflito na sociedade. Os educadores, família e escola, limitavam a transmissão de informação, pelo receio que poderiam incitar ao início da atividade sexual entre os adolescentes. A falta de conhecimento sobre o assunto deveria gerar o desinteresse nos adolescentes, no entanto, "...a ignorância não é nem positiva, nem constitui uma barreira à atividade sexual dos adolescentes" (Sprinthall & Collins, 1988, pp.437). Pelo contrário, alguns estudos atuais apontam que a educação sexual é vista pelos pais e adolescentes, como um meio complementar para o controlo de problemas tais como a infeção por HIV/SIDA, a gravidez indesejada, mas também uma via de informação sobre sexualidade humana (Ogunjimi, 2006). No Canadá é mesmo identificada como um fator de bem-estar para os jovens (McKay, 2009), tendo padrões orientadores a respeitar (WHO, 2010) e no nosso

país, através de documento legal, são-lhe reconhecidos benefícios para o desenvolvimento da Pessoa (Lei 60/2009, 2009; Portaria 196-A, 2010).

O desenvolvimento humano inclui o desenvolvimento sexual do , ou como sublinham López e Fuertes (1999) ao citar Ponty (1975), “há osmose entre sexualidade e existência. A sexualidade é todo o nosso ser”. A forma como os adolescentes demonstram conhecer as diversas dimensões da sexualidade, nas suas decisões e escolhas, está relacionada com o estágio de desenvolvimento e o modelo de educação sexual (Sprinthall & Collins, 1988). A educação sexual é fundamental e deve ser assimilada na educação integral do indivíduo. O contexto socioeconómico da sociedade, que influencia a aceitação dos conhecimentos técnico-científicos, consequentemente manifestar-se-á no modelo de educação sexual. São influenciados os valores, conteúdos pedagógicos e estratégias de implementação de programas educativos (Vaz et al, 1996). A educação sexual é a transmissão de informação sobre o funcionamento biológico do corpo humano, mas não se reduz unicamente à dimensão fisiológica, uma vez que a sexualidade engloba aspetos emocionais do ponto de vista individual e relacional, comportando simultaneamente elementos de natureza cultural (Fillioud, et al., 1984, Sampaio, 1987).

1.3 Agentes de Educação Sexual

Os agentes de Educação Sexual transmitem o conjunto de valores e os modelos sexuais distintos, estão no contexto social onde o adolescente se integra e são representados pela família, grupo de pares e comunidade em geral (Vaz et al, 1996). Nesta perspetiva, os adolescentes aprendem por modelagem, isto é, por observação de um comportamento modelo, conformando a abordagem da *teoria da aprendizagem social* (Sprinthall & Sprinthall, 1990; Silva, 2004 cita Bandura, 1978). Os pais são a fonte mais próxima da criança como seres sexuados e são os agentes que deixam maior influência na forma como o indivíduo viverá a sua própria sexualidade (López & Fuertes, 1999). As relações estabelecidas no próprio casal são o mote de interpretação da sexualidade, mais imediata para a criança e uma referência para as manifestações afetivo-sexuais do adolescente. As experiências que posteriormente vão ocorrer, no seu grupo

de pares, amigos, ampliam os seus conhecimentos sobre e na sexualidade vivida. Na natural evolução e desenvolvimento individual próprios, surgirão algumas alterações e adaptações, relativamente às quais o adolescente necessita orientação e informação, para fazer face às experiências que procura ou lhe são oferecidas no contexto quotidiano. Será então importante incluir uma fonte de informação formal nesta aprendizagem da sexualidade, com o objetivo de transmitir ou corrigir conhecimentos e promover valores na construção da identidade sexual (Matos & Sampaio, 2010). As influências educativas da família, dos pares e do contexto sociocultural, vão orientar as atitudes e comportamentos da sua sexualidade, refletindo o efeito das informações, instruções e observação dos modelos educativos (Vaz, 1996).

Apesar de outros agentes envolvidos na educação sexual, em diferentes momentos da vida, atualmente a expressão Educação Sexual está mais associada à ideia de educação formal e à instituição Escola (Menezes, 1990), vendo-se-lhe vantagens no estabelecimento formalizado, de maneira integrada no processo educativo geral. Deve-se no entanto, perceber o nível e qualidade de conhecimentos adquiridos pelos adolescentes, os seus interesses, as suas experiências, para que, com a implementação de um programa específico, consiga colmatar as falhas e desinformação dos outros agentes. A escola, que atua na formação dos seus alunos, numa perspetiva moral, pedagógica-correctiva, deve adotar programas que valorizem princípios de pluralidade, compreensão das diferentes formas de expressão da sexualidade e da personalidade humana (Louro, 2004).

De facto, os adolescentes aprendem algumas das representações da sexualidade entre os pares e nos média, na medida em que são os agentes mais explícitos, informais e aqueles com os quais se identificam interesses similares. Entre os amigos, de acordo com as semelhanças partilhadas, geram-se dinâmicas que tanto impulsionam, como fazem adiar as experiências de sexualidade, no chamado “efeito dos pares” (Piscalho, Serafim & Leal, 2000; Jaccard, Blanton, & Dodge, 2005). Estas interações são necessárias, para a integração no grupo, criando laços afetivos no ambiente social, que ajudam o indivíduo a desenvolver a sua identidade social (WHO, 2010). As influências do grupo de pares assumem um papel relevante na educação sexual. A proximidade de idades e interesses facilita a empatia e a partilha de

informações, assumindo-as como mais acessíveis e semelhantes às suas vivências. Os livros, os média e as novas tecnologias, são também uma forma implícita de obter informação, sem grandes obstáculos, controle ou censura de outros.

1.3.1 Tipos de Educação Sexual

Poder-se-á referir que a educação sexual ocorre de três formas, que por influência do ambiente e dos agentes se define como: processo formal, não formal e informal (Vaz et al, 1996). Sendo um método contínuo, a sua aprendizagem pode dar-se em contexto formal, como na escola com programa organizado de acordo com os fatores e especificidades do público-alvo; ou de maneira não formal, fora do contexto escolar, mas com agentes que se proponham a criar momentos educativos sobre a sexualidade; pode ainda acontecer informal e não propositadamente, sem qualquer plano previamente organizado (família, grupo pares, comunidade desportiva, cultural ou religiosa). Embora o acesso à informação sobre sexualidade seja bastante fácil, implícita ou explicitamente, informar não se torna educação sexual. É importante o processamento adequado dessa informação, que passa em muito pelo processo educativo formal dos s (Reis & Vilar, 2004; Sanders & Swinden, 1995).

A construção e desenvolvimento de uma sexualidade saudável entre jovens, deve fundamentar-se num processo educativo formal, com base nas ideias e opiniões do público-alvo (Reis & Vilar, 2004 citam Serafim & Leal, 2000). Um programa educativo terá sucesso, se for ao encontro das necessidades diagnosticadas e estratégias apontadas pelos seus beneficiários, sejam crianças ou adolescentes. As formas de abordagem da educação sexual formal na escola definem-se com a implementação de programas, com objetivos específicos. É proposto que as estratégias selecionadas facilitem o diálogo, informem ou corrijam informação da temática, para que se promovam atitudes e comportamentos responsáveis na sexualidade (Vaz et al,1996). É objetivo da Escola, (WHO, 2010), que a implementação da educação sexual seja projetada de forma realista, para que as suas estratégias alcancem os objetivos desejados, conciliando a sua integração formal no contexto educativo, com a aceitação do seu público-alvo, os adolescentes.

A educação sexual não formal distingue-se da educação sexual formal, porque ocorre fora dos currículos educativos escolares (Vaz et al, 1996). O seu objetivo primordial é complementar a educação sexual formal e corrigir alguma desinformação da educação sexual informal. É um processo organizado e intencional, que através da ação de outros profissionais, que não os docentes, deverá informar, esclarecer, corrigir dúvidas e educar para a sexualidade. É um processo que vai colmatar algumas das lacunas da educação sexual formal e informal.

Tal como acontece noutras aprendizagens que ocorrem informalmente, a partir da familiarização do comportamento e atitudes, nas experiências com e no meio, o mesmo acontece com a educação sexual. Momentos espontâneos associados a acontecimentos da vida quotidiana, transformam-se em aprendizagem da sexualidade. O contexto informal de trajeto não linear, num momento natural, de convivência com os seus pares, pode também ser um momento de educação sexual. Num carácter lúdico, os adolescentes aprendem a sexualidade na experimentação, não isenta de riscos, mas de certa forma aliciante no desafio que é implícito e agradavelmente identificado como superação pessoal e aquisição de *status* entre os pares (Jaccard, Blanton & Dodge, 2005). Por outro lado, a exposição aos média, em particular à televisão, a aprendizagem da sexualidade é um aspeto incontornável no nosso país (Matos, 2006). A vertente informal da educação sexual poderá ter uma influência bastante forte, pois ocorre fora do curriculum escolar, onde não é monitorizada nem controlada classificada como correto ou incorreta.

1.3.2 Modelos de Educação Sexual

Compreender a sexualidade humana, orienta a educação sexual a desenhar modelos que abordem as diferentes perspetivas sobre as suas várias dimensões. Os valores que orientam estes modelos de referência influenciam tanto as práticas educativas familiares, assim como as escolares. Contudo, têm sido propostos modelos de educação sexual multidimensionais. Estão integrados nas formas implícitas e explícitas de educação e sofrem as influências da evolução dos tempos, no que respeita aos valores individuais, familiares e sociais dominantes (Lopez & Fuertes, 1999).

Ao longo do tempo e resultando de teorização e estudos sobre a temática, foram construídos, definidos e implementados diversos modelos de intervenção na educação sexual, correspondendo aos ideais educativos de cada época. Vários autores no espaço ibérico tecem considerações sobre a matéria, resumindo-se seguidamente as ideias fundamentais dos modelos que propõem.

Modelo Médico preventivo – Incide na transmissão de conhecimento científico sobre o crescimento e transformações anatómicas e fisiológicas do corpo humano. Visa dotar os s de conhecimentos e informação científica, para prevenção de comportamentos de risco para a sua saúde e dos outros, evitando a transmissão de doenças, infeções e gravidez indesejada (Vaz et al, 1996). Não se pode afirmar que o seu objetivo seria a educação sexual, mas sim educar para prevenir e evitar riscos associados à vivência da sexualidade (López & Oroz, 1999). A escola atua na formação dos alunos, isto é, na transmissão de conhecimentos identicamente corretos, adequando algumas informações erradamente aprendidas. Os conteúdos associados a este modelo estão em muito relacionados com o currículo das disciplinas de Ciências Naturais e Biologia, num currículo normalizador, que padroniza a organização dos sujeitos em função do que se considera como sexualidade legítima ou ilegítima (Louro, 2004).

Modelo Moral – Adotado por instituições conservadoras, ligado por vezes a orientações confessionais. Surge como uma reação, a outras formas de educação sexual (López & Oroz,1999). Este modelo de educação pela moralidade, na vivência sexual, está orientado para a procriação e para as demonstrações de amor pelo cônjuge, em relacionamentos heterossexuais, excluindo-se a homossexualidade na conjugalidade. Apresenta modelos de educação sexual limitativos, tanto para crianças ou adolescentes, como para adultos, já que visa orientar comportamentos adequados dentro do matrimónio (Vaz, 1996). Para os adolescentes, perspetivam alguns conhecimentos sobre a renúncia a qualquer atividade sexual antes do casamento; também se opõem ao uso de contraceptivos. No entanto, este modelo aborda a perspetiva de formação de carácter, de vontades próprias na espera da conjugalidade para a intimidade. Apontam os riscos associados à atividade sexual, mas que podem evitar

mantendo a castidade e a fidelidade até e após o casamento, respetivamente (Vaz, 1996; López & Oroz, 1999).

Modelo de Revolução (sexual e social) – foi um modelo orientado para a inclusão da educação sexual formal na escola, mas também para a liberalização do acesso aos métodos contraceptivos e ao aborto, à liberalização da sexualidade reprimida pela sociedade (López & Oroz, 1999). O modelo provocou algum abalo na estrutura do modelo moral, visto que difundia a ideia da sexualidade fora do casamento, como busca de prazer e bem-estar. As suas linhas orientadoras afirmavam que além da informação e aquisição de conhecimentos científicos, a educação sexual deve incluir a construção de uma consciência crítica sobre a sociedade e dos limites e restrições que esta impõe aos sujeitos. A vivência da sexualidade em pleno deve ser um direito de todos, sem restrições por valores morais vigentes, credo ou condição social, com respeito pelo outro, pois perspectiva bem-estar e saúde global.

Modelo Relacional ou desenvolvimento pessoal – tem como objetivo o bem-estar, autoconhecimento, autoerotismo, como aspetos importantes e positivos para as relações interpessoais e na educação do indivíduo (Vaz, et al, 1996; López & Fuertes, 1999). O seu objetivo primordial é de tornar as pessoas autónomas, que respeitam e são respeitados, com igualdade de direitos e oportunidades. Visa uma perspectiva de educação para a saúde, tornando o indivíduo responsável pelos seus atos, assim como pela sua saúde. No relatório preliminar do GTES (Sampaio, Baptista, Matos, & Silva, 2005), apresenta-se como proposta este modelo de educação sexual, propõem-se conteúdos e objetivos psicossociais, que privilegiam “o ser”, “o estar”, “o participar” e “assumir a responsabilidade”. A educação sexual, não passa apenas por apreender conhecimentos de anatomia e fisiologia do corpo humano ou da saúde sexual e reprodutiva, pelo que, além do conhecimento do corpo sexuado fisicamente, as características psicológicas e sociais da sexualidade humana devem também ser abordadas. O processo de crescimento pelo qual todos passam, nomeadamente a identidade de género, orientação sexual, as próprias relações afetivas, os valores sociais e as atitudes, são processos que são abordados neste modelo de educação sexual para a construção global do indivíduo (Vaz et al, 1996).

Uma outra visão de Modelos de Educação Sexual, radica-se nas teorias de Cognição Social, Modelo Transteórico, Teoria da Ação Planeada & Teoria do

Comportamento Planeado e Modelo de Competências de Informação, Motivação e Comportamento, a partir dos quais se desenvolvem programas de intervenção. Tal é para exemplo, a proposta dos Serviços Públicos de Saúde do Canadá, apresentadas através das Guidelines de 2003 (Public Health Agency of Canadá, 2003). Considera que a Educação Sexual é um processo que capacita o indivíduo, a família, comunidades, e visa desenvolver motivação, atitude e comportamentos assertivos para a vivência plena e segura da sexualidade, evitando comportamentos de risco.

Secção II – Princípios Orientadores da Educação Sexual em Portugal

A promoção da educação para a saúde em meio escolar é um processo em permanente desenvolvimento... Este processo contribui para a aquisição de competências das crianças e dos jovens, permitindo-lhes confrontar-se positivamente consigo próprios, construírem um projeto de vida e serem capazes de fazer escolhas individuais, conscientes e responsáveis.

(Protocolo entre Ministério de Educação e Ministério da Saúde, 2006, pp.1)

2.1 Educação Sexual na Escola

A ESE, como em todo e qualquer processo educativo, pretende fornecer aos alunos, informação, conhecimentos e aptidões específicas relacionadas com a sexualidade. Devido ao crescimento do número de casos relacionados com condutas e comportamentos sexuais de risco, é necessária a intervenção de profissionais, para uma educação sexual mais eficaz. É essencial que a temática da sexualidade seja abordada nas diversas dimensões do desenvolvimento humano como influentes no projeto de vida, formando s que venham a possuir “life skills”, a partir de um modelo de desenvolvimento integral da pessoa, na perspetiva de uma educação sexual bio-psico-social (Ribeiro, 2006; Anastácio, 2010). A escola é considerada, de uma forma geral, meio educativo privilegiado de instrução dos s, mas não “é apenas um local de instrução, é um território crucial para a socialização e educação...” (Sampaio, 2009). A escola deve assumir um papel de facilitador de diálogo, o que por vezes não acontece no seio familiar, no que concerne à sexualidade. Reúnem-se condições propícias, para que o trabalho da escola com os diferentes modelos e formas de educação sexual, em conjunto com a família, influencie positivamente a construção da identidade sexual dos educandos (Vaz et al, 1996, López & Fuertes, 1999). A educação sexual terá uma grande influência no adolescente para uma vivência segura, saudável e responsável da sexualidade, enquanto indivíduo e parceiro (Matos, 2003).

O projeto educativo deve ser desenhado, para incluir todos os alunos, através do regime de autonomia das escolas (Decreto-Lei nº 115-A/98). Na perspetiva de satisfazer as necessidades do seu público-alvo, através da análise do seu meio cultural, normas sociais e população específica, é possível adequar a intervenção além do currículo formal, para promover a educação para a saúde, nomeadamente na educação sexual (Lei 120/99 e o decreto-lei n.º259/2000). Surgem projetos com o objetivo de desenvolvimento pessoal e social dos alunos, para a prevenção de comportamentos de risco e a aquisição de competências individuais e sociais para a saúde em geral e saúde sexual em particular (GTES 2005 e 2007, Matos & Sampaio, 2010).

Atualmente estão contempladas na distribuição de serviço de alguns docentes, horas para o desenvolvimento de atividades no PES – projeto escola saudável. Este projeto é desenvolvido para toda a comunidade escolar, com atividades promotoras de hábitos e estilos de vida saudáveis, dentro de várias temáticas: a alimentação e prática de exercício físico, a educação sexual, consumo de substâncias psicoativas, a violência, entre outros que possam ser pertinentes, apontados no projeto educativo de escola/agrupamento. É essencial uma intervenção além dos conteúdos e competências do curriculum escolar, para as competências sociais.

2.2 Regulamentação da Educação Sexual em Meio Escolar:

Desde que a temática da sexualidade foi discutida pelos políticos e os responsáveis da saúde, tornou-se num assunto polémico em Portugal. Abordar a temática era apenas necessário no contexto de cuidados de saúde. Em Março de 1984 produz-se a primeira lei sobre o direito à educação sexual nas escolas em Portugal, sem efeitos reais pois não foi regulamentada - *Lei 3/84 (DR n.º 71 – I Série de 24.03.84)*.

Apesar de surgirem apontamentos na lei que demonstravam alguma preocupação com grupos de risco por motivos associados à sexualidade desinformada, gravidez precoce, a sua implementação foi adiada. Vigoravam à época valores tradicionais regentes e algum desconhecimento, que dividiram os

portugueses, na questão da legalização da interrupção voluntária de gravidez, sempre que se colocou a consulta pública em 1979, 1981 e 1984 (Matos, Reis, Ramiro *et al.* 2009). A população portuguesa enfrentava questões relacionadas com os direitos sexuais e reprodutivos, tornando a educação sexual numa temática pertinente na educação formal.

Em 1988 é realizada nova consulta ao povo português, sobre a despenalização da interrupção voluntária de gravidez. Durante os debates, a educação sexual em meio escolar é referida como uma forma de prevenção e redução da gravidez precoce. Em 1995 surge um programa de educação sexual na escola proposto pela Associação para o Planeamento da Família (APF). Vem agilizar a implementação real no processo educativo da temática da sexualidade, que ocorreu nalgumas escolas do país: Évora, Faro, Gouveia, Maia e Setúbal. A partir desta iniciativa, é compilado o documento “Orientações Técnicas para a Educação Sexual em Meio Escolar” (Frade, Marques, Alverca & Vilar, 2009). Nesta etapa, são trabalhadas metas entre grupos de trabalho interministeriais e a APF, que darão origem a nova legislação com competências e objetivos a alcançar, *Lei 120/99*. Foca-se então a importância de integrar nas escolas a educação sexual no processo formativo de todos; desenvolver o currículo e organizar atividades em articulação entre a Escola-Família, que só será regulamentada pelo *Decreto – Lei nº 259/2000*, de 17 de Outubro. A partir desta data, são geradas as diretrizes fundamentais pelo documento “Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras”. Muitas foram as escolas que criaram programas ou realizaram atividades relacionados com a educação sexual. A maioria pertencia à RNEPS (rede nacional de escolas promotoras de saúde). Houve, contudo, um novo revês político, a saúde escolar passa a ser tutelada pelo ministério da saúde (*Decreto-Lei n.º210/2001* de 28 de Julho), que anula as iniciativas prévias sobre a implementação da educação sexual na escola: extingue a comissão de coordenação do programa de educação para a saúde que coordenava e orientava iniciativas, materiais e formação para a organização e implementação dos programas de educação para a saúde, gerando um novo impasse nas escolas.

Em 2005, surge um novo grupo de trabalho para a educação sexual/educação para a saúde em meio escolar, GTES - Grupo de Trabalho de Educação Sexual (Sampaio, Baptista, Matos, & Silva, 2005). Sugerem

metodologias de educação sexual centradas no : no ser, no participar, no estar e aceitar a responsabilidade (pp 44). O grupo de trabalho focou-se na integração da educação sexual no programa de educação e promoção da saúde no curriculum escolar. No seu relatório final (GTES, 2007a), apontam a educação sexual como um componente essencial para o desenvolvimento holístico do ser humano, nas três dimensões: física, emocional e social. A compreensão da educação sexual pelos adolescentes deve ir além dos aspetos relacionados com as IST's, gravidez na adolescência, interrupção voluntária da gravidez e uso de contraceptivos, deve também abordar a dimensão ética e de valores no projeto de vida.

A implementação da educação sexual como conteúdo programático, não foi célere, assim como os meios necessários para que acontecesse. A formação de docentes nesta temática, apesar de legislada, não acontecia, foi inexistente como proposta prioritária.

Em 2009, a educação sexual é novamente motivo de debate na Assembleia da República. Surge a proposta de criação de uma disciplina de educação sexual, que foi rejeitada, ficando aprovada a integração de programas obrigatórios de educação sexual em todos os anos curriculares de cada ciclo de ensino. Surge com uma novidade, ficaram previstos números de horas anuais obrigatórias para a implementação do programa. Foram definidas para o 1º e 2º ciclos, 6 horas anuais, para o 3º ciclo e secundário, 12 horas anuais. Na proposta surgem as áreas curriculares não disciplinares, formação cívica e área de projeto, como espaço privilegiado para desenvolver as atividades do programa de educação sexual. A orientação é atribuída a uma equipa dinâmica, que faça parte dos gabinetes de educação para a saúde (*Lei 60/2009* regulamentada pela *portaria 196-A/ 2010*). Apresenta-se assim uma perspetiva do contemporâneo, com conhecimentos, capacidade crítica e autonomia, de forma a assumir as responsabilidades pelos seus comportamentos e atitudes, com respeito por si e pelos outros e pela dignidade humana. Na *Figura1. Cronograma de legislação sobre educação sexual e planeamento familiar* resume-se de maneira gráfica, a produção legal portuguesa referente à Educação Sexual. Repare-se que dois ministérios mostram responsabilização própria, mas também corresponsabilização no processo de implementação da

ESE. A preparação da implementação da Educação Sexual em Portugal demorou 26 anos.

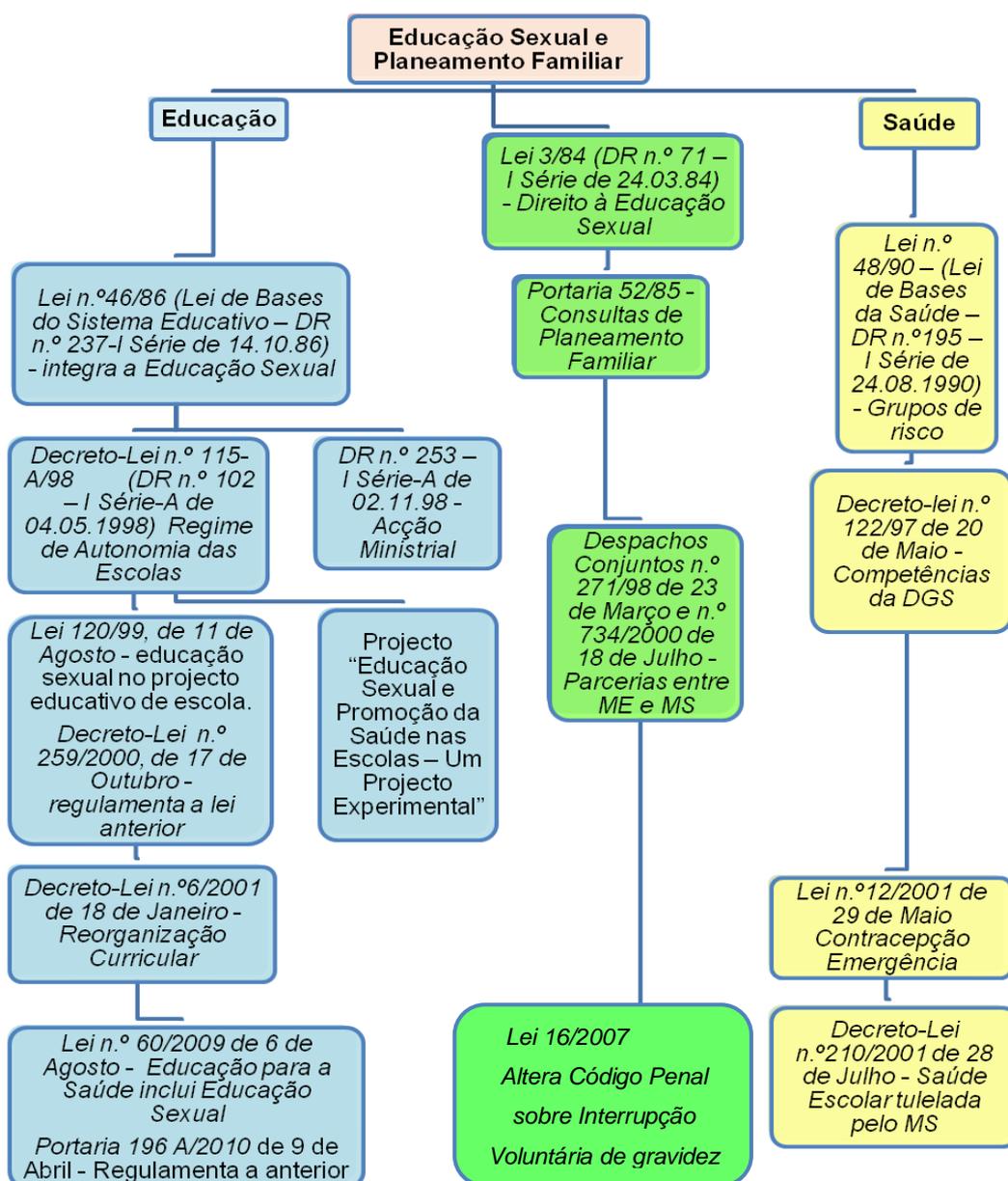


Figura 1. Cronograma de legislação sobre educação sexual e planeamento familiar.

2.3 Atitudes dos Adolescentes Face à Educação Sexual

Para compreender o que são atitudes, podemos referir a consciência interna do indivíduo, que pode influenciar a tomada de decisão ou interesse sobre um determinado assunto ou objeto, a partir da sua experiência pessoal (Thomas e Znaniecki, 1915; Allport, 1935; Abelson, 1976; Lima, 2003). A forma como o sujeito reage e revela comportamentos em situações idênticas, pode anunciar uma determinada atitude sobre essa situação. No entanto, os comportamentos podem variar em situações semelhantes, dado que os indivíduos ajustam-se de acordo com as suas aprendizagens, assim como os comportamentos interferem diretamente nas atitudes. (Jaspars, 1986). Nesta linha de pensamento, outros autores definem atitude, como a interferência psicológica na avaliação de forma favorável ou desfavorável, de uma situação ou objeto (Ajzen, 1988; Eagly & Chaiken, 1993). Consideram então que as atitudes se formam ao longo da vida, resultando das experiências de comportamentos adotados, na vivência em sociedade.

As atitudes revelam-se como a avaliação de algo, que se apresenta como uma posição que pode ser intensa, forte e bem definida, ou menos segura e com probabilidade de ser alterada. Então as atitudes assumem os sentimentos e uma predisposição para um determinado comportamento. Analisando as atitudes, perspetiva-se uma relação espiralada, entre as dimensões cognitiva, afetiva e comportamental (Reis & Vilar, 2004). Os comportamentos apreendidos, a partir das experiências vividas ou partilhadas em sociedade têm influência nas atitudes, nas opiniões de cada um. Nas atitudes estão presentes os sentimentos, *“reações fisiológicas que se manifestam através de mudanças biológicas internas e interpretações sociais dessas mesmas mudanças”* (Lopez & Fuertes, 1999, citados por Reis & Vilar, 2004). Estas inclinações emocionais reforçam a ideia que dado ser uma tendência psicológica, se refere a um estado interior da personalidade aprendido, mas alterável (Lima 2003).

É importante compreender a atitude dos adolescentes perante a implementação de um programa de ESE, para adequar o modelo/método de ensino que se deve implementar (Reis & Vilar 2004). Quando se aborda a sexualidade, deve estar sempre presente o referencial emocional em paralelo com o físico e o socioeconómico, na perspetiva holística do desenvolvimento de

comportamentos e atitudes do adolescente. As características pessoais, que definem não só a maturidade física para a procriação, estão envolvidas com padrões sociais, que irão orientar a vivência da sexualidade pelo adolescente (Sprinthall & Collins, 1988).

Para definir atitudes sexuais, é necessário englobar na noção de atitudes, a predisposição “mental, emocional de conduta que cada um tem a favor ou contra a sexualidade” (Puerto, 2009). Como se fala numa predisposição, o autor considera que é o modo de atuar na sexualidade, com as manifestações dos seus sentimentos e das ideias que se tem sobre as vivências sexuais. É de todo indispensável, que a educação sexual, apresente uma perspetiva de educar e/ou criar atitudes positivas para a vivência da sexualidade.

Alguns autores identificam nos adolescentes, motivação e atitudes favoráveis para a inclusão dos programas de educação sexual na escola (Piscalho, Serafim & Leal, 2000; Ogunjimi, 2006). Por outro lado, os adolescentes manifestam atitudes positivas, ao identificarem a sexualidade como tema de maior interesse, valorizando-o como relevante nas suas vidas (Matos & Sampaio, 2010). Os comportamentos e atitudes que se manifestam nas vivências da sexualidade dos adolescentes, refletem as influências de todas as dimensões do desenvolvimento humano, dos processos de educação sexual a que estão sujeitos e dos diferentes agentes que neles interagem.

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção

Secção III – Desenvolvimento Afetivo-Sexual dos Adolescentes

“A sexualidade na adolescência é como um caleidoscópio em permanente mutação, onde os jovens alternam sentimentos de prazer e dor, alegria e tristeza, amor e ódio”

(Sampaio, 2006).

3.1 Desenvolvimento Adolescente

A adolescência é identificada por alguns autores como uma fase de turbulência e de comportamentos desajustados. Outros há, que reconhecem nesta fase da vida “ *uma época demasiado divertida e bela*”, sem problemas significativos, num contexto de crescimento e maturação física, mental. Freud refere que a adolescência é um período de perturbação, não devido a factos do presente, mas como resultado de conflitos mal resolvidos no passado, do conflito edipiano (Sampaio, 2006).

É uma fase que proporciona naturalmente as transformações físicas e psicológicas, que vão alterar toda a interação intelectual e social do indivíduo; como se percebe a si e/ou o mundo que o rodeia (Fillioud, et al., 1984; López & Fuertes, 1999). Cada sociedade influencia especificamente os seus adolescentes, pelas raízes e valores culturais, que integram no processo de socialização (Fillioud, et al., 1984, Prazeres, 2002). Pode considerar-se os adolescentes como um grupo heterogéneo: as suas necessidades variam de acordo com diversos fatores: género, estágio de desenvolvimento, contexto familiar, ambiente afetivo, grupo de pares e das condições socioeconómicas em que vivem (Vilelas, 2009).

Associado ao crescimento físico, está o desenvolvimento cognitivo. Propicia o desenvolvimento de capacidades de raciocínio, de pensamento e fomenta o imaginário, que facilita perspetivar o seu futuro, permitindo ponderar as escolhas e as possibilidades que possam advir (Sprinthall & Collins, 1988).

Nos processos inerentes ao período da adolescência, a maturação dos órgãos sexuais assume um papel de especial relevância. Numa evolução que resulta no desenvolvimento bio-psico-sexual, a partir de uma sequência previsível de alterações e mudanças de carácter biológico, torna-se visível e perceptível o dualismo sexual da diferença de géneros. A capacidade reprodutora é atingida naturalmente (Prazeres, 2002). Paralelamente, o adolescente adquire também a capacidade de perceber sentimentos, tanto os seus, como os dos seus pares. Nesta fase da vida, os s confrontam-se com expressões da sexualidade, que progressivamente aprendem a conhecer por si e pelos outros (Lopez & Oroz, 1999). Na puberdade e adolescência, também em consonância com o desenvolvimento físico e psicológico do corpo, o cérebro também se adapta a estas modificações. A sua função, na zona responsável pelo planeamento a longo prazo, pelo controlo da emoção e pelo sentido da responsabilidade, adapta-se de acordo com as outras transformações (Sampaio, 2006).

3.2 Construção da Identidade Sexual

A educação recebida, a condição social à qual nos adaptamos, as nossas atividades de vida, vão definir a nossa sexualidade. É precocemente que as crianças tomam consciência da sua identidade de género, a forma como são tratadas e vestidas, o que esperam nas suas concretizações individuais. São os condicionalismos culturais que variam de acordo com as sociedades e influenciam a construção e percepção da identidade de género. O autoconceito do papel de género auxilia a sua integração e participação na sociedade. (Saavedra & Barros, 1996). Condiciona e orienta as ações e escolhas, na construção do projeto de vida. Aos poucos, a criança vai-se conhecendo e reflete este entendimento de si próprio nos outros. A obtenção de respostas leva a que formule as suas teorias, que se revelam nos seus comportamentos. A sua sexualidade também se manifesta nestes, através das atitudes, como forma de assumir a própria identidade de género (Saavedra, Magalhães, Soares, Ferreira, & Leitão, 2007). Não são apenas comportamentos físicos, os fatores psicossociais também se revelam nos comportamentos sexuais, que se vão alterando, adequando ao longo da vida. Todas estas manifestações, nos comportamentos sexuais, são condicionadas pela cultura social vigente

(Sampaio, 2006; Puerto, 2009). Portanto, é de todo conveniente que o indivíduo tenha conhecimento dos costumes, aceitáveis ou não dessa cultura, para que não seja considerado desajustado nos seus comportamentos, desadequados aos olhos da lei. Como em qualquer tipo de atitude e comportamento, a sociedade é um meio regulador (López & Fuertes, 1999).

A identidade sexual do indivíduo é o produto de aprendizagens realizadas através de observação, das interações nas relações interpessoais com a família, os pares, na escola, grupos culturais, mídia que são as suas influências diretas (Vilelas, 2009).

O processo que influencia a identidade sexual, não é linear no que diz respeito às diferenças entre o rapaz e a rapariga (Sampaio, 2006). A aprendizagem por modelagem origina diferentes papéis na sociedade, em ambos os géneros. O processo que ocorre no modelo de aprendizagem da sexualidade no seio familiar, que é o primeiro a repercutir-se no sujeito, vai influenciar a construção da identidade sexual de cada indivíduo (Vaz et al, 1996, López e Fuertes, 1999, Vilelo 2009 cita Sousa 2000). Com o crescimento e a entrada na adolescência, os pais e a família vão perdendo a sua influência na obtenção de informação ou opinião. São preteridos ao grupo pares (amigos), a escola ou aos média (tv, net, revistas) (Vaz et al, 1996). As relações que se estabelecem no dia-a-dia fora de casa tornam-se mais intensas do que as familiares, transportando outras oportunidades de diálogo e interação. Na adolescência, os sujeitos procuram nos pares a identificação pessoal e a compreensão (Fillioud, et al., 1984). Abordar questões associadas à sexualidade, cria entre os adolescentes e os pais algum constrangimento, situação que em geral não se verifica no grupo de pares. A disponibilidade e o à vontade na comunicação sobre a sexualidade, também influenciam a construção da identidade sexual (Sampaio, 2006).

As aprendizagens pressupõem um amadurecimento, onde cada um consegue construir internamente, de acordo com as características individuais da sua personalidade, formas adequadas de viver a sua sexualidade.

A compreensão da sexualidade como uma componente essencial na educação, para a construção da identidade sexual e associada ao desenvolvimento pessoal e social, está interligada com os novos modos de viver

na sociedade atual. É essencial a aprendizagem de competências e saberes sobre a sexualidade, para potencializar as capacidades inatas e educar o conhecimento adquirido. A identidade sexual constrói-se a partir do modelo de educação sexual, que integra as dimensões biológica, psicológica, social, afetivo emocional, política e ética, as componentes definidas no conceito de sexualidade (OMS, 1974)

3.3 Aquisição de Competências Relacionais na Interação entre Pares

A existência de um grupo de pares é considerado pelos adolescentes algo positivo (Matos & Sampaio, 2009). A partilha e revelação de sentimentos, o amar e ser amado, transforma em realidade a projeção dos sentimentos imaginados. Nesta fase as amizades são necessárias para a aquisição da capacidade afetiva e socialização. Os adolescentes justificam que os amigos compreendem o que acontece, pois estão a viver a mesma fase e circunstâncias da vida, sem julgamento ou críticas (Sprinthall & Collins, 1988; Fillioud, et al., 1984). A inexistência de amigos é percebida como algo negativo, que associa a mal-estar durante a adolescência. As explicações dadas a este facto associam-se à falta de comunicação e integração num grupo ou à rejeição do mesmo ou ainda à existência de problemas de socialização (Matos e Sampaio, 2009, Sprinthall & Collins, 1988 e Fillioud, et al., 1984).

A comunhão de interesses e a identificação pessoal e social com os pares criam entendimento sobre a sexualidade, num dialeto próprio, onde decorrem aprendizagens de maneira informal. A partilha de informação sobre a sexualidade, de referências de origem familiar ou novas informações, ajuda-os a desenvolver a partir das experiências comuns ou particulares (Vilelas, 2009 refere Whitaker & Miller, 2000; Vaz et al, 1996 e López & Fuertes, 1999).

Os adolescentes mantêm presente as aprendizagens nas suas ações e escolhas, nomeadamente nas relações interpessoais, onde manifestam a sua sexualidade. Na inserção num grupo de pares, a partilha de interesses e participação de rituais de grupo, pode levar a experimentar situações sem estar

preparado para lidar com as descobertas que estas proporcionam (Vaz et al, 1996; López & Fuertes, 1999; Silva, 2004; Sampaio, 2009; Vilelas, 2009). São sempre uma fonte de informação entre si, pois têm consideração e confiança uns pelos outros. Desta forma pode perspetivar-se que quanto maior e melhor for o nível de informação adquirida, mais facilmente se podem obter e melhorar as competências e atitudes a nível da sexualidade, nas interações entre pares (Vaz et al, 1999).

A manifestação da afetividade é visível nas emoções e/ou sentimentos, em estado de humor ou de paixão, nas suas variações, características do período da adolescência (Fillioud, et al.,1984).Os adolescentes tratam-se com igualdade e equidade mas quando não existe esse laço afetivo, há uma distância nas relações interpessoais. No grupo de amigos tem de haver espectros comuns de interesses, sejam desportivos ou intelectuais, comuns à faixa etária e ao meio socioeconómico (Sprinthall & Collins, 1988). Após esta capacidade de se relacionar afetivamente com os pares estar interiorizada, é associada à intimidade. Compreender dimensões mais pessoais nas relações estabelecidas, pela confiança, lealdade e fidelidade a si e aos amigos, permite atingir uma intimidade que antes não era possível. A capacidade de partilhar sentimentos e emoções é alcançada pelas relações de amizade assumidas (Elkin, Erickson (1959) citados por Sprinthall & Collins, 1988).

As apetências sexuais humanas não são apenas instinto pré-programado, são também produto de “*necessidades e capacidades afetivas*” que resultam das vivências sexuais (Sprinthall & Collins, 1988). Por atração e interesse sexual, podem gerar sentimentos afetivos de enamoramento ou ternura ou pode acontecer de forma inversa, os afetos originarem interesse. Há autores que apontam que a existência de afeto proporciona o bem-estar, “ *só é possível se amarem e forem amadas* ” (López & Fuertes, 1999). O adolescente desenvolve emoções e sentimentos sexuais, com os quais cria empatia e interesse, traduzindo-se em desejo, atração e prazer sexual (López & Oroz, 1999). Os adolescentes conseguem por isso, criar laços e assumir compromissos, formando uniões. As manifestações de desejo podem acontecer através de diferentes vivências sexuais à parte da relação sexual com coito, nomeadamente as carícias a si ou ao companheiro, a masturbação e o *petting*. São também uma forma exploratória de impulsos de desejo sexual, sem

provocar uma culpabilidade que possa surgir das relações sexuais na adolescência.

Levanta-se uma questão se “*será possível falar de sexualidade sem falar do afeto e do amor*” (Archer, 1999). A sexualidade demonstra-se fisicamente pela satisfação da pulsão ou do desejo, mas também se manifesta pela afetividade. As exteriorizações do desejo vão ao encontro com os desejos do outro, também de cariz físico e emocional.

3.4 Enamoramento e Paixão

No contexto das competências afetivo-sexuais adolescentes, o enamoramento surge como o interesse exclusivo pelo outro, que parece ser inigualável na perspetiva do adolescente. Não deve ser comparado com o desejo e atração, estes direcionam a sua atenção e interesse para diferentes objetos (López & Oroz, 1999, Hatfield & Walster, 1978). O enamoramento é considerado como o movimento que se desenvolve entre duas pessoas, sendo anterior à Paixão (Alberoni, 1979). O comportamento, os sentimentos e crenças dos apaixonados, apesar de cada indivíduo ser único, é partilhado na busca de semelhanças (López & Oroz, 1999).

Conceptualmente a Paixão é entendida como “um estado intenso de desejo e de união com o outro” (Hatfield & Walster, 1978), uma “reciprocidade amorosa, associada a sensação de plenitude e êxtase” (Hatfield & Sprecher, 1986). A Paixão é observada em várias idades desde a infância (Hatfield, Schmitz, Cornelius & Rapson, 1988), mas na adolescência, por razões do estágio de desenvolvimento cognitivo-emocional, pode ser uma experiência avassaladora.

A discussão se a Paixão é possível ocorrer antes da puberdade é alvo de diferentes opiniões. Para alguns autores, só após a instalação de um ambiente hormonal além da infância, torna possível a ocorrência da paixão. Ademais destes aspetos orgânicos, ter-se-á que ter em conta o reconhecimento pelo próprio, do estado “apaixonado”. De facto, há grupos de idade que admitem o estado de apaixonado (i.e. 4-8 anos; 12-15 anos), enquanto outros repudiam a

ideia (i.e. 8-12anos), conforme referem Hatfield, Schmitz, Cornelius e Rapson (1988), coincidindo neste último grupo com as alterações pubertárias (Bancroft, 1989).

O homem tem a impressão de ser dominado por forças que não reconhece como suas, que o arrastam, que ele não domina... Ele desinteressa-se, esquece-se de si próprio, dá-se inteiramente aos fins comuns...Em tais momentos esta vida superior é vivida com tão forte intensidade e de forma tal exclusiva, que ocupa quase completamente as consciências, das quais afasta mais ou menos completamente as preocupações egoístas e vulgares.

(Alberoni, pp.16, cita Durkheim (1963))

O estado de apaixonado pressupõe desejo e atração pelo outro na busca de plenitude pela união exclusivamente com essa pessoa. A procura não exige só a satisfação sexual, mas também outros domínios. O encantamento pelo outro, torna-o no centro da atenção psico-emocional, assumindo como suas opções, os gostos, os interesses, a postura, as rotinas, do outro. Tende deste modo a compartilhar tudo com o seu objeto de desejo, procurando contacto no maior tempo possível, como que numa obsessão que exige a presença palpável e ocupa o pensamento quando ausente fisicamente. As fantasias passam agora por agradar ao outro, na divagação e no desejo do que poderá suceder. Crescem imaginações e devaneios sobre tudo o que ocorre, registam-se mentalmente os pormenores ínfimos, as músicas que referenciam momentos, as conversas que procuram proximidades. As diferenças que se descobrem e revelam, não são motivo para afastamento, mas de transformação para interesses comuns crescentes. É um conhecimento motivador para se tornar melhor no seu desempenho na relação, “*O estado de graça, de renascimento*” (López & Oroz, 1999). A paixão está ainda associada a emoções fortes que podem influenciar de forma positiva ou negativa as interações do ser humano (Neto & Feybesse, 2011).

O desenvolvimento de uma relação com envolvimento sexual para o apaixonado, pode significar alcançar a plenitude da sua união eterna, na ideia de ser correspondida pela outra pessoa (López & Fuertes, 1999, cita Tennov, 1979). É nesta relação que vão surgir momentos de satisfação plena ou de frustração,

por não ser correspondido da forma idealizada. Existem diferenças de género, para justificar as razões para o envolvimento sexual. Os sentimentos em muitos casos são a razão para o envolvimento sexual por parte das raparigas (60%), e para os rapazes (38%). A grande influência para o envolvimento sexual nos rapazes, são a atração ou o desejo físico (50%). Não se reflete tanto no apelo emocional como nas raparigas, mas sim um estímulo físico (Braconnier & Marcelli, 2000). A atração orientará o adolescente para a busca e seleção de parceiro singular. Perante a vulnerabilidade que a Paixão provoca, será oportuno, na pessoa em desenvolvimento que é o adolescente, ainda em crescimento da maturidade crítica para racionalizar a turbulência emocional, observar a possível associação às atitudes face à ESE.

CAPÍTULO 3. - Desenvolvimento da Pesquisa

Secção I - Desenho da investigação

São observadas as atitudes face à ESE e a associação entre esta variável e o nível paixão auto-reconhecido. O programa de educação sexual aplicado na escola constitui a variável independente de intervenção.

1.1 Hipóteses do Estudo

1. O Programa de Educação Sexual influencia positivamente as Atitudes face à Educação Sexual
2. Existe associação positiva entre as Atitudes Face à Educação Sexual e o nível de Paixão
3. A Paixão associa-se positivamente a preferência sobre temáticas de interação afetiva

1.2 Tipo de Estudo

Estudo exploratório correlacional (Reis, 2010), [manipulação da variável independente “Programa de Educação Sexual”], com ausência de grupo de controlo ou repartição aleatória. Utilizando-se a tipologia de Sousa, (2009) consiste num desenho pré-experimental, na medida em que existe somente um grupo de sujeitos, sobre os quais se aplica um programa ou metodologia, avaliando-se comparativamente os resultados pré e pós-aplicação.

A população diz respeito a uma escola de ensino básico do 2º, 3º ciclo da região algarvia. O número total de alunos que pertencem ao 3º Ciclo do Ensino

Básico nesta escola é de 392, distribuídos por turmas do ensino regular, percurso curricular alternativo (PCA) e cursos de educação e formação (CEF). O número de alunos por turma varia de acordo com a especificidade do currículo, conforme a legislação em vigor no ano letivo 2010/2011, relativamente à constituição de turmas nos diferentes currículos (Quadro 1).

Quadro 1. Número de alunos por oferta formativa.

| Oferta Formativa | Número de Alunos por turma |
|---------------------------------------|----------------------------|
| Ensino regular | 22 – 28 alunos |
| Percurso Curricular Alternativo - PCA | 10 -15 alunos |
| Curso de Educação e Formação - CEF | 15 – 20 alunos |

No estudo atual, a amostra é de conveniência. Apesar de se ter utilizado este tipo de amostragem por facilidade de acesso e rapidez na recolha de dados, o número de sujeitos recrutados, foi calculado com base no critério de Krejcie e Morgan (1970), citados por Almeida e Freire (2008).

O recurso às técnicas e instrumentos de metodologia quantitativa ocorreu no processo de tratamento de dados estatísticos, na aplicação SPSS, versão 18, realizando-se operações estatísticas de carácter descritivo e inferencial. Com esta metodologia espera-se reconhecer as atitudes dos alunos em relação à implementação da ESE; tendo sido também observadas possíveis associações à Paixão, consoante os diferentes tipos de curriculum que frequentam, faixa etária e diferença de gêneros. O desempenho dos docentes na implementação da ESE, a abordagem dos assuntos da temática, as estratégias selecionadas para as aulas, os conhecimentos adquiridos e a continuidade das aulas de E.S. na escola, também foram analisados na perspetiva dos alunos.

1.3 Caracterização sociodemográfica

A amostra é constituída por 227 sujeitos (i.e. 125 rapazes, 55,3%; 101 raparigas, 44,7%), com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos (M=14,06; d.p.=1,47). Frequentam o 7º ano, 71 alunos (31,3%), o 8º Ano, 67 alunos (29,5%), o 9º Ano, 56 alunos (24,7%) e o Curso de Educação e

Formação, 33 alunos (14,5%). A maioria (N=178; 78,4%) frequenta o Ensino Regular. Os restantes estão repartidos pelos Currículos Alternativos (N=15; 6,6%) e Currículo Profissionalizante (N=33; 14,5%).

1.4 Instrumento de Recolha de Dados

A recolha de dados realizou-se em dois momentos, através de um questionário de autopreenchimento, constituído por quatro partes. Após a introdução e convite à participação, a primeira secção recolheu informação sobre aspetos sociodemográficos, a segunda apresentava uma escala de Atitudes face à Educação Sexual (Manjova, 2002) e a terceira, a escala de Paixão (Hatfield & Sprecher, 1986). Terminava-se com uma questão aberta onde se solicitava, por ordem crescente, os tópicos de maior interesse para a Educação Sexual. Os alunos também analisaram o desempenho dos docentes na implementação da ESE, nomeadamente na abordagem dos assuntos da temática, as estratégias selecionadas para as aulas, a importância dos conhecimentos adquiridos e a continuidade das aulas de E.S. na escola.

1.4 Procedimentos

Respeitando os aspetos éticos, foi solicitada permissão de aplicação do questionário aos órgãos escolares e encarregados de educação, conforme Anexo IV, V e VI.

Relativamente aos instrumentos, os autores foram contactados via e-mail, dando permissão para a utilização das escalas. No procedimento referente à escala ATSES, na impossibilidade de contacto com a autora original (i.e. Prof.^a Christiane Majova), pediu-se ao orientador da dissertação de Mestrado (Prof. Patrick Sibaya) permissão para uso do instrumento (anexo I).

Ao solicitar permissão para a aplicação da Escala de Paixão, os autores informaram da existência de uma versão em Português de Feybesse, Neto e Hatfield (2011) aplicando-se no estudo atual, com diferenças pontuais em termos coloquiais, em alguns itens, uma vez que o pré-teste assim o indicou (anexo II).

A aplicação do questionário foi efetuada em 2 momentos, antes e depois, da implementação do programa de educação sexual. Os alunos recebiam o

questionário, entregue pelo diretor de turma, numa aula de formação cívica. Colaboraram na aplicação dos questionários, em sala de aula, um total de 17 docentes. Depois da fase de recolha de dados, os questionários foram conferidos, numerados e introduzidos na base de dados do PASW®, versão 18. Utilizou-se estatística descritiva e inferencial.

1.5.1 Variáveis Explicadas de Resultado ou Critério

1.5.1.1 Atitudes Face à Educação Sexual

Para avaliação das Atitudes face à Educação Sexual utilizou-se a escala Atitudes Toward Sexual Education (ATSES) de Manjova (2002). A escala original tem 37 itens, apresentados em escala tipo Likert que variam de 5 (concordo totalmente) a 1 (discordo totalmente). As formulações são de tipo negativo (i.e. “não gosto de educação sexual porque leva a ter muitos namorados”) ou de carácter afirmativo (i.e. “a educação sexual é um aspecto importante das nossas vidas”). Maior pontuação indica atitudes mais positivas face à Educação Sexual. No estudo consultado, os autores identificam três dimensões (e.g. Sentimentos, Crenças, Ação-tendência). Os itens formulados negativamente são revertidos. Os autores não referem a sua consistência interna.

A opção por este instrumento deve-se ao facto de desejar adequar para português, uma medida de atitudes aplicada noutro país. No percurso de tradução e retroversão foi solicitada a prestação de conhecedores de ambos os idiomas, no caso professores de inglês e português. Posteriormente fez-se a aproximação à linguagem coloquial, de acordo com a natureza da amostra.

1.5.1.1.1 Validação da Escala de Atitudes Face à Educação Sexual

A validação da escala, descrita em pormenor num outro local (no prelo), foi realizada através de uma sucessão de testes de Análise Fatorial dos Componentes Principais de forma a reter nos fatores os seus componentes. Ensaios sucessivos, com rotação Varimax, tendo como critérios, valores próprios não inferiores a .40 e fatores com mais de quatro componentes (Dancey & Reidy, 2006), redundaram numa escala com duas dimensões (Tabela 1).

Tabela 1. Análise Fatorial de Componentes Principais

| Matriz Rodada | Componentes | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|-------|
| | 1 | 2 |
| 5. Acho que ensinar os alunos sobre educação sexual é uma perda de tempo | .783 | |
| 16. Não gosto de educação sexual, porque leva a ter vários namorados ou namoradas | .772 | |
| 15. A Educação sexual é adequada para mim, se for ensinada através da rádio | .768 | |
| 24. Educação sexual não devia ser lecionada porque provoca a gravidez na adolescência | .758 | |
| 7. Acho que a educação sexual é aceitável se for feita a partir da televisão | .744 | |
| 4. Ensinar os alunos sobre educação sexual não é correto | .741 | |
| 29. Não quero frequentar aulas de educação sexual | .724 | |
| 2. É uma vergonha que a educação sexual informe os alunos sobre o uso de preservativo | .718 | |
| 30. Gosto de educação sexual, desde que ensine como não ter relações sexuais antes do casamento | .665 | |
| 22. Não estou interessado em educação sexual | .645 | |
| 33. As pessoas que gostam de educação sexual deveriam viver à parte das pessoas que não gostam de educação sexual | .633 | |
| 21. Não gosto de educação sexual porque leva os alunos a praticar o que aprendem na escola | .630 | |
| 8. Não me sinto à vontade, quando falam sobre educação sexual | .625 | |
| 34. Desligo a televisão quando transmitem programas sobre educação sexual | .584 | |
| 6. Concordo com a ideia de dizer “não” às relações sexuais antes do casamento | .573 | |
| 13. Acho que é errado para uma pessoa da minha idade ter aulas de educação sexual | .563 | |
| 31. Não falo sobre educação sexual com os amigos | .563 | |
| 18. Educação sexual deve promover a ideia de que, não deve de haver relações sexuais antes do casamento | .552 | |
| 32. Gosto de educação sexual, desde que os pais sejam também incluído | .476 | |
| 26. Educação sexual não é um especto importante nas nossas vidas | .442 | |
| 36. Não leio revistas que falam sobre educação sexual | .432 | |
| 25. Estou interessado na educação sexual | | .691 |
| 23. Fico chateado/a se não me deixarem receber aulas de educação sexual | | .682 |
| 35. Devem fazer tudo para que a educação sexual seja uma disciplina na escola | | .606 |
| 9. Sinto-me à vontade quando leio revistas que falam sobre educação sexual | | .574 |
| 14. Ensinar os alunos sobre educação sexual, é adequado | | .543 |
| 28. Preciso de saber mais sobre educação sexual | | .531 |
| Variância explicada % | 34,874 | 9,571 |

Na escala total, a variância explicada é de 44.4%. A interpretação semântica das variáveis manifestas em cada fator, revelou que as atitudes dos adolescentes face à educação sexual se podem observar neste instrumento, de maneira global e em duas dimensões que se interpretaram, para o atual grupo de adolescentes como “Confiança na ESE” (21 itens) e “Disponibilidade para ESE” (6 itens).

Observou-se posteriormente a consistência interna do instrumento, após reverter os itens com formulação negativa. A escala total apresenta $\alpha=.915$. Na sub-escala Confiança, o alfa de Cronbach é de .929 e na sub-escala Disponibilidade o valor de alfa é de .665. Relativamente a este baixo valor no coeficiente do alfa de Cronbach, optou-se por aceitá-lo uma vez que tal é admissível até 60 (Hill & Hill, 2000).

1.5.1.2 Caracterização da Paixão

A Paixão foi observada a partir do instrumento de Hatfield & Sprecher (1986). A escala tem 30 itens, apresentados em escala tipo Likert de 1 a 9 (que variam entre totalmente falso e totalmente verdadeiro). As variáveis manifestas são do tipo “sinto-me feliz quando faço alguma coisa para tornar X feliz”. A pontuação obtém-se pela soma simples dos itens e maior pontuação indica níveis mais elevados. As autoras definem três dimensões ou sub-escalas (i.e. cognitiva, emocional e comportamental).

No estudo atual a consistência interna da escala global, revelada pelo alfa de Cronbach é elevada ($\alpha=.966$), conforme critério de Hill & Hill (2002). A dimensão emocional composta por 18 itens¹, apresenta $\alpha=.939$; a dimensão cognitiva, composta por 8 itens², mostra um $\alpha=.886$; a dimensão comportamental, formada por 4 itens³, tem um $\alpha=.764$.

Na amostra não se observou diferença de médias na Paixão de acordo com o sexo ($p=.110$), embora as raparigas apresentassem médias mais elevadas ($M=203,72$; $dp=46,9$ versus $M=190,75$; $dp=55,46$). Não se observou associação significativa com a idade.

¹ Itens: 1, 2, 3, 8, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 20, 23, 26, 27, 28, 29 e 30.

² Itens: 5, 7, 9, 10, 15, 19, 21 e 22.

³ Itens: 4, 6, 24 e 25.

1.5.2 Variáveis de Intervenção de Exposição ou Explicativa

1.5.2.1 Programa de educação sexual

O Programa de Educação Sexual (Anexo IX) foi organizado a partir da Lei 60/2009 e da Portaria 196-A/2010, onde estão definidos as competências e objetivos específicos para os diferentes anos curriculares. Estiveram presentes na elaboração deste, docentes de Ciências Naturais, Educação Física, Língua Portuguesa e Educação Visual, além do Serviço de Apoio à Escola, onde exercem duas psicólogas. Todos estes intervenientes fazem parte do PES (Projeto Escola Saudável).

De acordo com as orientações do relatório final do GTES (2007), no questionário aplicado inicialmente, foram identificados os assuntos que os alunos gostariam e consideravam importantes para as aulas de educação sexual. Foi a partir desta informação que se organizou o programa a aplicar na escola, num modelo de desenvolvimento do tipo bottom – up (Hagquist & Starrin 1997). As estratégias selecionadas foram criadas ou recolhidas de outras sugestões, como manuais de Jogos Psicológicos, nos Materiais da APF e bibliografia que a escola dispõe para a sua utilização, de forma a ir ao encontro das propostas dos alunos. Foram elaborados 12 planos de sessões de educação sexual para cada ano curricular, isto é, para o 7º, 8º ou 9º ano de escolaridade, de acordo com o previsto por lei. Os planos organizados foram propostos numa perspetiva dinâmica, onde os alunos se integrem como atores intervenientes e não apenas como recetores de informação. Os docentes que elaboraram e apresentaram as propostas para as sessões, apontam-nas como um guia, não apenas como uma forma de emissão de conhecimentos. Este programa foi disponibilizado inicialmente para os diretores de turma, através de uma sessão de apresentação/esclarecimento. Posteriormente foi disponibilizado em reunião de conselho de turma, para que fossem realizadas as respetivas articulações nas diversas matérias presentes no programa com o currículo das restantes disciplinas. Foram previstas as intervenções de outros profissionais, além dos docentes, para que o leque de informação seja o mais diversificado possível. Foi possível recorrer ao serviço de saúde local, com a presença da Enf.^a do Centro de Saúde, que integra o PES, de acordo com a parceria estabelecida. O recurso

à dinâmica de grupos ou jogos, como a caixa de perguntas, o barómetro de atitudes, foram e deverão continuar a ser uma forma de recolher informação sobre as necessidades ou desconhecimento de assuntos relacionados com a sexualidade dos adolescentes.

1.5.2.1.1 Objetivos do Programa implementado na escola

Cada estabelecimento escolar é um organismo vivo, repleto de características específicas da sua população estudantil. As diferentes origens, experiências individuais e bagagem cultural da miscelânea de alunos, transformam a escola numa comunidade heterogénea de personalidades. Para elaborar um programa educativo a implementar numa escola, é necessário organizar e orientá-lo, de forma a canalizar a aquisição dos conhecimentos e competências gerais e específicas, para as necessidades manifestadas por estes alunos, mas absorvendo as suas experiências e vivências enquanto seres sociais.

No relatório do GTES (2007), a educação sexual é apontada como uma temática, que não pretende apenas prevenir comportamentos sexuais de risco, mas deve também promover competências relacionadas com as relações interpessoais, nomeadamente as vivências em intimidade, a partir das influências sócio-culturais de cada um. O programa elaborado, após o levantamento de necessidades e interesses dos alunos, deve ter em consideração os conhecimentos em diferentes vertentes, isto é, a médico preventiva, associados aos conteúdos da saúde sexual e reprodutiva, mas também associar ao modelo relacional ou desenvolvimento pessoal, que permita a aquisição de competências sócio – afetivas.

Os objetivos do programa de educação sexual implementados na escola foram apresentados com dois objetivos gerais, que posteriormente foram desdobrados em objetivos específicos:

→ **Objetivo Geral**

Contribuir para a redução de possíveis consequências negativas dos comportamentos sexuais, tais como a gravidez não planeada e as infeções sexualmente transmissíveis (IST).

↘ **Objetivos específicos:**

- Identificar os órgãos sexuais masculinos e femininos;
- Compreender a correta utilização dos métodos contraceptivos;
- Adquirir/Melhorar competências para colocar corretamente o preservativo masculino e feminino;
- Identificar as formas de contágio do HIV;
- Identificar comportamentos de risco de transmissão de IST;
- Sensibilizar para a problemática da gravidez na adolescência.

→ **Objetivo Geral**

Contribuir para uma melhoria dos relacionamentos afetivos sexuais entre os jovens.

↘ **Objetivos específicos:**

- Adquirir capacidade de expressar os sentimentos e opiniões;
- Identificar a importância do respeito pelos outros;
- Identificar a assertividade como uma postura positiva nas relações interpessoais;
- Adquirir competências assertivas para negociar o uso de preservativo;
- Relacionar diferentes sentimentos, com diferentes demonstrações de afeto;
- Identificar a importância dos afetos nos relacionamentos interpessoais;
- Identificar a manifestação de afetos positivos Vs manifestações negativas - Violência no namoro.

Secção II – Resultados

Da população de uma escola EB 2/3 foi selecionada uma amostra que integrava estudantes entre o 7.º e o 9.º ano de escolaridade, com faixas etárias entre os 12 e os 18 anos de idade. Em termos escolares, do currículo regular do 7.º ano de escolaridade dos 108 alunos obtiveram sucesso 76,8%, dos 99 alunos matriculados no 8.º ano de escolaridade 91,9% transitaram de ano, e dos 86 alunos do 9.º ano, 93% foram aprovados para conclusão deste ciclo. Das duas turmas de alunos de Percorso Curricular Alternativo que participaram na amostra, 93,7% dos 14 alunos do 7.º ano transitaram de ano, e dos 12 alunos do 8.º ano obtiveram 100% de sucesso. Relativamente aos alunos de CEF, participaram 4 turmas, num total de 49 alunos, nos quais houve 100% de sucesso.

2.1 Atitudes Face à Educação Sexual no Âmbito das Variáveis Sociodemográficas

Através do teste *t de Student*, observou-se que as raparigas possuem, em média, Atitudes Globais significativamente mais favoráveis à Educação Sexual, assim como maior Confiança comparativamente aos rapazes. Na disponibilidade para a Aprendizagem, os rapazes apresentam uma média superior. Contudo só na dimensão Confiança as diferenças são significativas entre os sexos (Tabela 2).

Tabela 2. Médias das Atitudes Face à Educação Sexual de Acordo com o Sexo

| Escala | Rapazes | | Raparigas | | F |
|---------------------------------------------|---------|------|-----------|------|---------|
| | Media | DP | Media | DP | |
| Atitudes Globais face à Educação Sexual | 3.78 | .698 | 3.92 | .573 | -1.548 |
| Subescala Confiança na Aprendizagem | 3.80 | .821 | 4.06 | .616 | -2.552* |
| Subescala Disponibilidade para Aprendizagem | 3.63 | .710 | 3.47 | .740 | 1.649 |

* $p < .05$

Retirando-se da análise sete sujeitos que residem com avós ou outros familiares, realizou-se um teste Anova One-Way, para observar o efeito do

agregado familiar relativamente às Atitudes face à Educação Sexual. Não se observando diferenças significativas, é curioso reparar que os adolescentes que vivem só com a mãe apresentam tendência a Atitudes Globais mais positivas Face à Educação Sexual (Gráfico 1), assim como Atitude mais Confiante (Gráfico 2); no entanto, são os adolescentes que vivem com os progenitores do sexo masculino, que apresentam uma Atitude de Maior Disponibilidade face à Educação Sexual (Gráfico 3).

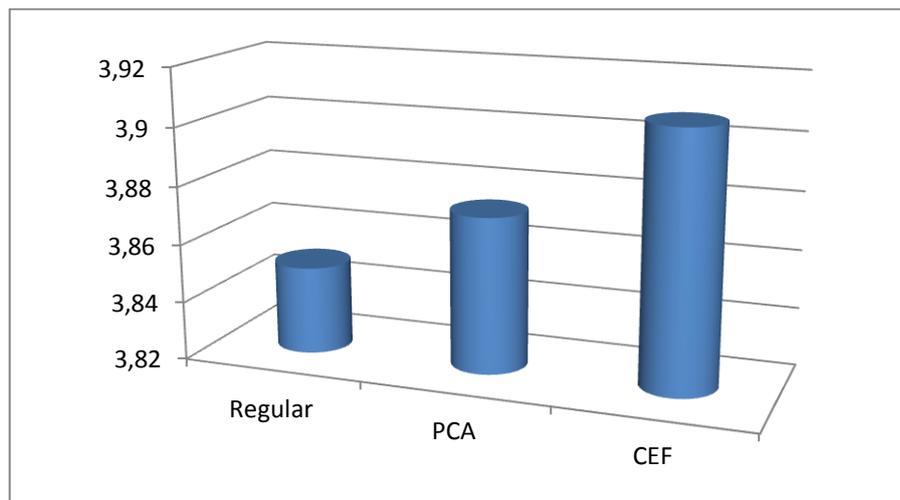


Gráfico 1. Atitudes Globais Face ES de acordo com o Agregado Familiar.

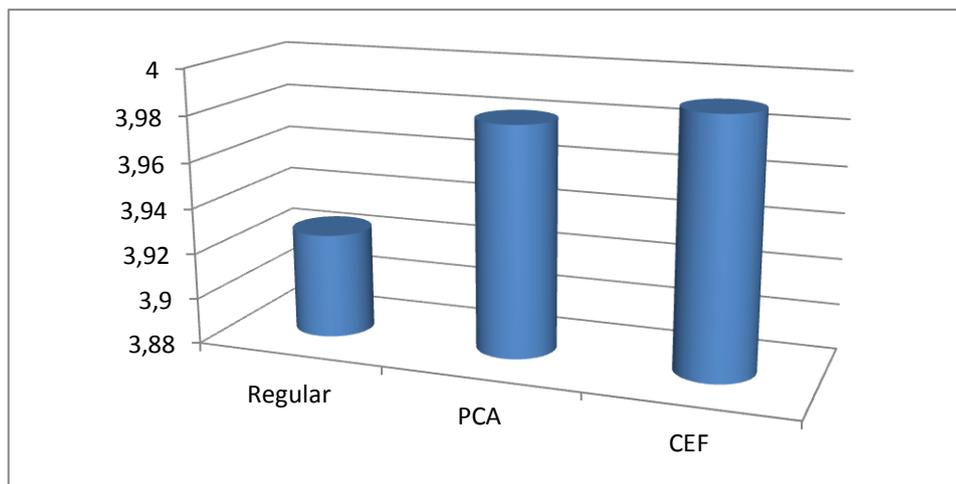


Gráfico 2. Atitude Confiante na ES de acordo com o Agregado Familiar.

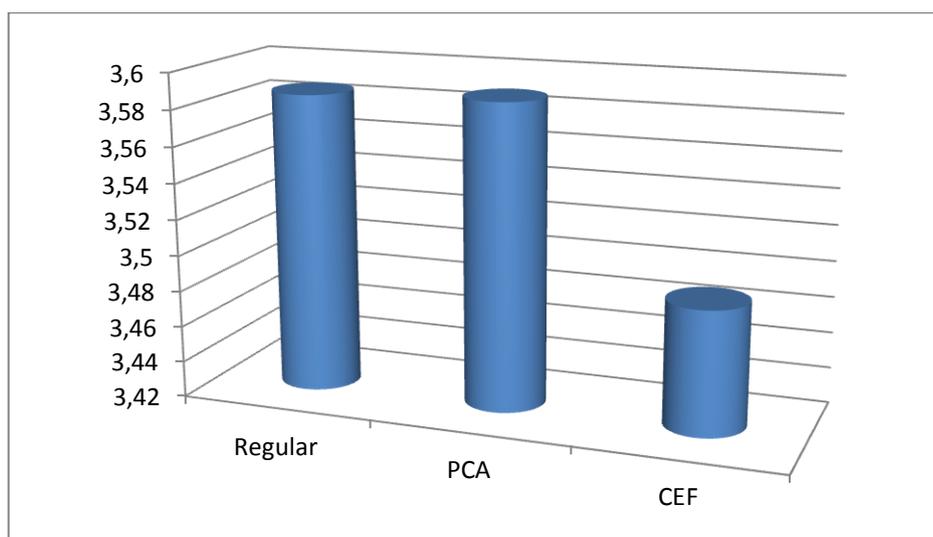


Gráfico 3. Atitude Disponível para a ES de Acordo com o Agregado Familiar.

No que se refere ao curriculum escolar que frequentam, embora se encontrem tendências para Atitudes Globais e de Confiança para com a ES, por parte dos alunos em curriculum profissionalizante e alternativo, comparativamente àqueles que estão no curriculum regular, estatisticamente não são significativas ($p=.920$ e $p=.906$) (Gráfico 4 e 5). Por outro lado, também sem diferenças significativas ($p=.796$), são os estudantes do Curriculum Regular e Curriculum Alternativo, que manifestam Atitude Disponível para a ES de Acordo com o Curriculum (Gráfico 6).

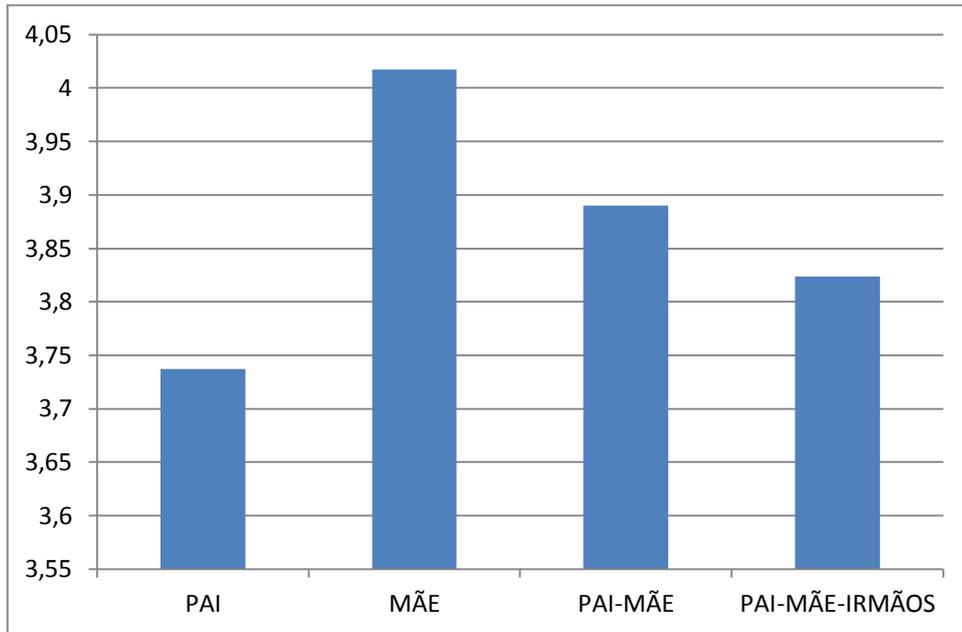


Gráfico 4. Atitudes Globais Face ES de Acordo com Curriculum.

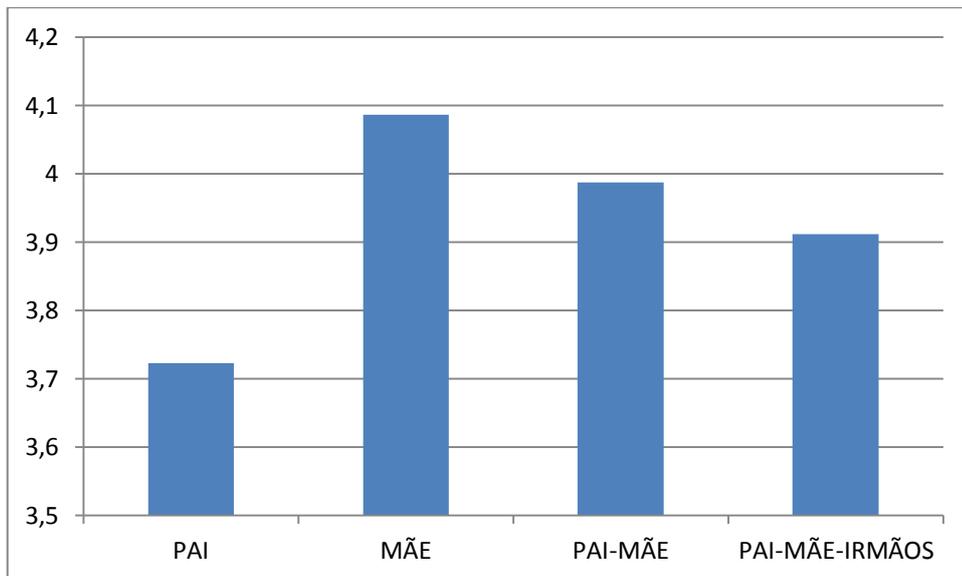


Gráfico 5. Atitude Confiante na ES de Acordo com o Curriculum.

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção

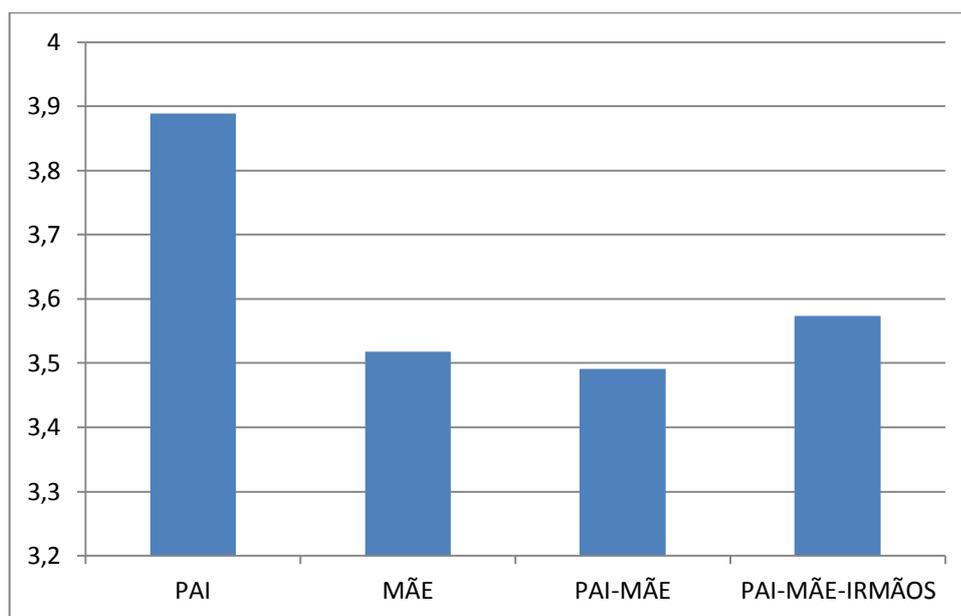


Gráfico 6. Atitude Disponível para a ES de Acordo com o Currículo.

A idade não regista influência significativa sobre as Atitudes globais face à Educação Sexual ($p > .05$), mas será pertinente constatar que os sujeitos tendem a ser mais favoráveis, tanto na globalidade, como nas dimensões de Confiança e Disponibilidade face à ES, à medida que se tornam mais velhos (Gráficos 7, 8 e 9).

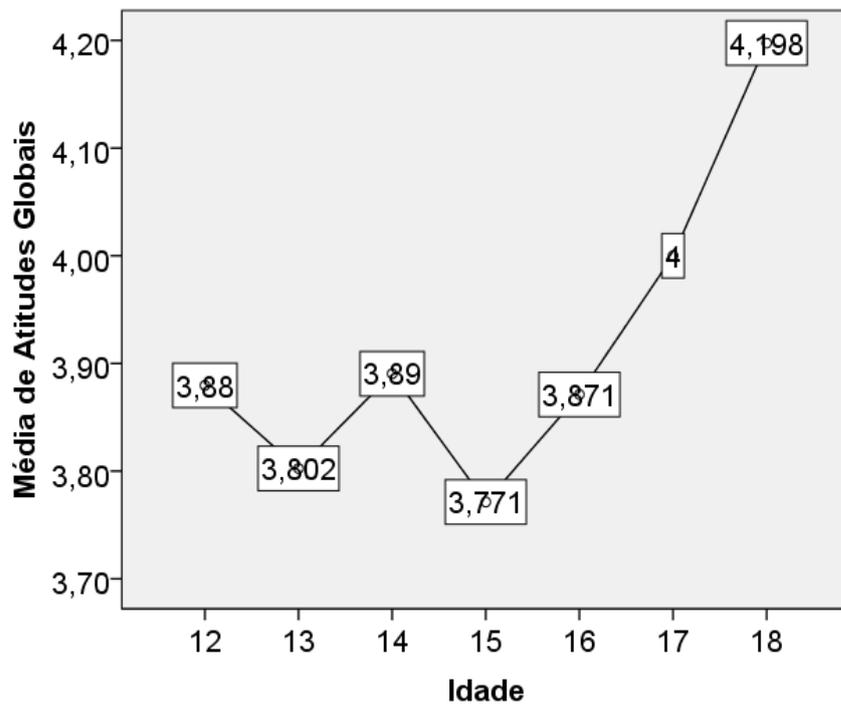


Gráfico 7. Atitudes Globais de acordo com a Idade.

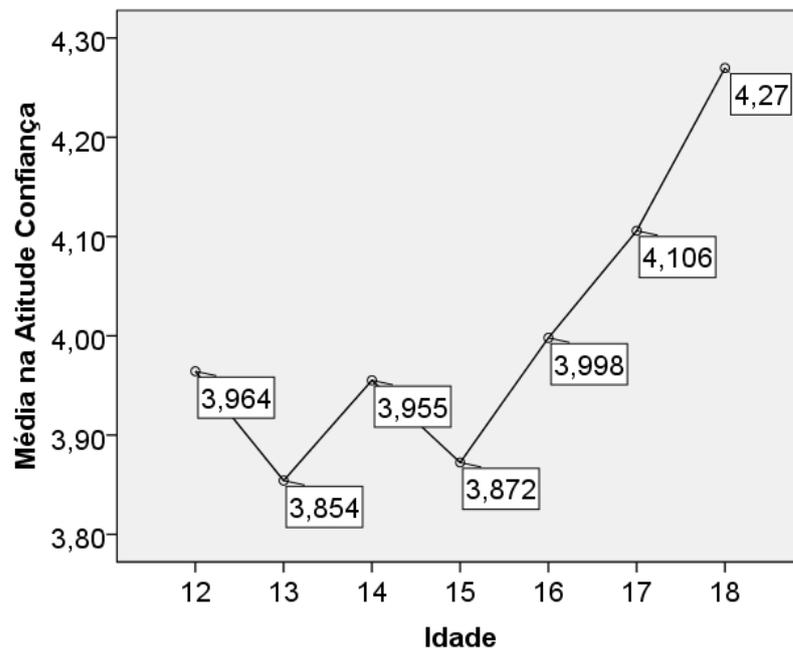


Gráfico 8. Atitudes Confiança de acordo com a Idade

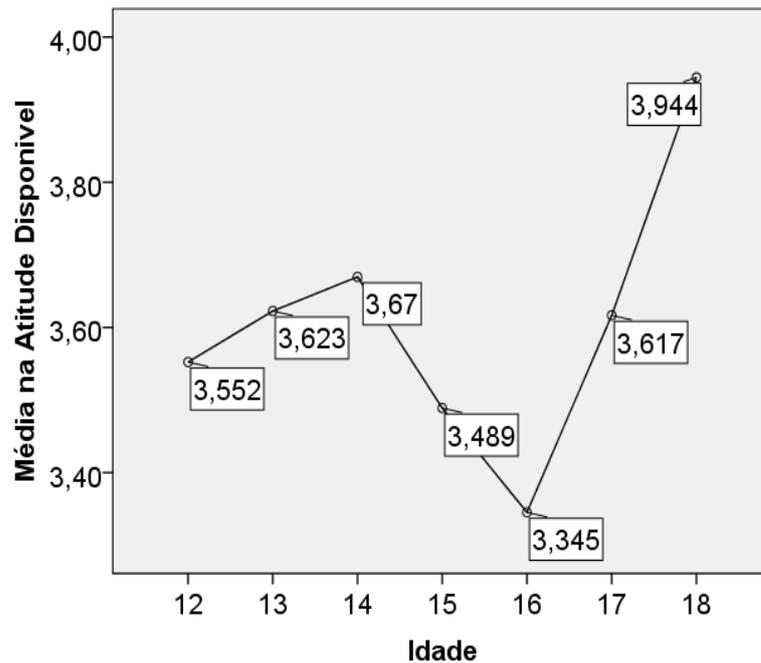


Gráfico 9. Atitudes Disponibilidade de acordo com a Idade.

2.2 Atitudes Face à Educação Sexual e Relação com a Paixão

Através de uma correlação de Pearson, observou-se que não existe associação significativa entre os níveis de Paixão e as atitudes face à ES, tanto no primeiro tempo, como 2º tempo de aplicação do questionário conforme a Tabela 3 e Tabela 4.

Tabela 3. Tempo 1º da aplicação do questionário sobre as atitudes dos adolescentes face ESE

| | | Correlations | | | |
|-----------------------|---------------------|--------------|--------------------|------------------------|------------------------|
| | | Paixão | Atitude Global ESE | Atitude Confiante ESSE | Atitude Disponível ESE |
| Paixão 1º Tempo | Pearson Correlation | 1 | ,129 | ,116 | ,059 |
| | Sig. (2-tailed) | | ,123 | ,160 | ,461 |
| | N | 167 | 144 | 147 | 160 |

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Tabela 4. Tempo 2º na aplicação do questionário sobre as atitudes dos adolescentes face à ESE

| Correlations | | | | | |
|--------------------|---------------------|--------|--------------------|------------------------|------------------------|
| | | Paixão | Atitude Global ESE | Atitude Confiante ESSE | Atitude Disponível ESE |
| Paixão 2º Tempo | Pearson Correlation | 1 | ,142 | ,168 | -,060 |
| | Sig. (2-tailed) | | ,312 | ,229 | ,661 |
| | N | 214 | 53 | 53 | 55 |

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).
* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

2.3 Efeito do Programa de Educação Sexual Sobre as Atitudes Face à Educação Sexual

Para observar o efeito do Programa, realizou-se um teste t de Student para amostras emparelhadas, procurando identificar diferenças entre o primeiro e o segundo tempo de aplicação.

Observou-se que no segundo tempo de aplicação, as médias são mais elevadas, tanto nas Atitudes Globais ($M=3,87$; $dp=.701$ versus $M=3,90$; $dp=.590$), como nas dimensões Confiança ($M=3,93$; $dp=.805$ versus $M=3,95$; $dp=.704$) e Disponibilidade ($M=3,70$; $dp=.689$ versus $M=3,80$; $dp=.706$) face à ESE, mas as diferenças não são significativas.

Através de uma análise multivariada a dois fatores (sexo e grupos de idade), observou-se que embora sem diferenças significativas, tanto as raparigas como os rapazes mais novos (i.e. 12-13 anos), tendem a manifestar Atitudes Globais face à ESE mais positivas, após a aplicação do Programa, o mesmo acontecendo com as raparigas mais velhas (i.e. 18 anos). Porém, em ambos os sexos, no grupo dos 14-15 anos e nos rapazes mais velhos, a média de atitudes tende a diminuir (Gráfico 10 e Gráfico 11).

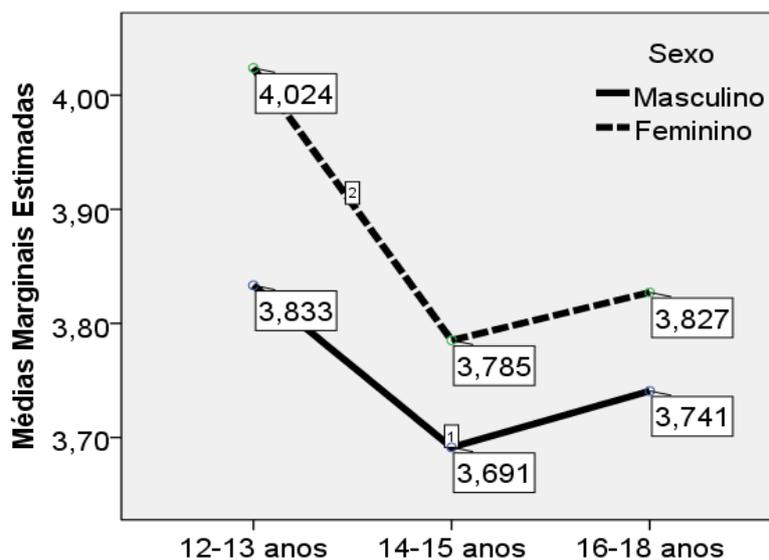


Gráfico 10. Médias das Atitudes Globais Face à Educação Sexual Antes da Aplicação do Programa (1ºTempo).

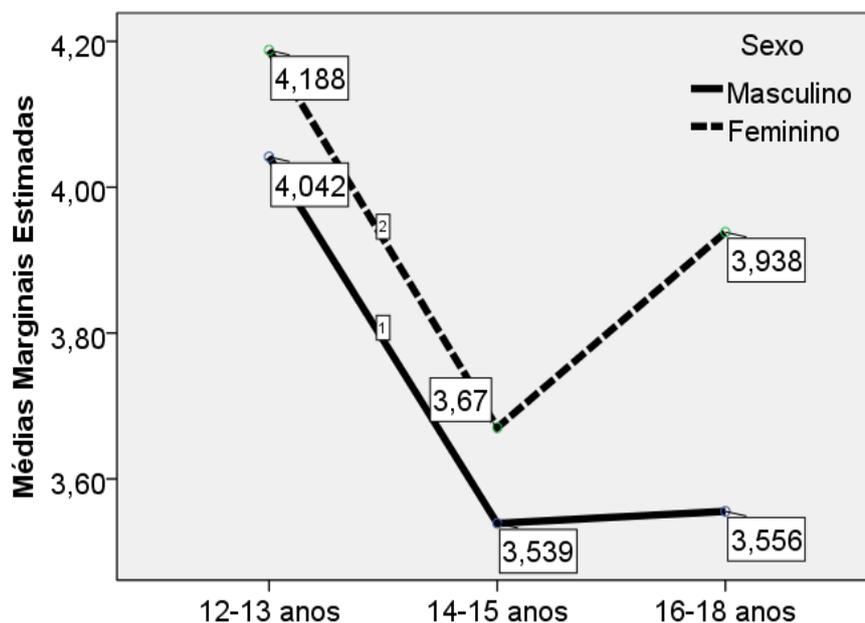


Gráfico 11. Médias das Atitudes Globais Face à Educação Sexual Após Aplicação do Programa (2ºTempo).

2.4 Relação entre a Paixão e as temáticas preferidas da Sexualidade Humana

Apreciaram-se as respostas descritivas dos sujeitos, no que se refere a temáticas preferidas da ESE. As respostas foram sujeitas a análise de conteúdo e posteriormente categorizadas. Nesta categorização utilizou-se como orientação e referência a Portaria nº 196-A/2010 de 9 de Abril, no que se refere aos conteúdos para o 3º Ciclo do Ensino Básico. Os conteúdos categorizados a partir destes critérios encontram-se no Quadro 2.

Quadro 2. Distribuição dos Tópicos Categorizados conforme Portaria nº196-a/2010.

| Dimensões | Frequência | Percentagem |
|--------------------------------------------|------------|-------------|
| Dimensão Ética Sexualidade | 6 | 2,8 |
| Sexualidade Componente Sensível | 30 | 13,9 |
| Fisiologia Reprodução | 16 | 7,4 |
| Métodos Contraceptivos | 61 | 28,2 |
| IST | 71 | 32,9 |
| Maternidade/Paternidade Adolescente | 22 | 10,2 |
| IVG | 8 | 3,7 |
| Maus Tratos/Abusos | 2 | ,9 |
| Total | 216 | 100,0 |

No total dos sujeitos, quarenta e seis (17,6%) não responderam à questão. Os conteúdos mais enunciados são referentes às IST (N=71; 32,9%), seguindo-se os métodos contraceptivos (N=61; 28,2%), a Sexualidade como Componente Sensível (N=30; 13,9%) e maternidade/paternidade adolescente (N=22; 10,2%). Observa-se que o conteúdo respeitante à temática do Ciclo Menstrual e Ovulatório está ausente.

Para dar resposta à terceira Hipótese, ou seja, se a Paixão influencia positivamente a preferência sobre a componente sensível da Sexualidade

Humana, retiraram-se da amostra as categorias com representação percentual abaixo de 10% [categorias 1⁴, 3⁵, 8⁶, 9⁷], estando a representação no Quadro 3.

Quadro 3. Distribuição das frequências mais representativas das Temáticas preferidas da Sexualidade Humana.

| | Frequência | Percentagem |
|--------------------------------------|------------|-------------|
| Sexualidade como Componente Sensível | 30 | 16,3 |
| Métodos Contraceptivos | 61 | 33,2 |
| IST | 71 | 38,6 |
| Maternidade/Paternidade Adolescente | 22 | 12 |
| Total | 184 | 100,0 |

Através de um teste Anova, observa-se que não existem diferenças significativas, mas a tendência registada confirma parcialmente a Hipótese 3, uma vez que os sujeitos com níveis mais elevados de Paixão, identificam temáticas sensíveis da Sexualidade Humana como as mais valorizadas, além das IST (Gráfico 12).

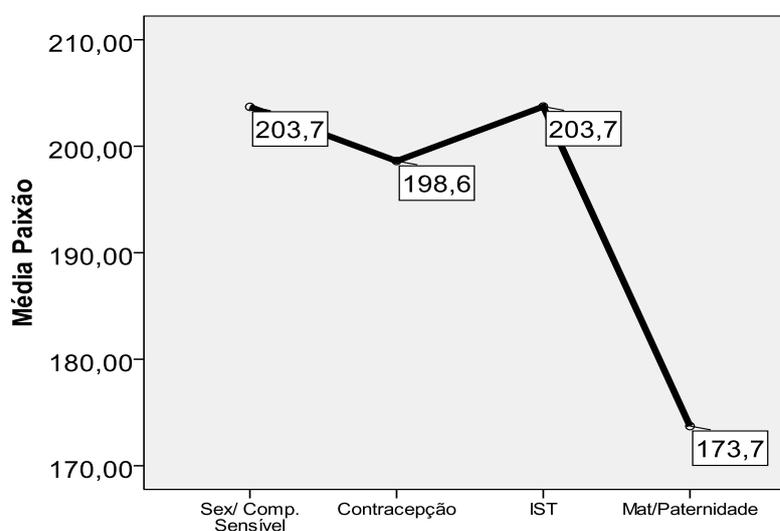


Gráfico 12. Níveis de Paixão de acordo com as temáticas categorizadas através da Portaria nº nº196-A 2010.

⁴ Dimensão Ética da Sexualidade Humana

⁵ Fisiologia geral da Reprodução Humana

⁶ IVG

⁷ Maus tratos e abusos

2.5 Avaliação do programa na perspetiva dos estudantes

Os alunos foram inquiridos sobre a implementação do programa de educação sexual na escola. Consideraram que foi muito importante relativamente aos conhecimentos adquiridos (N=120, 53.15%) e à continuidade das aulas de educação sexual na escola (N=90, 39.64%). Ainda na opinião dos alunos, mas em relação ao trabalho dos professores, consideraram muito bom o à vontade com que os docentes falaram sobre a temática da educação sexual (N=85, 37,39%) e as estratégias seleccionadas e utilizadas para abordar os assuntos do respetivo programa (N=86, 37.84%).

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção

Secção III - Conclusões

3.1 Discussão dos Resultados

Centrando-se o problema de investigação no contexto do estudo da sexualidade adolescente, pretendeu-se com a realização deste trabalho, compreender e aprofundar o conhecimento sobre a postura dos adolescentes face à ESE, assim como descrever alguns aspetos da vivência afetiva e encontrar associações entre conteúdos, vivências e fatos que contextualizam e os programas sobre sexualidade atualmente em vigor no sistema de ensino português. Assim, a finalidade subjacente, pretendia desbloquear, tanto quanto possível, através dos objetivos definidos, a convivência que os adolescentes experimentam no fenómeno da Educação Sexual.

Num primeiro tempo, o objetivo inicial do estudo atual situava-se na descrição das atitudes face à ESE. Reveladas as atitudes dos adolescentes face à ESE, era essencial aferir se o programa de Educação Sexual implementado teria sobre elas alguma influência, constituindo-se a primeira hipótese de investigação. Porque se supunha que nesta fase de desenvolvimento e transformações biopsicossociais, a Paixão seria uma experiência a considerar, definiu-se o terceiro objetivo que procurava a associação entre esta variável e as atitudes face à ESE, supondo-se na segunda hipótese uma associação direta. O último objetivo pretendia identificar as relações entre o nível de Paixão e as temáticas preferidas pelos adolescentes, supondo-se uma associação positiva.

Com a sociedade em constante transformação, as normas e valores vieram também modificar as vivências sexuais, sendo necessário conhecer e compreender o desenvolvimento afetivo-sexual dos adolescentes, nomeadamente os fatores que devem ser trabalhados, de forma a preconizar modelos e métodos de intervenção, selecionar estratégias, adequadas aos vários grupos de adolescentes, de acordo com o seu nível etário e de desenvolvimento bio-psico-social. A forma como os adolescentes percecionam a

sua própria sexualidade influencia os seus comportamentos e atitudes (Gouveia, Leal, Maroco & Cardoso, 2010 Saavedra, Nogueira, & Magalhães, 2010).

O questionário aplicado orientou-se para a compreensão dos alunos nas diversas faixas etárias e curriculum escolar, tendo havido a preocupação de o apresentar em linguagem coloquial.

Na globalidade os adolescentes, apresentam um nível moderado a elevado tanto nas atitudes globais face à ESE, como nas outras dimensões que compõem o instrumento. Os resultados atuais são condicentes com outros estudos (Ogunjimi, 2006; Majova, 2002) que encontram também interesse pelos programas escolares que elegem a sexualidade como área de ensino. De fato, na adolescência o interesse pela sexualidade desperta, uma vez que vivem no seu próprio corpo estes fenómenos intensos e descontrolados (Sprinthall & Collins, 1988). Nesta fase leva a procurar conhecer melhor o seu corpo e do sexo oposto, para compreender e acalmar as suas inquietações, aceitando as suas transformações, num processo que faz parte do crescimento humano (Correia, 2008). Estas alterações são diferentes entre os géneros, havendo uma maior dificuldade na sua aceitação, devido a constrangimentos socio-culturais (Vaz, et al, 1996).

Relativamente às diferenças entre os sexos, verificou-se um maior interesse das raparigas, na Escala Global e na dimensão Confiança, nesta última com diferenças significativas. Os resultados atuais corroboram parcialmente Majova (2002) e Saavedra, Nogueira, & Magalhães, (2010), que observou também maior interesse da parte dos elementos do sexo feminino. O maior interesse das raparigas na educação sexual, pode estar radicado em fatores associados ao género e ao envolvente sociocultural. A vivência de uma sexualidade desvinculada a uma relação assumida (Saavedra, Nogueira, & Magalhães, 2010), as consequências de uma gravidez adolescente, não desejada, são desproporcionalmente maiores para as raparigas (Ramos de Almeida, 1987; Sampaio, 2006; Saavedra, Nogueira, & Magalhães, 2010). No aspeto particular da dimensão Confiança, a maior representação das raparigas pode ser porventura justificada, através da credibilidade na instituição escolar, em particular nos professores. São um agente educativo presente no seu dia-a-dia, bastante acessível. Os professores são considerados como uma fonte de

informação, que lhes permite adquirir conhecimento e competências para viver a sexualidade de forma segura livre de alguns perigos (Correia, 2008, Louro, 2000). Existem diferenças entre géneros, visíveis na escolhas, comportamentos, na aquisição de algumas competências. Estão associadas às normas e padrões nos papéis de género socialmente pré-estabelecidas, que desde pequenos regem as suas acções (Saavedra, Nogueira, & Magalhães, 2010; Saavedra, Magalhães, Soares, Ferreira, & Leitão, 2007, Saavedra & Barros, 1996). Contrariamente, na dimensão Disponibilidade as raparigas pontuavam mais baixo do que os rapazes. A vivência da sexualidade nos rapazes ocorre mais cedo do que nas raparigas (Saavedra, Nogueira, & Magalhães, 2010; Saavedra, Magalhães, Soares, Ferreira, & Leitão, 2007, Sampaio, 2006), pelo que a sua disponibilidade perante a ESE, poderá ser motivada para a interiorização de informação disponibilizada pela escola, para a modificação de crenças e adoção de comportamentos saudáveis na vivência da sexualidade (Matos & Sampaio, 2010 e Correia, 2008).

Se desde cedo for criado espaço para conversar sobre a temática, a par do nível de desenvolvimento das crianças e adolescentes, podem-se prevenir problemas que surgem com a vivência sexual (Matos, Reis, & Ramiro, 2009, Saavedra, Nogueira, & Magalhães, 2010). A escola é influente no desenvolvimento dos adolescentes ao implementar a ESE (Larsson, Eurenus, Westerling, & Tanja, 2006). Tal como os resultados o evidenciam na presente avaliação das atitudes, os adolescentes estão abertos à ESE. A sexualidade é uma nova esfera a conhecer, a discutir, a esclarecer, podendo os modelos de ensino-aprendizagem ser livres e adaptáveis, tal como é considerado por Lopez & Fuertes (1999) fomentar posturas mais positivas face à sexualidade, contrariando perspectivas conservadoras de que a ESE estimula a iniciação da vivência sexual precoce. Esperava-se interesse dos alunos num projeto orientado para a Educação da Sexualidade. Tal, enquadra-se na legislação em vigor sobre a implementação da ESE, com competências essenciais a adquirir pelos jovens, que garantam a possibilidade de escolhas informadas, que se refletem nos seus comportamentos e vivências sexuais (GTES, 2010, Matos & Sampaio, 2010; WHO, 2011).

A comunicação entre os adolescentes e os seus progenitores foi muitas vezes o mínimo em relação às questões da sexualidade e à reprodução humana,

houve casos em que esta comunicação era inexistente (Shelley, 1981, cita Fox,1979). Em muitos casos os adolescentes não revelam aos pais ter conhecimentos sobre a temática da sexualidade, mas os seus progenitores confiam que estes já tenham a informação essencial, sem ter participado diretamente na transmissão dos mesmos (Pais, 2012 cita Vendrel, 1999), assumindo como fonte os amigos ou meios de comunicação (Sprinthall & Collins, 1988). Relativamente ao agregado familiar, o estudo revelou que os alunos que vivem apenas com a mãe, apresentam maior média nas Atitudes Globais e na dimensão Confiança face à ESE. É um dado pertinente, que pode justificar-se com o facto dos adolescentes que vivem só com a mãe, apresentarem maior conforto nas relações, a nível sentimental e de compreensão mútua, para com a sua progenitora. A mãe é, na maioria das vezes dos elementos da família, a quem é delegado o papel de conversar sobre a sexualidade. Quando sentem a necessidade de estabelecer comunicação com os seus filhos, sobre a sexualidade, esta acontece mais com as raparigas, e o assunto recai sobre o receio/ responsabilidade de evitar uma gravidez indesejada. É uma perspetiva mais associada à saúde reprodutiva (Furstenberg et al, (1985) citado Sprinthall & Collins, 1988; Pais, 2012).

Na sociedade atual, apesar de haver alguma abertura para se abordar a sexualidade, ainda existem algumas questões difíceis de aceitar, tal como a vivência da sexualidade na adolescência. Os adolescentes iniciam a sua vida sexual precocemente. Assumir a sexualidade como uma temática passível de ser ensinada, deixou de ser apenas uma teoria. Atualmente, os adolescentes aprendem mais rapidamente através da descoberta do que numa partilha de informação unilateral por parte dos educadores (Matos & Sampaio, 2010). As aprendizagens devem estar interligadas a experiências. Dos adolescentes que participaram no estudo, 53,15% referem que ESE é útil para obter mais informação, para tirar dúvidas e consideram importantes os conhecimentos adquiridos. É importante a viabilização da ESE, pela qualidade da informação obtida pelos adolescentes, em paralelo à adquirida fora da escola, na internet, em folhetos informativos, programas na televisão (HBCS, 2010). Os tipos e os agentes que se definem na implementação da ESE são essenciais. Os adolescentes prezam a sua liberdade, mas também a confidencialidade. As fontes que eles procuram e utilizam, na sua perspetiva, garantem estes fatores.

Os agentes intervenientes, i.é, docentes, profissionais da saúde ou outros, assumem uma dimensão privilegiada, vão influenciar os conhecimentos, atitudes nos adolescentes, com a implementação do programa (Larsson, Eurenus, Westerling, & Tanja, 2006). A confiança deve ser estabelecida entre os adolescentes e os agentes, da ESE, valorizando a individualidade e liberdade de cada um (Correia, 2008). A educação formal sobre a sexualidade é aceite pelos adolescentes, valorizando-a como uma necessidade para a sua educação global e formação pessoal (Rodrigues & Fontes, 2002, Correia, 2008). Todo o processo que envolve a organização e esquematização de um programa de educação sexual em meio escolar deve ser orientado na perspetiva de educação ativa, que envolve os alunos na construção das próprias aprendizagens. A educação sexual tem como objetivo preparar os s para a vivência plena da sexualidade, com o desenvolvimento psicossocial da sua personalidade, que permite as relações interpessoais durante toda a vida. A informação sobre a sexualidade é pertinente para atingir o objetivo da educação global dos adolescentes. (Andrade, H, Mello, M., Sousa, M., Makuch, M., Bertoni, N., Faúndes, A., 2009; WHO, 2011). A escola como meio promotor de educação deve garantir além da oportunidade, espaço próprio para que quem procura informação ou ajuda, não se sinta coagido, controlado ou envergonhado de forma inibidora à aprendizagem (GTES, 2010, Correia, 2008).

Os alunos opinam a favor da continuidade das aulas de ESE (39,64%) considerando importante para a sua educação, resultados idênticos obtidos noutras investigações e pesquisas (Matos & Sampaio, 2010, Ogujami, 2006, Piscalho, Serafim, & Leal, 2000). É essencial que a educação sexual se mantenha nas escolas em contexto formal. Dar continuidade a programas específicos sobre a fisiologia reprodutivo-sexual humana é importante, para que os s conheçam todas as fases de desenvolvimento e crescimento pelas quais passam, bem como as do sexo oposto. Alcançam o conhecimento e compreensão das transformações pelas quais todos os seres humanos passam, facilitando as vivências entre si (WHO, 2011; Correia, 2008). A sexualidade é algo que se manifesta em todas as ações do sujeito, mas tão difícil de verbalizar. As normas que regulam e estruturam as manifestações da sexualidade são também as que condicionam esta temática. O incentivo para o início precoce da atividade sexual é apontada como razão injustificada, com base em dados da UNESCO (2009 A, vol. 1, pp13-17). A educação sexual atrasa o início da

atividade sexual, diminui a variedade de contactos sexuais e a diversidade de parceiros, diminuindo comportamentos de risco, melhorando o comportamento preventivo na saúde e comportamentos sexuais (Larsson, Eurenus, Westerling, & Tanja, 2006; Saavedra, Nogueira, & Magalhães, 2010). Noutros países, nomeadamente Canadá e EUA, apresentam propostas de implementação de programas de educação sexual baseadas no . (Hagquist & Starrin, 1997; Mckay, 2009; GTES, 2010; WHO, 2011). A educação sexual é considerada um aspeto essencial para o bem-estar físico e social, dos s e sociedade em geral. É necessário que se facilite o acesso à informação sobre saúde sexual, nomeadamente na educação sexual, em todas as faixas etárias. É uma forma de motivar para aquisição de competências necessárias, de forma a prevenir/evitar comportamentos sexuais de risco. Deve ser evitado a fragmentação de conhecimentos, mas criar através da ESE, um conjunto de competências e de saberes articulados, nos diversos tipos de educação sexual, entre a educação formal e a não formal e a informal (Viegas & Vilaça, 2011).

Os alunos (37,39%) apreciaram o à vontade do professor nessas tarefas, considerando-o muito bom no seu desempenho. A promoção do diálogo e a exposição individual das suas dúvidas, questões e preocupação, conduziram à atenção dos alunos pela temática. É importante definir a forma ideal para a implementação da educação sexual. Não se deve descurar a influência dos agentes que rodeiam os adolescentes, a família, amigos, grupos, escola (Matos & Sampaio, 2010). As estratégias selecionadas no programa implementado na escola local, nomeadamente, histórias valorativas, role-play, brainstorming, barómetro de atitudes, jogos, análise de casos reais, partilha de experiências, visualização de filmes e peças de teatro, são experiências de aprendizagem que os alunos consideram mais interativas e de maior interesse; que facilitam a compreensão dos objetivos e aquisição de conhecimentos e competências. Todas elas devem ser acompanhadas de estratégias de consolidação, como relatórios, esquemas de ideias, que facilitam a sua interiorização, através da sintetização dos factos, de forma individual ou em grupo, em registo escrito ou oralmente. O interesse demonstrado pelos diferentes intervenientes, alunos e docentes, é considerado um fator facilitador da implementação de medidas de promoção e educação para a saúde, especificamente da educação sexual na escola (Puerto, 2009; GTES, 2007, 2010; Correia, 2008). Estes resultados

influenciam de forma positiva a aquisição de conhecimentos e de competências, assim como o esclarecimento de dúvidas sobre a sexualidade, por parte do alunos/ adolescentes. Perspetiva-se que a escola apresenta um papel fulcral no desenvolvimento do bem-estar nos adolescentes, sendo que a ESE contribui para a prevenção primária de riscos associados à sexualidade. É indispensável a formação inicial e continua dos docentes, para uma compreensão, planificação de programas de educação sexual. Estes, quando organizados e implementados estão efetivamente a reduzir os riscos nos comportamentos sexuais dos adolescentes. Devem contemplar a perspetiva psicossocial dos s, a autoestima e os valores de equidade nas relações interpessoais. O impacto causado pelos programas baseados na ação e mudança (Viegas & Vilaça, 2011), não se restringe ao retardar do início da atividade sexual (WHO, 2011, 2009; Moyer, 2010 cita Kohler, Manhart, and Lafferty, 2007), mas também na alteração de comportamentos de risco, como o uso frequente do preservativo vs. ao uso pontual, bem como o recurso aos métodos contraceptivos, prevenindo as IST's, a gravidez precoce; a violência nos relacionamentos. É expectável também a responsabilidade nas relações estabelecidas, havendo menor troca de parceiros sexuais (Collins, Alagiri, & Summers, citados por Moyer, 2010). Como conclusão, estes estudos apontam que a continuidade de atividades curriculares desta temática, que possam decorrer durante a formação académica dos alunos, poderá ter um impacto a longo prazo (Kirbi, Laris, & Rolleri, 2007 citados por Mckay, 2009).

A influência do nível de Paixão sobre as atitudes dos adolescentes face à ESE nos resultados obtidos não é significativa, nem aponta diferença de géneros, conclusão idêntica aos resultados na escala juvenil de amor apaixonado de Hatfield & Sprecher (1986), no entanto demonstra que os adolescentes têm capacidade de estar apaixonados como os adultos (Hatfield, Schmitz, & Cornelius, 1988). Antes da implementação das 12 sessões do programa de educação sexual, para cada ano curricular, os adolescentes já identificavam a componente sensível da sexualidade, relacionada com as emoções, as relações afetivas, com relevância nos assuntos tratados ou tratar. Os sujeitos manifestaram um aumento de interesse nas respostas descritivas sobre esta componente da ESE, 13,9% (1.ª aplicação do questionários) vs 16,3% (2.ª aplicação do questionário) após a implementação do programa de ESE. Ponderando o desenvolvimento sexual dos adolescentes, estão

englobadas as emoções, comportamentos e atitudes face à sexualidade, influenciadas pelos padrões socioculturais, pelos quais são educados (Sprinthall & Collins, 1988). A educação para os afetos, dentro da educação sexual, torna-se dia após dia, fundamental para a capacitação do indivíduo a reconhecer e aceitar a componente sensível da sexualidade. O treino da assertividade, a valorização do respeito e tolerância, a aceitação, fazem parte do crescimento enquanto seres humanos. Esta forma de educação pode e deve ter início dentro do contexto formal da sala de aula. A relação professor/aluno, estabelecida deve basear-se no respeito mútuo, pela diferença de idades e papéis representados no processo educativo. Existem muitas formas de demonstrar afeto: um sorriso, um elogio, a partilha, o escutar, um olhar; são meios que o docente dispõe perante os seus alunos. A capacidade de aceitação e retribuição é também importante; as manifestações retribuídas geram mais demonstrações de afeto e a construção de uma relação de proximidade e confiança, que permite valorizar o processo de ensino-aprendizagem (Andrade, 1995).

3.2 Considerações Finais

É imprescindível a educação sexual formal, as restantes formas de educação sexual não são suficientes, são incompletas e por vezes, transmitem ideias erradas sobre a vivência da sexualidade. Torna-se necessária a transmissão de conhecimentos cientificamente corretos e adequados, não só pelo conteúdo da informação mas também adequados ao estágio de desenvolvimento do adolescente. Como outros conhecimentos a adquirir que são organizados para a fase de desenvolvimento, também a educação sexual deve ser estruturada por competências a adquirir, prendidos com a capacidade de compreensão, fase de desenvolvimento e de crescimento do seu público-alvo (Viegas & Vilaça, 2011; Vilelas, 2009; Vaz, Vilar, & Cardoso, 1996). Devido à diversidade de informação disponível e a facilidade com que se consegue aceder, a qualidade do seu conteúdo deve ser analisada. Ao utilizar esta informação, mas desagregando os conhecimentos essenciais e corretos dos errados ou mitos, é um dos objetivos da educação sexual.

Em momentos diferentes da história, a saúde sexual foi apontado como um dos perigos para a saúde pública. A prevenção de riscos para a saúde da

sociedade em geral, nomeadamente da saúde sexual, pela prevenção das IST's, a gravidez na adolescência, violência, acontece pela transmissão/ aquisição de conhecimentos e capacitação dos s da sociedade. Falar sobre a sexualidade, já não se deve considerar uma temática proibida ou tabu, é portanto uma temática para ser abordada, estudada como proposto, de forma a prevenir comportamentos de risco na sociedade em geral (GTES, 2007, 2010, Dec. lei 60/2009, portaria 196-A/2010).

A ESE tem mérito adquirido, não só pelos resultados obtidos pela investigação, mas também pela opinião dos alunos. O presente estudo, revelou que os adolescentes concordam com a ESE, justificando com a necessidade de colmatar a falta ou a incompreensão de informação/conhecimentos, sobre a sexualidade e as vivências sexuais, adquiridos noutras fontes e agentes. Não distingue apenas pelos conhecimentos adquiridos para a prevenção de riscos, mas também pelos comportamentos e atitudes na componente sensível da sexualidade, isto é, as emoções, o afeto, o respeito por si e pelos outros, a assertividade, a autoestima e aceitação, o direito à liberdade de expressão e vivência sexual. Enquanto os s apaixonados manifestam sentimentos e emoções fortes, que mais parece estar numa montanha russa (Hatfield & Sprecher, 1986), esta pode ser uma fase que influencia positivamente a preferência da componente sensível da sexualidade humana. Poder-se-á afirmar que o nível de Paixão, apesar de não alterar significativamente os resultados nas Atitudes Globais face à ESE, influencia a seleção de temáticas associadas à componente sensível da sexualidade humana, além das IST's, categorizada na portaria 196-A/ 2010, considerada uma componente essencial para capacitar os s decisores da suas escolhas de vida, perspetivando a saúde individual e global.

Os modelos de capacitação, "*empowerment*", são uma expressão de sucesso na procura de métodos mais eficazes para a promoção e educação para a saúde em meio escolar. É uma perspetiva inovadora, onde se valoriza a participação interativa dos alunos, no processo de aquisição de competências, de conhecimento e na articulação de saberes, onde os docentes assumem uma postura progressista, na estruturação das aprendizagens. Desta forma os alunos, crianças e adolescentes, constroem através das aprendizagens, a sua capacidade para decidir, escolher, no que respeita à sua saúde e dos outros da

sociedade em geral (Viegas & Vilaça, 2011; Correia, 2008; Larsson, Eurenus, Westerling, & Tanja, 2006; Hagquist & Starrin, 1997).

De acordo com os resultados de diversos estudos, através das indicações propostas, permite afirmar que é importante que os programas de educação para a saúde, nomeadamente da ESE, tenham continuidade ao longo de todo o período e processo de educação escolarizada (GTES, 2010; HBSC, 2006, 2010; Marinho, Anastácio, & Carvalho, 2010; Matos & Sampaio, 2010; WHO, 2011),.

A educação sexual é um processo que se constrói a partir de influências de diversos agentes. Na família, remete à comunicação, interesse manifestado pela vida dos adolescentes e pela valorização da autonomia e responsabilidade individual destes. Na escola, espaço privilegiado de convívio entre os adolescentes, é onde estes se sentem valorizados como pessoas (individuais). É vantajoso o fato de que os alunos manifestam gosto pela escola e têm como perspectiva que os docentes lhes vislumbram algumas competências de aprendizagem (Matos & Sampaio, 2010, GTES, 2010). O fato da escola como entidade educativa, poder facilitar a interação entre os adolescentes e outros agentes, como enfermeiros ou técnicos de saúde, é uma estratégia muito positiva (Larsson, Eurenus, Westerling, & Tanja, 2006). No grupo de pares é notória a interação, onde se consagra a partilha e a construção de competências emocionais e afetivas nas relações interpessoais estabelecidas.

Esperava-se interesse dos adolescentes num projeto orientado para a Educação da Sexualidade. Tal, enquadra-se na legislação em vigor sobre a implementação da Educação Sexual na Escola, com competências essenciais a adquirir pelos jovens, que garantam a possibilidade de escolhas informadas, que se refletem nos seus comportamentos e vivências sexuais (GTES, 2010, Matos & Sampaio, 2010; WHO, 2011). Os alunos revelaram obter e melhorar o nível de conhecimentos através da ESE, corroboram-se com os resultados obtidos no estudo do HBCS (2010), bem como a compreensão da importância de atitudes e comportamentos assertivos. Os adolescentes crescem, mas anualmente surgem mais crianças/ adolescentes para educar e capacitar a nível de cuidados individuais de saúde.

Conclui-se que, com reforço de outras investigações, o programa de educação sexual quando bem estruturado pode informar, transmitir conhecimentos, capacitar numa perspetiva holística para a vida, influenciando de forma positiva a escolha, as decisões, a opinião e as atitudes dos adolescentes (WHO, 2011, Viegas & Vilaça, 2011; Marinho, Anastácio, & Carvalho, 2010, Larsson, Eurenus, Westerling, & Tanja, 2006). A organização dos programas de educação sexual deve ter sempre em consideração as oportunidades que os adolescentes proporcionam, em conhecer e partilhar as suas ideias, conhecimentos, ou à manifestação da ausência destes, os seus receios. É possível que as linhas orientadoras do GTES (2010) e do Ministério da Educação (2010) vão de encontro com as reais necessidades e expectativas do seu público-alvo, os alunos. Haverá a necessidade de alguns ajustamentos, relativamente aos conteúdos e competências a adquirir nas dimensões biológicas, afetivas e sociais da sexualidade, visando promoção de comportamentos e atitudes saudáveis na vivência da sexualidade do público-alvo.

A estruturação como foi delineada, abordar os conteúdos ao longo da escolaridade obrigatória de 12 anos, com número mínimo de sessões, para gerar competências mínimas e adequadas ao nível de desenvolvimento nas diversas dimensões da sexualidade, é uma perspetiva positiva. Irá capacitar os alunos, prolongando o efeito do programa, a longo prazo, dado que não se poderá afirmar que foi uma formação pontual, mas sim ao longo do seu desenvolvimento e crescimento (Dec. Lei n.º60/2009, Portaria 196-A/2010). As competências específicas vão surgindo com a implementação da ESE, adaptado ao meio sociocultural de cada estabelecimento de ensino. Esta proposta elaborada pelo grupo de docentes que integram o projeto escola saudável, foi de encontro à metodologia PRECEDE (Green & Kreuter, 1991 citados por Candeias, 1997), durante a planificação do mesmo, passou por uma fase de levantamento de informação sobre os conhecimentos, atitudes dos adolescentes, visando a seleção de estratégias adequadas e facilitadoras das aprendizagens a que o programa se propunha. Justificava-se a implementação do programa utilizando modelo moderno de educação do tipo *bottom – up* (Hagquist & Starrin 1997). As experiências anteriores eram valorizadas, e enquadradas nos conhecimentos a adquirir.

Aos factores externos que influenciam o adolescente, acrescem as reações intrínsecas, que surgem como resultado em competências pessoais trabalhadas, que prevalecem nas escolhas e decisões responsáveis, para evitar riscos diários com que são confrontados. Torna-se numa ambivalência de influencias, os factores externos vão criar impacto no sujeito, na sua personalidade, que por sua vez irá implicar na selecção e escolhas, na atitudes perante as vivencias do dia-a-dia e influenciar o meio onde se insere.

3.3. Sugestão para a Educação para a Saúde – Programa de Educação Sexual em meio escolar

Desde 1901, que é referida na legislação portuguesa a preocupação com a Saúde Escolar, que visava primordialmente o acompanhamento do crescimento dos alunos, através de estratégias de implementação de programas específicos para a prevenção da doença e desenvolvimento saudável. (Rocha, Marques, Figueiredo, Almeida, Batista, & Almeida, 2011)

No que respeita à Educação Sexual, a legislação tem vindo a adaptar-se à evolução do tempo e às necessidades que vão surgindo, perante o público-alvo, colmatando falhas nas orientações anteriores. A sua implementação, ocorre essencialmente na escola, que exerce um papel fulcral, no desenvolvimento biopsicossocial dos alunos/adolescentes.

Foi possível compreender que os alunos/ adolescentes são preocupados com a educação sexual, permitindo captar a sua atenção para os diferentes assuntos e tarefas propostas. O seu feedback é positivo, com uma boa adesão às atividades, opinando a favor da continuidade das aulas de educação sexual na escola. Fazem as suas propostas, referindo outros assuntos, expõem as suas dúvidas, mesmo que tenham que enfrentar os seus receios e vergonhas individuais.

A natureza da pesquisa e do trabalho efetuado permitiu operar algumas recomendações e pontos de reflexão, sobre a ESE. Considera-se importante, até imprescindível, as orientações do GTES e do Ministério de Educação, pela

portaria 196-A/ 2010, para a organização de um programa de educação sexual. Não deve ser desvalorizada a origem dos nossos alunos, são seres únicos com experiências individuais e raízes culturais específicas. O programa proporcionou experiências, que contemplam a informação do meio envolvente, que interfere e irá ser intervencionado pelo aluno, de forma individual ou comunidade onde se insere. No entanto, é fundamental que os docentes que organizam, orientam e implementam o programa de educação sexual, estejam motivados para estas aulas, sessões. O domínio do assunto eleva-se, na medida em que está motivado para ensinar. Procura aprender o que é necessário para poder ensinar, desempenhando o papel de professor, educador. Os docentes não podem sentir-se coagidos para intervir nesta temática, que mexe com os sentimentos, intimidade individual de cada um, alunos e professores.

É importante que os professores tenham espaço e tempo para formação específica nesta temática e que esta seja disponibilizada, pois é necessário o empoderamento destes, por alguém que manifeste domínio sobre o assunto. Só assim os professores percecionam as suas capacidades intrínsecas e extrínsecas, para conseguirem orientar os adolescentes nesta fase conturbada e cheia de incompreensões, devido às constantes transformações, físicas, psicológicas e emocionais. A sua adaptação à sociedade é facilitada pela educação, auxiliando-os a compreender as expectativas que a família, escola e sociedade têm sobre eles, para que correspondam como membros ativos, responsáveis nas suas escolhas, livres de preconceito.

Não se devem criar estereótipos de alunos, apesar da avaliação de conhecimentos se reger por padrões definidos, valores morais restritos, pois a nossa sociedade atual é uma miscelânea cultural. Devem ser derrubadas barreiras, preconceitos nos valores tradicionais regentes nos estereótipos implementados.

Como via ou meio educativo, espaço de desenvolvimento responsável pela educação, um dos papéis da escola é a socialização dos alunos. A integração da sexualidade na educação assume a compreensão da mesma como parte integrante da dimensão humana, essencial para uma vida plena e prazerosa, sem preconceito ou tabus. A escola enquanto formadora na educação sexual, não deve substituir o papel da família. Devem ambas juntar

esforços e trabalhar em conjunto com objetivos comuns, de educar os alunos para a vida.

É um facto que os adultos querem o melhor para as suas crianças, mas estas também têm opinião sobre a sua educação. Se elas não estiverem disponíveis ou interessadas para a aprendizagem, torna-se uma tarefa ingrata para os seus educadores. A necessidade de conhecer a sua opinião e atitude sobre a educação sexual na escola e as temáticas que mais despertavam interesse, foi um passo para alcançar sucesso com o programa implementado.

Assume-se que os alunos já têm conhecimentos sobre a sexualidade, mas serão os corretos, serão os necessários e adequados? Estas são questões às quais se obtém respostas ao longo das aulas. Será possível então, adaptar e reformular os objetivos do programa inicial, bem como as estratégias selecionadas. O programa deve favorecer o diálogo, dar espaço para a discussão, valorizar a troca de experiências, para que o processo permita o crescimento e a construção de capacidades e competências individuais, para promover a vivência da sexualidade de forma responsável, saudável e em plenitude.

Na seleção dos conteúdos, deve contemplar a saúde sexual e reprodutiva, a afetividade, a igualdade de géneros, a autoestima, a orientação sexual, a violência (sexual, no namoro, doméstica), a exploração e o abuso sexual, para que os adolescentes consigam desenvolver competências e capacidades individuais para ser e agir, de forma sensível, com sentido crítico e responsabilidade na vivência em sociedade;

A organização do programa depende de cada estabelecimento de ensino e dos encarregados de educação. As normas pelas quais se regem podem bloquear ou facilitar a implementação de programas específicos que visam a ESE. As parcerias auxiliam em parte a desburocratização e desbloquear alguns obstáculos, nomeadamente o programa Cuida-te, do IPJ, com estratégias e atividades específicas para abordar a temática da sexualidade. Algumas companhias de teatro, nomeadamente a ACTA e Companhia PAULUS, que também expõem a temática da sexualidade com diferentes abordagens, para os diferentes níveis de ensino.

Referências Bibliográficas

- aids congress.* (s.d.). Obtido em 03 de 2012, de *aids congress*:
<http://www.aidscongress.net/4congresso/petting>
- Alberoni, F. (1997). *O meu primeiro amor*. Venda Nova: Bertrand.
- Alberoni, F. (2010). *Enamoramento e Amor*. Lisboa: Bertrand.
- Algarve, D. R. (s.d.). *DREalg*. Obtido em 2010, de <http://www.drealg.min-edu.pt>
- Almeida, L., & Freire, T. (2008). *Metodologia de Investigação em psicologia e Educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Anastácio, Z. C. *Sexualidade na fase intermédia da Adolescência: Relacionamentos, comportamentos e conhecimentos*.
- Andrade, M. I. (1995). *Educação para a saúde - Guia para professores e educadores*. Texto Editora.
- Archer, P. D. (1999). *Sexualidade Humana - Reflexão Ética*. Lisboa: CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA PARA AS CIÊNCIAS DA VIDA.
- Bancroft, J. (1989). *Human Sexuality and its Problems*. London: Churchill Livingstone.
- Barros de Oliveira, J. (2010. 3ª ed.). *Psicologia da Educação, vol.1, Aprendizagem - Aluno*. Lisboa: Livpsic.
- Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Brown, B. (1999). "You're going out with who?" Peer group influences on adolescent romantic relationships. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence*. Cambridge University Press, 291-329.
- Candeias, N. M. (Abril de 1997). Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. *Revista de Saúde Pública*, pp. 209-213.

- Collins, W., & Sprinthall, A. (1988, 2.ªed.). *PSICOLOGIA DO ADOLESCENTE, Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.
- Correia, T. (2008). Expectativa dos adolescentes em relação aos professores e profissionais de saúde na área da sexualidade. *Sinais Vitais*, 42-48.
- Curricular, D. G. (2007). *Núcleo de Educação para a Saúde*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Dancey, C., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem Matemática para Psicologia*. São Paulo: Artmed, 3ª Ed.
- Dias, A. (2001). *Educação da Sexualidade: no dia-a-dia da prática educativa*. Braga: Edição Casa do Professor.
- Decreto-lei n.º 259/2000 de 17 de Outubro Diário da República— i série-a N.º 240 —Lisboa.
- Fillioud, A., Gaudet, M., Gauquelin, F., HUbert, J., Ouillon, D., Péchadre, L., et al. (1984). *Diccionario de psicologia do adolescente*. Lisboa: Verbo.
- Frade, A., Marques, A., Alverca, C., & Vilar, D. (2009). *Educação Sexual na Escola: um guia para professores, formadores e educadores*. Lisboa: Texto Editores.
- Gil, A. C. (2006). *Métodos e Técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas.
- Gomes, A. M., & Miguel, N. *Educação Sexual, só para Jovens*. Lisboa: Texto Editores.
- GTES. (2005). *Educação para a Saúde nas Escolas*. Lisboa.
- GTES. (2007). *Educação para a Saúde nas Escolas*. Lisboa.
- GTES. (2010). *Educação para a Saúde nas Escolas*. Lisboa.
- Hagquist, C., & Starrin, B. (1997). Health education in schools - from information to empowerment models. *HEALTH PROMOTION INTERNATIONAL*, vol 12, n.º 3, pp. 225-232.

- Hatfield, E., & Walster, G. (1978). *A new look at love*. Hatfield, E., Schmitz, E., Cornelius, J. & Rapson, R. (1988). Passionate love: How early does it begin? . *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 1 (1) , 35-52.
- Hatfield, H. & Sprecher S. (1986). Measuring passionate love in intimate relationship. . *Journal of Adolescence* 9 , 383-410.
- Hatfield, E., Schmitz, E., & Cornelius, R. (1988). Passionate love: How early does it begin? . *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 1 (1) , 35-52.
- HBSC. (2006, 2010). *Health Behavior in School-aged Children*. Obtido de hbsc.com: <http://hbsc.org>
- Jaccard, J., Blanton, H., & Dodge, T. (Jan de 2005). Peer Influences on Risk Behavior: An Analysis of the Effects of a Close Friend. *Developmental Psychology* vol.41 (1) , pp. 135-147.
- Kirbi, D., Laris, B., & Roller, B. (2007). Sex and HIV- education programs; Their impact on sexual behaviors in young people throughout world. *Journal of adolescent health* , 206-217.
- Kirby, D., Laris, B., & Roller, L. (2006). Sex and HIV Education. Programs for Youth: Their Impact and Important Characteristics.
- Leal, I. M. (2010). *Avaliação em Sexualidade e Parentalidade*. Lisboa: Livpsic.
- Lei n.º 60/2009 de 6 de Agosto, Diário da República, 1.ª série — N.º 151, Lisboa
- Lima, L. P. (2003, 7.ª Edição). Atitudes: Estrutura e mudança. In J. Vala, & M. Monteiro, "*Psicologia Social*", (pp. 187-255). Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- López, F., & Fuertes, A. (1999). *Para comprender a sexualidade*. Lisboa: APF - Associação de Planeamento Familiar.
- López, F., & Oroz, A. (1999). *Para Comprender LA VIDA SEXUAL DEL ADOLESCENTE*. Navarra: Gráficas Lizarra.
- Louro, G. (2000). *Currículo, género e sexualidade*. Porto Editora.

- Louro, G. (2004). *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Editora Autentica.
- Manjova, C. (2002). *Secondary school learner's Attitudes Towards Sex Education. Dissertation degree of Master ducation and Special Education*. Hawai: University of Zululand.
- Marinho, S., Anastácio, Z., & Carvalho, G. (2010). Avaliação de Projectos de Educação Sexual na Perspectiva da Promoção da Saúde. *EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE, CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO*, 417-431.
- Matos, M. E. (2003). *A saúde do adolescentes, quatro anos depois*. Lisboa.
- Matos, M. G., & Sampaio, D. (2009). *Jovens com saúde*. Lisboa.
- Matos, M., Reis, M., & Ramiro, L. (2009). Educação Sexual em Portugal e em vários países da América Latina. *Psicologia, Saúde & Doenças*, vol.10, n.1, pp.149-158.
- Mckay. (2009). Sexual health education in the schools: Questions & answers. *The Canadian Journal of Human Sexuality, Vol. 18 (1-2)*, 47-60.
- Mellanby, A., Phelps, F., Crichton, N., & Tripp, J. (1996). School sex education, a process for evaluation: methodology and results. *Health Education Research, Theory and Practice, vol.11, n.º2*, pp. 205-214.
- Menezes, I. (1990). O Desenvolvimento Psicosexual. In B. Campos, *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens (vol.2)* (pp. 139-185). Lisboa: Universidade Aberta.
- Moyer, J. (2010). Adolescent Sexual Health Education. *The Journal of Undergraduate Nursing Writing. 4:1*, 31-37.
- Music, G. (2001). *Afecto e Emoção*. Almedina.
- Navarro, M. (2000). A promoção da Saúde. *Texto de Conferência da Universidade do Minho*.

- Ogijami, L. (s.d.). Attitude of students and parents towards the teaching of sex education in secondary schools in Cross Rivers State. *Educational and Research and review Vol .1 (9)* , pp. 347-349.
- OMS. (1978). Declaração Alma-Ata . *Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde*.
- OMS. (2006). *Direitos Sexuais*. Obtido em 2010, de abglt.org: http://abglt.org.br/port/oms_dirsex.html
- OMS. (2002). Reduzindo Riscos e promovendo uma vida saudável.
- Pais, J. M. (2012). *Sexualidade e Afectos Juvenis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Piscalho, I., Serafim, I., & Leal, I. (2000). Representações sociais da educação sexual em adolescentes. *Actas do 3º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*. Lisboa: ISPA.
- Portaria n.º 196-A, 9 de Abril de 2010 . Diário da República, 1.ª série — N.º 69 — , Lisboa
- Public Helth Agency of Canadá. (2003). *Canadian Guidelines for Sexual Helth Education*. Canadá: Minister of Health.
- Puerto, C. (2009). *EDUCAÇÃO SEXUAL E A ESCOLA*. Lisboa: ID Books.
- Ramos de Almeida, J. M. (1987). *Adolescência e Maternidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rademakers, J., Laan, M., & Straver, C. (2003). Body awareness and physichal intimacy. In J. Bancroft, *Sexual Development in Childwood* (pp. 121-125). Bloomington: Indiana University.
- Reichert, C., & Wagner, A. (2007). *Considerações sobre a autonomia na contemporaneidade. Estudos e Pesquisas em Psicologia*.
- Reis, F. L. (2010). *Como Elaborar uma Dissertação de Mestrad*. Lisboa: Pactor.

- Reis, M. H., & Vilar, D. (2004). A implementação de educação sexual na escola: atitudes dos professores. *Análise Psicológica, XXII (4) Revista Digital de Justiça e Sociedade - Portal Verbo Jurídico*, pp. 737-745.
- Reynolds, M., Herbenick, D., & Bancroft, J. (2003). The nature of childhood sexual experiences. In J. Bancroft, *Sexual Development in Childhood* (pp. 134-155). Bloomington: Indiana University Press.
- Ribeiro, T. T. (2006). *Educação da Sexualidade em meio escolar: treino de competências individuais*. Braga: Casa do professor.
- Rocha, A., Marques, A., Figueiredo, C., Almeida, C., Batista, I., & Almeida, J. (2011). *Evolução da Saúde Escolar em Portugal: Revisão Legislativa no Âmbito da Educação*. Millenium.
- Rodrigues, I., & Fontes, A. (2002). Identificação do papel da escola na Educação Sexual dos Jovens. pp. 177-188.
- Rodrigues, V. C. (2008). Estilos de vida: o que dizem os professores; a realidade dos alunos, Intervenção em psicologia e saúde. *Actas do Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 717-720). Porto: Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde.
- Saavedra, L., & Barros, A. (1996). *Elas preferem as bonecas, eles os carros. Aquisição dos estereótipos do género*. Universidade do Minho.
- Saavedra, L., Magalhães, S., Soares, D., Ferreira, S., & Leitão, F. (2007). Género, cultura e sexualidade em jovens portuguesas e portugueses: um programa de educação. *IV Congresso Astur-Galaico de Sociologia*, (pp. 1-20). Corunha.
- Saavedra, L., Nogueira, C., & Magalhães, S. (2010). Discursos de Jovens Adolescentes Portugueses sobre Sexualidade e Amor: Implicações para a Educação Sexual. *Educ. Soc.v.31, n.º110*, pp. 135-156.
- Sampaio, D., Baptista, M., Matos, M. G., & Silva, M. (2005). *GTES - Educação para a Saúde nas Escolas*. Lisboa.

- Sampaio, D. B., & atos, M. &. (2007). *Relatório Final do Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES)*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o mar*. Lisboa: Caminho.
- Sanders, P. S. (1995). *Para me conhecer, Para te conhecer...Estratégias de Educação Sexual para o 1º, 2º ciclos de ensino básico*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.
- Santos, F. F. (23 de 12 de 2011). *PORDATA* . Obtido em 28 de 03 de 2012, de PORDATA © é uma iniciativa da FFMS : <http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+fecundidade+por+grupo+etario-415>
- Shelley, S. I. (1981). Adolescent Attitudes as Related to Perception of Parents and Sex Education. *The Journal of Sex Research* , 350-367.
- Silva, M. G. (2011). *O Amor na Adolescência*. Lisboa: Coisas de ler.
- Social, A. (s.d.). *Aventura Social*. Obtido em 2010, de www.aventurasocial.com: <http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial/>
- Sousa, A. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livro Horizonte 161.
- Sprinthall, N. A., & Sprinthall, R. C. (1993). *PSICOLOGIA EDUCACIONAL*. Portugal: McGraw-Hill.
- Sprinthall, N., & Collins, W. (1988, 2.ª edição). *Psicologia do Adolescente - Uma abordagem Desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian.
- Suplicy, M. (1988). *Sexo para Adolescentes*. São Paulo: FTD.
- Tavares, J. P. *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto Editora.
- Unesco. (2009). *International Guidelines on Sexuality Education: an evidence informed approach to effective sex, relationships and HIV/STI education*.

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção

WHO, 2011. (2011). *WHO Regional Office for Europe and BZgA for Sexuality Education in Europe*.

Vala, J. M. (2003). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vaz, J., Vilar, D., & Cardoso, S. (1996). *Educação Sexual na Escola*. Lisboa: Universidade Aberta.

Viegas, A., & Vilaça, T. (2011). Educação em Ciências e desenvolvimento da competência de acção em Educação Sexual. *Actas do XIV Encontro Nacional de Educação em Ciências: Educação em Ciências para o Trabalho, o Lazer e a Cidadania*, (pp. 310-331). Braga.

Vilelas, J. (2009). *A Influência da Família e da Escola na Sexualidade do Adolescente*. Formasau.

WHO. (1999). *Programming for adolescence health and development*. Génève: WHO Library Cataloguing in Publication Data .

WHO. (2010). *World Health Organization*. Obtido em Janeiro de 2011, de www.searo.who.int: <http://www.searo.who.int/index.htm>

WHO. (2011). *WHO Regional Office for Europe and BZgA for Sexuality Education in Europe*.

Williams, J. (2009). *Manual de Ética Médica*. Asociación Médiac Mundial.

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção

ANEXOS

**Anexo I – Autorização para uso da Escala de Atitudes Face
à Educação Sexual**



FW: Permission

Margarida Sim-Sim <msimsim@uevora.pt>
Para: Elsa Viana <elsa.viana@gmail.com>

27 de maio de 2011 15:03

De: Dr D.C Sibaya [mailto:dcsibaya@pan.uzulu.ac.za]
Enviada: terça-feira, 22 de Fevereiro de 2011 10:10
Para: Margarida Sim Sim
Assunto: Re: Permission

Dear Margarida

I hope my secretary did respond to your request, that you can use the instrument with full acknowledgement of the source and the name of the University of Zululand.

Patrick Sibaya
Margarida Sim Sim wrote:

Prof. Sibaya

I'm a Portuguese Nursing Professor, in the School of Nursing at the University of Évora, in Portugal

In my activities, I'm mentoring a Master student, which goal is study adolescents opinion, about Sexual Education, that is a matter that begun now in our country.

So, in my research, I found a questionnaire, in a study, that you have done mentoring.

I mean:

"Secondary School Learners' Attitudes Towards Sex Edcation"

Author: Christiane Nozamile – Zama Majova

University of Zululand; Faculty of Education, October 2002

I think that it is a good instrument for my Master student.

So, I'm writing this e-mail, because I can't found the e-mail of Christiane Nozamile – Zama Majova, because we wish to ask your permission, and also author permission, to apply your questionnaire, in a sample of our country.

Thank you very much for your attention

Margarida Sim-Sim

--

NOTICE: Please note that this e-mail, and the contents thereof, is subject to the standard University of Zululand e-mail disclaimer which may be found at:
http://www.ict.uzulu.ac.za/electronic_mail_disclaimer.html

**Anexo II - Autorização para uso da Escala de
Enamoramento e Paixão**



Elsa Viana <elsa.viana@gmail.com>

Fwd: Permission

Margarida Sim-Sim <margaridasimsim@gmail.com>

13 de fevereiro de 2011 01:43

Para: Elsa Viana <elsa.viana@gmail.com>

Elsa

Escrevi à autora da escala da Paixão [Hatfield].

20 minutos depois tinha a resposta com a permissão e uma versão em português, já aplicada no nosso país, numa tese de doutoramento da Universidade do Porto e ainda mais informação.

Reencaminho para si

Cumprimentos

Margarida Sim-Sim

----- Forwarded message -----

From: Margarida Sim-Sim <margaridasimsim@gmail.com>

Date: 2011/2/13

Subject: Re: Permission

To: Elaine Hatfield <elainehatfield582@gmail.com>

Dear Prof Hatfield

Thank you veru much for your kindness and your answer, so soon
I'm going to see Portuguese version, and the other text.

Have a nice day

Best regards

Margarida Sim-Sim

2011/2/13 Elaine Hatfield <elainehatfield582@gmail.com>

Of course you can use it. I'm sending you several things: 1. The scale has been translated into Portuguese--see attached. 2. I'm sending you some reliability and validity information.

Good luck!

On Sat, Feb 12, 2011 at 3:04 PM, Margarida Sim-Sim

<margaridasimsim@gmail.com> wrote:

> Prof Elaine Hatfield

>

> I'm a Nursing Professor of the University of Evora, Portugal, and I saw your

> article:

>

> Hatfield, H & Sprecher, S. (1986). Measuring passionate love in intimate

> relationship. Journal of Adolescence 9, 383-410

> After too, in Handbook of Sexuality-related Measures.

>

>

> I would like to have your permission, to aply it, in a study with adolescent

> people [13/14 to 18 years old]

>

> If I have your permission, may I ask you to be judge of back translation?
>
> Thank you very much for your attention
>
> Margarida Sim-Sim
> (PhD)

--

Dr. Elaine Hatfield
3334 Anoi Place
Honolulu, HI 96822-1418
ElaineHatfield582@gmail.com
www.elainehatfield.com
www.elainehatfield.com/novels.htm

"Nature loves variety. Unfortunately Society hates it."

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção

**Anexo III – Autorização de utilização da Escala de
Autoestima**

Rosenberg Self-Esteem Scale (Rosenberg, 1965)

The scale is a ten item Likert scale with items answered on a four point scale - from strongly agree to strongly disagree. The original sample for which the scale was developed consisted of 5,024 High School Juniors and Seniors from 10 randomly selected schools in New York State.

Instructions: Below is a list of statements dealing with your general feelings about yourself. If you strongly agree, circle **SA**. If you agree with the statement, circle **A**. If you disagree, circle **D**. If you strongly disagree, circle **SD**.

| | | | | | |
|-----|----------------------------------------------------------------------------|----|---|---|----|
| 1. | On the whole, I am satisfied with myself. | SA | A | D | SD |
| 2.* | At times, I think I am no good at all. | SA | A | D | SD |
| 3. | I feel that I have a number of good qualities. | SA | A | D | SD |
| 4. | I am able to do things as well as most other people. | SA | A | D | SD |
| 5.* | I feel I do not have much to be proud of. | SA | A | D | SD |
| 6.* | I certainly feel useless at times. | SA | A | D | SD |
| 7. | I feel that I'm a person of worth, at least on an equal plane with others. | SA | A | D | SD |
| 8.* | I wish I could have more respect for myself. | SA | A | D | SD |
| 9.* | All in all, I am inclined to feel that I am a failure. | SA | A | D | SD |
| 10. | I take a positive attitude toward myself. | SA | A | D | SD |

Scoring: SA=3, A=2, D=1, SD=0. Items with an asterisk are reverse scored, that is, SA=0, A=1, D=2, SD=3. Sum the scores for the 10 items. The higher the score, the higher the self esteem.

The scale may be used without explicit permission. The author's family, however, would like to be kept informed of its use:

The Morris Rosenberg Foundation
c/o Department of Sociology
University of Maryland
2112 Art/Soc Building
College Park, MD 20742-1315

References

References with further characteristics of the scale:

Crandal, R. (1973). The measurement of self-esteem and related constructs, Pp. 80-82 in J.P. Robinson & P.R. Shaver (Eds), **Measures of social psychological attitudes. Revised edition**. Ann Arbor: ISR.

Rosenberg, M. (1965). **Society and the adolescent self-image**. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Wylie, R. C. (1974). **The self-concept. Revised edition**. Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press.

Anexo IV - Carta enviada aos Diretores dos Agrupamentos

Exm.º Senhor

Director do Agrupamento de Escolas

Janeiro de 2011

Assunto: Questionário sobre *As opiniões dos adolescentes sobre a Educação Sexual na escola*

Exmo. Senhor Director

Como docente no Agrupamento Vertical de Almancil e elemento integrante do Projecto Escola Saudável, estou neste momento a dar início à parte prática da minha dissertação de mestrado, na Universidade de Évora, na qual já frequentei o primeiro ano de Educação para a Saúde.

Para prossecução dos meus objectivos, optei pela aplicação de um questionário, sobre a opinião dos adolescentes sobre a educação sexual na escola, com as variáveis de auto-estima e o sentimento de paixão.

Solicito a assim a vossa indispensável colaboração, no preenchimento do questionário teste, por uma turma de alunos do 3º ciclo do vosso estabelecimento, com idades entre os 12 e os 15 anos de idade. Para o efeito entrego e recolho pessoalmente os exemplares do questionário, no vosso estabelecimento de ensino.

O questionário será conduzido numa base estritamente confidencial e nenhum aluno será identificado pelos dados apresentados. Este é também um questionário teste, que serve para aferir a compreensão das questões apresentadas, para correcções prévias à sua aplicação final.

Ciente de que compreenderão a importância que a vossa resposta terá para a efectivação da investigação que me propus efectuar, espero da parte de V. Ex.ª o melhor acolhimento a este meu pedido.

No caso de alguma questão a colocar, sobre o questionário, agradeço que fosse contactada por email: elsa.viana@gmail.com, a/c de Elsa Viana.

Agradecendo, desde já, a atenção dispensada e aguardando a V/ resposta, com os meus melhores cumprimentos,

Elsa da Fonseca Viana

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção

Anexo V - Carta enviada aos encarregados de educação

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Janeiro de 2011

Exmo.(a) Sr.(a) Encarregado(a) de Educação:

Elsa da Fonseca Viana, professora de Educação Visual e Tecnológica, a exercer funções na EB 2,3 Dr. António de Sousa Agostinho - Almancil, encontrando-se a frequentar o Mestrado de Educação para a Saúde, na Universidade de Évora, vem por este meio solicitar que autorize o seu educando a preencher um questionário sobre “*A opinião dos adolescentes sobre Educação Sexual na Escola*”.

Tendo já obtido autorização do Director do Agrupamento que o seu educando frequenta, apenas falta a sua indispensável autorização para que o seu educando possa preencher o referido questionário. Neste questionário (que se encontra disponível para consulta junto da Direcção do Agrupamento) é garantida a confidencialidade das respostas.

O questionário é uma das partes integrantes do estudo que tem como objectivo primordial investigar a opinião dos alunos sobre a implementação de Educação Sexual na Escola, e as motivações dos adolescentes para a aceitação da implementação desta temática em contexto escolar.

Desta forma, solicita-se que autorize o seu educando a responder, em situação de sala de aula, ao referido questionário. **Caso não autorize** deverá assinar e devolver o destacável ao Director de Turma **até ao dia 10 de Janeiro de 2011**.

Grata pela sua preciosa colaboração!

PRENCHER APENAS EM CASO DE NÃO AUTORIZAÇÃO

Eu, _____ (nome completo),
Encarregado de Educação do(a) aluno(a) _____
_____ (nome completo), nº _____, da turma
_____ do _____º ano de escolaridade, declaro que **NÃO AUTORIZO** o preenchimento pelo
meu educando do questionário sobre “*A opinião dos adolescentes sobre Educação Sexual na
Escola*”.

O Encarregado de Educação

(Assinatura legível)

_____/_____/2011

Anexo VI – Questionário Teste

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

OPINIÃO DOS ADOLESCENTES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Este questionário pretende conhecer a opinião dos alunos em relação à implementação da Educação Sexual na escola.

O seu preenchimento é anónimo e confidencial, pelo podes dar a tua opinião honesta e sincera, pois não será identificada.

Quero que saibas também que, não há respostas certas ou erradas, a tua opinião honesta e sincera é sempre válida.

Ao preencheres este questionário, demonstra que permites e concordas em participar no estudo.



Obrigada pela tua colaboração

Elsa da Fonseca Viana

OPINIÃO DOS ADOLESCENTES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA



QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

1º GRUPO - Marca com uma cruz ou preenche de acordo com o pedido.

1- Idade:

- 12 anos 13 anos 14 anos 15 anos 16 anos 17 anos 18 anos

2- Sexo:

- Masculino Feminino

3- Ano: _____ Turma: _____

4- Com quem vives:

- Com os pais
 Com os avós
 Outros familiares
 Com vizinhos
 Outros

2º GRUPO – Para cada uma das seguintes frases, refere o teu grau de concordância, marcando um X na respectiva coluna. (Escala de Rosenberg, 1986)

| AFIRMAÇÕES | Concordo totalmente | Concordo | Concordo parcialmente | Discordo | Discordo totalmente |
|--------------------------------------------------------------------------|---------------------|----------|-----------------------|----------|---------------------|
| 1 – Sinto que sou uma pessoa de valor, assim como os meus colegas | | | | | |
| 2 – Sinto que tenho um grande número de boas qualidades | | | | | |
| 3 – Tenho tendência a pensar que sou um falhado | | | | | |
| 4 – Tenho capacidade para fazer as coisas tão bem como as outras pessoas | | | | | |
| 5 – Sinto que não tenho nada para me orgulhar | | | | | |
| 6 – Tenho uma atitude positiva em relação a mim próprio | | | | | |
| 7 – No global estou satisfeito comigo próprio | | | | | |
| 8 - Desejava ter maior respeito por mim próprio | | | | | |
| 9 – De vez em quando sinto-me realmente pouco útil | | | | | |
| 10 – Às vezes penso que não tenho nenhum valor | | | | | |

3º GRUPO - Pensa na pessoa por quem tens um carinho especial. Se tens namorado ou tua namorada, pensa nele ou nela enquanto preenches o questionário. Quando aparece o símbolo ☺, corresponde a essa pessoa que estás a pensar.
(Escala de Harfield e Sprecher, 1986)

| | Totalmente verdadeiro | «----- | ----- | -----» | Totalmente Falso |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|--------|-------|--------|------------------|
| 1 – Desde que conheci ☺ as minhas emoções são um turbilhão | | | | | |
| 2 – Ficava muito triste se ☺ deixasse de falar comigo | | | | | |
| 3 – Algumas vezes o meu corpo treme de emoção quando vejo ☺ | | | | | |
| 4 – Fico distraída/o com os movimentos e pormenores de ☺ | | | | | |
| 5 – Algumas vezes sinto que não consigo controlar os meus pensamentos, são sempre sobre ☺ | | | | | |
| 6 – Sinto-me bem quando faço alguma coisa para ☺ ficar feliz | | | | | |
| 7 – Prefiro estar com ☺ do que com outros amigos | | | | | |
| 8 – Tenho ciúme se penso que ☺ se pode apaixonar por outra pessoa | | | | | |
| 9 – Ninguém gosta tanto de ☺ como eu gosto | | | | | |
| 10 – Quero saber tudo sobre ☺ | | | | | |
| 11 – Quero partilhar tudo com ☺ física, emocional e mentalmente | | | | | |
| 12 – Hei-de amar sempre ☺ | | | | | |
| 13 – “Derreto-me” quando olho profundamente ☺ nos olhos | | | | | |
| 14 – Tenho uma paixão infinita pelo carinho que ☺ demonstra por mim | | | | | |
| 15 – Para mim, ☺ é o mais romântico | | | | | |
| 16 - ☺ é a pessoa que me pode fazer feliz | | | | | |
| 17 – O meu corpo reage quando estou perto de ☺ | | | | | |
| 18 – Sinto ternura por ☺ | | | | | |
| 19 - ☺ está sempre no meu pensamento | | | | | |
| 20 – Quando estou muito tempo sem ver ☺, sinto-me muito sozinho/a | | | | | |
| 21 – Por vezes tenho dificuldade em concentrar-me no que estou a fazer, porque estou sempre a pensar em ☺ | | | | | |
| 22 – Quero que ☺ me conheça, saiba os meus pensamentos, meus medos e conheça os meus inimigos | | | | | |
| 23 – Saber que ☺ se interessa por mim, faz-me sentir muito bem | | | | | |
| 24 – Quero muito ter sinais que ☺ me deseja | | | | | |
| 25 – Se ☺ tivesse problemas, eu punha de lado as minhas preocupações para o/a ajudar | | | | | |
| 26 - ☺ faz-me sentir inquieto/a e em ebulição | | | | | |
| 27 – Quando ☺ está perto de mim, desejo tocar-lhe ou que ele/a me toque | | | | | |
| 28 – Viver sem ☺ seria muito triste e deprimente | | | | | |
| 29 – Tenho uma forte atracção por ☺ | | | | | |
| 30 – Fico muito triste quando na minha relação com ☺ as coisas não vão bem | | | | | |

4ºGRUPO – Peço a tua opinião sobre a educação sexual na escola. Coloca um X na quadrícula que corresponde à tua opinião. (Majova, 2002)

| | Concordo totalmente | Concordo | Concordo parcialmente | Discordo | Discordo totalmente |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|----------|-----------------------|----------|---------------------|
| 1- A educação sexual deve ensinar os alunos sobre o uso de preservativo como meio de evitar DST(doenças sexualmente transmissíveis) | | | | | |
| 2- É uma vergonha que a educação sexual informe os alunos sobre o uso de preservativo | | | | | |
| 3- Acho que os Pais, em casa não estão a fazer o que é preciso, em relação à educação sexual | | | | | |

| | Concordo totalmente | Concordo totalmente | Concordo | Concordo parcialmente | Discordo |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|---------------------|----------|-----------------------|----------|
| 4- Ensinar os alunos sobre educação sexual não é correcto | | | | | |
| 5- Acho que ensinar os alunos sobre educação sexual é uma perda de tempo | | | | | |
| 6- Concordo com a ideia de dizer "não" às relações sexuais antes do casamento | | | | | |
| 7- Acho que a educação sexual é aceitável se for feita a partir da televisão | | | | | |
| 8- Não me sinto à vontade, quando falam sobre educação sexual | | | | | |
| 9- Sinto-me à vontade quando leio revistas que falam sobre educação sexual | | | | | |
| 10- Não tenho nada contra educação sexual, desde que ensine aos alunos sobre como evitar IST (infecções sexualmente transmissíveis) | | | | | |
| 11- Eu acho que os professores não estão a ensinar-nos o que é preciso sobre educação sexual | | | | | |
| 12- A Educação sexual é um aspecto importante nas nossas vidas | | | | | |
| 13- Acho que é errado para uma pessoa da minha idade ter aulas de educação sexual. | | | | | |
| 14- Ensinar os alunos sobre educação sexual é adequado | | | | | |
| 15- A Educação sexual é adequada para mim, se for ensinada através da rádio | | | | | |
| 16- Não gosto de educação sexual, porque leva a ter ter vários namorados ou namoradas | | | | | |
| 17- Educação sexual deverá ser encarada de maneira séria, porque reduz os mitos sobre a sexualidade | | | | | |
| 18- Educação sexual deve promover a ideia de que, não deve de haver relações sexuais antes do casamento | | | | | |
| 19- Falei sempre à vontade com os meus pais sobre educação sexual | | | | | |
| 20- Interesse-me por educação sexual, porque os meus amigos também se interessaram | | | | | |
| 21- Não gosto de educação sexual porque leva os alunos a praticar o que aprendem na escola. | | | | | |
| 22- Não estou interessado em educação sexual | | | | | |
| 23- Fico chateado/a se não me deixarem receber aulas de educação sexual | | | | | |
| 24- Educação sexual não devia ser leccionada porque provoca a gravidez na adolescência | | | | | |
| 25- Estou interessado na educação sexual | | | | | |
| 26- Educação sexual não é um aspecto importante nas nossas vidas | | | | | |
| 27- Para crianças, a educação sexual deverá ensinar apenas sobre os órgãos do corpo humano | | | | | |
| 28- Preciso de saber mais sobre educação sexual | | | | | |
| 29- Não frequento as aulas de educação sexual | | | | | |
| 30- Gosto de educação sexual, desde que ensine como não ter relações sexuais antes do casamento | | | | | |
| 31- Não falo sobre educação sexual com os amigos | | | | | |
| 32- Gosto de educação sexual, desde que os pais sejam também incluídos | | | | | |
| 33- As pessoas que gostam de educação sexual deveriam viver à parte das pessoas que não gostam de educação sexual | | | | | |
| 34- Desligo a televisão quando transmitem programas sobre educação sexual | | | | | |
| 35- Devem fazer tudo para que a educação sexual seja uma disciplina na escola | | | | | |
| 36- Não leio revistas que falam sobre educação sexual | | | | | |
| 37- Falar de educação sexual ou de relações sexuais é o mesmo assunto | | | | | |

Escreve por ordem decrescente, do mais importante para o menos importante, para ti, 5 tópicos que consideras que devem estar no programa de educação sexual na escola. (Majova, 2002)

1.

2.

3.

5.

Obrigada pela tua colaboração 

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção

Anexo VII - Versão do questionário 1º aplicação

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

OPINIÃO DOS ADOLESCENTES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Este questionário pretende conhecer a opinião dos alunos em relação à implementação da Educação Sexual na escola.

O seu preenchimento é anónimo e confidencial, pelo podes dar a tua opinião honesta e sincera, pois não será identificada.

Quero que saibas também que, não há respostas certas ou erradas, a tua opinião honesta e sincera é sempre válida.

Ao preencheres este questionário, demonstra que permites e concordas em participar no estudo.

 Obrigada pela tua colaboração

Elsa da Fonseca Viana

OPINIÃO DOS ADOLESCENTES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA



QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

1º GRUPO - Marca com uma cruz ou preenche de acordo com o pedido.

1- Idade:

- 12 anos 13 anos 14 anos 15 anos 16 anos 17 anos 18 anos

2- Sexo:

- Masculino Feminino

3- Ano: _____ Turma: _____

4- Com quem vives:

- Com os pais
 Com irmãos
 Com os avós
 Outros familiares
 Com vizinhos
 Outros

2º GRUPO –Para cada uma das seguintes frases, refere o teu grau de concordância, marcando um X na respectiva coluna.(Escala de Rosenberg, 1986)

| AFIRMAÇÕES | Concordo totalmente | Concordo | Concordo parcialmente | Discordo | Discordo totalmente |
|--------------------------------------------------------------------------|---------------------|----------|-----------------------|----------|---------------------|
| 1 – Sinto que sou uma pessoa de valor, assim como os meus colegas | | | | | |
| 2 – Sinto que tenho um grande número de boas qualidades | | | | | |
| 3 – Tenho tendência a pensar que sou um falhado | | | | | |
| 4 – Tenho capacidade para fazer as coisas tão bem como as outras pessoas | | | | | |
| 5 – Sinto que não tenho nada para me orgulhar | | | | | |
| 6 – Tenho uma atitude positiva em relação a mim próprio | | | | | |
| 7 – No global estou satisfeito comigo próprio | | | | | |
| 8 - Desejava ter maior respeito por mim próprio | | | | | |
| 9 – De vez em quando sinto-me realmente pouco útil | | | | | |
| 10 – Às vezes penso que não tenho nenhum valor | | | | | |

3º GRUPO - Pensa na pessoa por quem tens um carinho especial. Se tens namorado ou tua namorada, pensa nele ou nela enquanto preenches o questionário. Quando aparece o símbolo ☺, corresponde a essa pessoa que estás a pensar.
(Escala de Hatfield e Sprecher, 1986)

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------|---|---|---|---|---|---|---|--------------------|
| | Totalmente falso | | | | | | | | Totalmente verdade |
| 1 – Desde que conheci ☺ as minhas emoções são um turbilhão | | | | | | | | | |
| 2 – Ficava muito triste se ☺ deixasse de falar comigo | | | | | | | | | |
| 3 – Algumas vezes o meu corpo treme de emoção quando vejo ☺ | | | | | | | | | |
| 4 – Fico distraída/o com os movimentos e pormenores de ☺ | | | | | | | | | |
| 5 – Algumas vezes sinto que não consigo controlar os meus pensamentos, são sempre sobre ☺ | | | | | | | | | |
| 6 – Sinto-me bem quando faço alguma coisa para ☺ ficar feliz | | | | | | | | | |
| 7 – Prefiro estar com ☺ do que com outros amigos | | | | | | | | | |
| 8 – Tenho ciúme se penso que ☺ se pode apaixonar por outra pessoa | | | | | | | | | |
| 9 – Ninguém gosta tanto de ☺ como eu gosto | | | | | | | | | |
| 10 – Quero saber tudo sobre ☺ | | | | | | | | | |
| 11 – Quero partilhar tudo com ☺ física, emocional e mentalmente | | | | | | | | | |
| 12 – Hei-de amar sempre ☺ | | | | | | | | | |
| 13 – “Derreto-me” quando olho profundamente ☺ nos olhos | | | | | | | | | |
| 14 – Tenho uma paixão infinita pelo carinho que ☺ demonstra por mim | | | | | | | | | |
| 15 – Para mim, ☺ é o mais romântico | | | | | | | | | |
| 16 - ☺ é a pessoa que me pode fazer feliz | | | | | | | | | |
| 17 – O meu corpo reage quando estou perto de ☺ | | | | | | | | | |
| 18 – Sinto ternura por ☺ | | | | | | | | | |
| 19 - ☺ está sempre no meu pensamento | | | | | | | | | |
| 20 – Quando estou muito tempo sem ver ☺, sinto-me muito sozinho/a | | | | | | | | | |
| 21 – Por vezes tenho dificuldade em concentrar-me no que estou a fazer, porque estou sempre a pensar em ☺ | | | | | | | | | |
| 22 – Quero que ☺ me conheça, saiba os meus pensamentos, meus medos e conheça os meus inimigos | | | | | | | | | |
| 23 – Saber que ☺ se interessa por mim, faz-me sentir muito bem | | | | | | | | | |
| 24 – Quero muito ter sinais que ☺ me deseja | | | | | | | | | |
| 25 – Se ☺ tivesse problemas, eu punha de lado as minhas preocupações para o/a ajudar | | | | | | | | | |
| 26 - ☺ faz-me sentir inquieta/o e em ebulição | | | | | | | | | |
| 27 – Quando ☺ está perto de mim, desejo tocar-lhe ou que ele/a me toque | | | | | | | | | |
| 28 – Viver sem ☺ seria muito triste e deprimente | | | | | | | | | |
| 29 – Sinto uma forte atracção por ☺ | | | | | | | | | |
| 30 – Fico muito triste quando na minha relação com ☺ as coisas não vão bem | | | | | | | | | |

4ºGRUPO – Peço a tua opinião sobre a educação sexual na escola. Coloca um X na quadrícula que corresponde à tua opinião. (Majova, 2002)

| | Concordo totalmente | Concordo | Concordo parcialmente | Discordo | Discordo totalmente |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|----------|-----------------------|----------|---------------------|
| 1- A educação sexual deve ensinar os alunos sobre o uso de preservativo como meio de evitar IST(infecções sexualmente transmissíveis) | | | | | |
| 2- É uma vergonha que a educação sexual informe os alunos sobre o uso de preservativo | | | | | |
| 3- Acho que os Pais, em casa, não estão a fazer o que é preciso, em relação à educação sexual | | | | | |

| | Concordo totalmente | Concordo | Concordo parcialmente | Discordo | Discordo totalmente |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|----------|-----------------------|----------|---------------------|
| 4- Ensinar os alunos sobre educação sexual não é correcto | | | | | |
| 5- Acho que ensinar os alunos sobre educação sexual é uma perda de tempo | | | | | |
| 6- Concordo com a ideia de dizer "não" às relações sexuais antes do casamento | | | | | |
| 7- Acho que a educação sexual é aceitável se for feita a partir da televisão | | | | | |
| 8- Não me sinto à vontade, quando falam sobre educação sexual | | | | | |
| 9- Sinto-me à vontade quando leio revistas que falam sobre educação sexual | | | | | |
| 10- Não tenho nada contra educação sexual, desde que ensine aos alunos sobre como evitar IST (infecções sexualmente transmissíveis) | | | | | |
| 11- Eu acho que os professores não estão a ensinar-nos o que é preciso sobre educação sexual | | | | | |
| 12- A Educação sexual é um aspecto importante nas nossas vidas | | | | | |
| 13- Acho que é errado para uma pessoa da minha idade ter aulas de educação sexual. | | | | | |
| 14- Ensinar os alunos sobre educação sexual é adequado | | | | | |
| 15- A Educação sexual é adequada para mim, se for ensinada através da rádio | | | | | |
| 16- Não gosto de educação sexual, porque leva a ter ter vários namorados ou namoradas | | | | | |
| 17- Educação sexual deverá ser encarada de maneira séria, porque reduz os mitos sobre a sexualidade | | | | | |
| 18- Educação sexual deve promover a ideia de que, não deve de haver relações sexuais antes do casamento | | | | | |
| 19- Falei sempre à vontade com os meus pais sobre educação sexual | | | | | |
| 20- Interesse-me por educação sexual, porque os meus amigos também se interessaram | | | | | |
| 21- Não gosto de educação sexual porque leva os alunos a praticar o que aprendem na escola. | | | | | |
| 22- Não estou interessado em educação sexual | | | | | |
| 23- Fico chateado/a se não me deixarem receber aulas de educação sexual | | | | | |
| 24- Educação sexual não devia ser leccionada porque provoca a gravidez na adolescência | | | | | |
| 25- Estou interessado na educação sexual | | | | | |
| 26- Educação sexual não é um aspecto importante nas nossas vidas | | | | | |
| 27- Para crianças, a educação sexual deverá ensinar apenas sobre os órgãos do corpo humano | | | | | |
| 28- Preciso de saber mais sobre educação sexual | | | | | |
| 29- Não quero frequentar aulas de educação sexual | | | | | |
| 30- Gosto de educação sexual, desde que ensine como não ter relações sexuais antes do casamento | | | | | |
| 31- Não falo sobre educação sexual com os amigos | | | | | |
| 32- Gosto de educação sexual, desde que os pais sejam também incluídos | | | | | |
| 33- As pessoas que gostam de educação sexual deveriam viver à parte das pessoas que não gostam de educação sexual | | | | | |
| 34- Desligo a televisão quando transmitem programas sobre educação sexual | | | | | |
| 35- Devem fazer tudo para que a educação sexual seja uma disciplina na escola | | | | | |
| 36- Não leio revistas que falam sobre educação sexual | | | | | |
| 37- Falar de educação sexual ou de relações sexuais é o mesmo assunto | | | | | |

Escreve por ordem decrescente, do mais importante para o menos importante, para ti, 5 tópicos que consideras que devem estar no programa de educação sexual na escola. (Majova, 2002)

1.

2.

3.

4.

5.

Obrigada pela tua colaboração 

Anexo VIII – Versão do questionário – 2ª aplicação

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

OPINIÃO DOS ADOLESCENTES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Este 2º questionário pretende voltar a conhecer a opinião dos alunos em relação à implementação da Educação Sexual na escola.

O seu preenchimento é **anónimo** e **confidencial**, deves dar a tua opinião honesta e sincera, pois não será identificada.

Quero que saibas também que, não há respostas certas ou erradas, a tua opinião honesta e sincera é sempre válida.

Ao preencheres este questionário, demonstra que permites e concordas em participar no estudo.

 Obrigada pela tua colaboração

Elsa da Fonseca Viana

OPINIÃO DOS ADOLESCENTES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA



QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

1º GRUPO - Marca com uma cruz ou preenche de acordo com o pedido.

1- Idade:

- 12 anos 13 anos 14 anos 15 anos 16 anos 17 anos 18 anos 19 anos

2- Sexo:

- Masculino Feminino

3- Ano: _____ Turma: _____

4- Com quem vives:

- Com o pai
 Com a mãe
 Com irmãos
 Com avô/ avó
 Outros familiares
 Com vizinhos
 Outros

2º GRUPO –Para cada uma das seguintes frases, diz o teu grau de concordância, marcando um X na respectiva coluna (Rosenberg 1986)

| AFIRMAÇÕES | Concordo totalmente | Concordo | Concordo parcialmente | Discordo | Discordo totalmente |
|------------------------------------------------------------------------|---------------------|----------|-----------------------|----------|---------------------|
| 1.Sinto que sou uma pessoa de valor, assim como os meus colegas | | | | | |
| 2.Sinto que tenho um grande número de boas qualidades | | | | | |
| 3.Tenho tendência a pensar que sou um falhado | | | | | |
| 4.Tenho capacidade para fazer as coisas tão bem como as outras pessoas | | | | | |
| 5.Sinto que não tenho nada para me orgulhar | | | | | |
| 6.Tenho uma atitude positiva em relação a mim próprio | | | | | |
| 7.No global estou satisfeito comigo próprio | | | | | |
| 8.Desejava ter maior respeito por mim próprio | | | | | |
| 9.De vez em quando sinto-me realmente pouco útil | | | | | |
| 10.Às vezes penso que não tenho nenhum valor | | | | | |

3º GRUPO - Pensa na pessoa por quem tens um carinho especial. Se tens namorado ou namorada, pensa nele/nela enquanto respondes ao questionário. Se não estás apaixonado/a agora, ou nunca te apaixonaste, pensa na pessoa que está mais perto de ter esse tipo de relação. Quando aparece o símbolo ☺, corresponde a essa pessoa em quem estás a pensar (Hatfield e Sprecher, 1986)

| | Totalmente falso | | | | Moderadamente verdade | | | | Totalmente verdade |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------|---|---|---|-----------------------|---|---|---|--------------------|
| 1.Desde que conheci ☺ as minhas emoções são um turbilhão.... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 2.Ficava desesperado/a se ☺ me deixasse | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 3.Às vezes o meu corpo treme de emoção, excitação, se vejo ☺ | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 4.Sinto muito prazer ao ver os movimentos e pormenores do corpo de ☺ | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 5.Às vezes sinto que não consigo controlar os meus pensamentos, são sempre sobre ☺ | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 6.Sinto-me feliz quando faço alguma coisa para tornar ☺ feliz | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 7.Prefiro estar com ☺ do que com outras pessoas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 8.Ficava com ciúmes se achasse que ☺ estava apaixonado por outra pessoa | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 9.Ninguém podia amar tanto de ☺ como eu | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 10.Quero saber tudo sobre ☺ | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 11.Quero o/a ☺ física, emocional e mentalmente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 12.Hei-de amar ☺ para sempre | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 13.Fico derretido/a quando olho profundamente nos olhos ☺ | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 14.Tenho um apetite infinito de afeição pelo ☺ | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 15.Para mim, ☺ é o meu par romântico perfeito | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 16.☺ é a pessoa que me pode fazer mais feliz | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 17.Sinto que o meu corpo reage, se estou perto de ☺ | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 18.Sinto carinho em relação a/ao ☺ | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 19.☺ está sempre no meu pensamento | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 20.Se me separasse de ☺, sentia uma grande solidão | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 21.Às vezes tenho dificuldade em concentrar-me no que estou a fazer, porque estou sempre a pensar em ☺ | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 22.Quero que ☺ me conheça, saiba dos meus pensamentos, dos meus medos e das minhas esperanças | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 23.Saber que ☺ se interessa por mim, faz-me sentir muito bem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 24.Quero ter sinais que digam que ☺ me deseja | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 25.Se ☺ tivesse problemas, eu punha de lado as minhas preocupações para o/a ajudar | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 26.☺ faz-me sentir em ebulição, estonteado, efervescente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 27.Quando ☺ está perto, desejo tocar-lhe ou que ele/a me toque | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 28.Viver sem ☺ seria muito triste e deprimente | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 29.Sinto uma forte atracção por ☺ | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 30.Fico muito triste quando na minha relação com ☺ as coisas não vão bem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |

4ºGRUPO – Pensa nas aulas de Educação Sexual na escola. Coloca um x no quadradinho que representa a tua opinião.

| | Nada Importantes | Pouco Importantes | Nem pouco nem muito importantes | Muito Importantes | Muitíssimo Importantes |
|-----------------------------------------------------|------------------|-------------------|---------------------------------|-------------------|------------------------|
| Conhecimentos que obtiveste nessas aulas | | | | | |
| Conteúdos ou assuntos tratados nessas aulas | | | | | |
| Importância dessas aulas para o teu desenvolvimento | | | | | |
| Importância da continuidade destas aulas na escola | | | | | |

| | Mau/Má | Insuficiente | Suficiente | Bom | Muito bom |
|------------------------------------------------------------|--------|--------------|------------|-----|-----------|
| O à-vontade do Professor quando falou dos assuntos foi.... | | | | | |
| As formas que usou para nos apresentar os assuntos foi.... | | | | | |
| O material que o Professor usou foi.... | | | | | |
| A participação que o Professor pediu ao alunos foi.... | | | | | |

5ºGRUPO – Peça a tua opinião sobre a educação sexual na escola. Coloca um X na quadrícula que corresponde à tua opinião. (Majova, 2002)

| | Concordo totalmente | Concordo | Concordo parcialmente | Discordo | Discordo totalmente |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|----------|-----------------------|----------|---------------------|
| 1.A educação sexual deve ensinar os alunos sobre o uso de preservativo como meio de evitar IST(infecções sexualmente transmissíveis) | | | | | |
| 2.É uma vergonha que a educação sexual informe os alunos sobre o uso de preservativo | | | | | |
| 3.Acho que os Pais, em casa, não estão a fazer o que é preciso, em relação à educação sexual | | | | | |
| 4.Ensinar os alunos sobre educação sexual não é correcto | | | | | |
| 5.Acho que ensinar os alunos sobre educação sexual é uma perda de tempo | | | | | |
| 6.Concordo com a ideia de dizer “ não ” às relações sexuais antes do casamento | | | | | |
| 7.Acho que a educação sexual é aceitável se for feita a partir da televisão | | | | | |
| 8.Não me sinto à vontade, quando falam sobre educação sexual | | | | | |
| 9.Sinto-me à vontade quando leio revistas que falam sobre educação sexual | | | | | |
| 10.Não tenho nada contra educação sexual, desde que ensine aos alunos sobre como evitar IST (infecções sexualmente transmissíveis) | | | | | |
| 11.Eu acho que os professores não estão a ensinar-nos o que é preciso sobre educação sexual | | | | | |
| 12.A Educação sexual é um aspecto importante nas nossas vidas | | | | | |
| 13.Acho que é errado para uma pessoa da minha idade ter aulas de educação sexual. | | | | | |
| 14.Ensinar os alunos sobre educação sexual é adequado | | | | | |
| 15.A Educação sexual é adequada para mim, se for ensinada através da rádio | | | | | |
| 16.Não gosto de educação sexual, porque leva a ter vários namorados ou namoradas | | | | | |
| 17.Educação sexual deverá ser encarada de maneira séria, porque reduz os mitos sobre a sexualidade | | | | | |
| 18.Educação sexual deve promover a ideia de que, não deve de haver relações sexuais antes do casamento | | | | | |
| 19.Falei sempre à vontade com os meus pais sobre educação sexual | | | | | |
| 20.Interesso-me por educação sexual, porque os meus amigos também se interessaram | | | | | |
| 21.Não gosto de educação sexual porque leva os alunos a praticar o que aprendem na escola. | | | | | |
| 22.Não estou interessado em educação sexual | | | | | |
| 23.Fico chateado/a se não me deixarem receber aulas de educação sexual | | | | | |
| 24.Educação sexual não devia ser leccionada porque provoca a gravidez na adolescência | | | | | |
| 25.Estou interessado na educação sexual | | | | | |
| 26.Educação sexual não é um aspecto importante nas nossas vidas | | | | | |
| 27.Para crianças, a educação sexual deverá ensinar apenas sobre os órgãos do corpo humano | | | | | |
| 28.Preciso de saber mais sobre educação sexual | | | | | |
| 29.Não quero frequentar aulas de educação sexual | | | | | |
| 30.Gosto de educação sexual, desde que ensine como não ter relações sexuais antes do casamento | | | | | |
| 31.Não falo sobre educação sexual com os amigos | | | | | |
| 32.Gosto de educação sexual, desde que os pais sejam também incluídos | | | | | |
| 33.As pessoas que gostam de educação sexual deveriam viver à parte das pessoas que não gostam de educação sexual | | | | | |
| 34.Desligo a televisão quando transmitem programas sobre educação sexual | | | | | |
| 35.Devem fazer tudo para que a educação sexual seja uma disciplina na escola | | | | | |
| 36.Não leio revistas que falam sobre educação sexual | | | | | |
| 37.Falar de educação sexual ou de relações sexuais é o mesmo assunto | | | | | |

6ºGRUPO- Pensa nas aulas de Educação Sexual. Peço-te que escrevas 3 assuntos tratados que:

Nos quais, as tuas dúvidas foram respondidas

1: _____

2: _____

3: _____

Consideras mais importantes para a tua idade.

1: _____

2: _____

3: _____

Obrigada pela tua colaboração 

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção

Anexo IX – Programa de Educação Sexual Implementado

Suporte Digital

Atitudes dos adolescentes face à Educação Sexual na Escola
Desenvolvimento e avaliação de uma intervenção